



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais, Administração e Educação

Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3ºciclo do Ensino Básico e no
Ensino Secundário

«Per Speculum» Explorando a Tradução Artística da Identidade

Dissertação de Mestrado apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de mestre em Ensino de Artes Visuais no 3ºciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientada pelo Professor Doutor João Filipe Ribeiro Borges da Cunha

Maria Manuel Cavaqueira Carrascal Rodrigues

2024

Centro Universitário de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais, Administração e Educação
Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no
Ensino Secundário

«Per Speculum» Explorando a Tradução Artística da Identidade

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada
defendido em provas públicas para obtenção do
Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ensino
das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no
Ensino Secundário, conferido pela Universidade
Lusófona - Centro Universitário de Lisboa no dia 8
de março de 2024, perante o júri, nomeado pelo
despacho de nomeação de júri nº 703/2024 de 14 de
fevereiro de 2024 com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Maria Constança
Pignateli de Sousa e Vasconcelos

Arguente: Professora Doutora Filipa Alexandra
Gomes de Oliveira Antunes

Orientador: Professor Doutor João Filipe Ribeiro
Borges da Cunha

Maria Manuel Cavaqueira Carrascal Rodrigues

2024

EPÍGRAFE

Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei de manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: 'Afinal de contas quem sou eu?' Ah, este é o grande enigma.

Lewis Carroll

DEDICATÓRIA

À minha Mãe que
ausente se faz presente.

AGRADECIMENTOS

Em particular ao meu companheiro, de sempre e para sempre, pelo apoio incondicional perante todos os desafios a que me proponho.

Ao Professor Doutor João Borges da Cunha, orientador científico desta dissertação, pela transmissão de conhecimentos, dedicação e cuidado com que acompanhou esta investigação.

Às Professoras Doutoras Constança Vasconcelos e Inês Marques, pela forma como representam e se empenham no percurso de todos os alunos deste mestrado.

A todos os professores do mestrado pela transferência de aprendizagens preponderantes para o exercício da profissão docente.

À orientadora da Prática de Ensino Supervisionada, Professora Ana Teresa de Oliveira, pela entrega e forma como acreditou no nosso trabalho.

Por todos os momentos e partilhas vividos na Escola Paulo da Gama, junto dos alunos, docentes e não docentes.

Um agradecimento especial, ao Professor Doutor José Manuel Castanheira pela partilha da experiência profissional e participação neste estudo. E na mesma condição, ao Mário Rainha Campos, responsável pelo serviço educativo da Casa da Cerca, pela apresentação da «Câmara de desenhar» e contribuição para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos colegas Carla, Inês, Isabel e Sílvia pelo apoio incondicional nesta jornada académica.

A todos os que testemunharam este prazeroso percurso reconheço o seu contributo fundamental mediante palavras e ações.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

AEPG – Agrupamento de Escolas Paulo da Gama

APA – American Psychological Association

ASE – Ação Social Escolar

PES – Prática de Ensino Supervisionada

UD – Unidade Didática

RESUMO

Esta investigação realizada num processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais, através da implementação da unidade didática «Eu sou como sou...» - (Re) Interpretação da identidade reflexiva, realizada com alunos na disciplina de Educação Visual, explora a possibilidade de traduzir a identidade, com recurso ao fenómeno especular e à sua reprodução plástica.

Para melhor análise dos resultados, contempla ampla pluralidade de teorias humanas e sociais, nomeadamente ensaios e conceitos como *Unheimlich* de Sigmund Freud, a análise semiótica e fenológica do espelho de Umberto Eco e constatações dos conceitos de Pierre Bourdieu, *habitus* e *capital de prestígio*. E práticas artísticas, ao longo da história da arte, na demanda de uma tradução identitária plural do indivíduo, desde o classicismo à contemporaneidade.

O processo de investigação ação, contribuiu para que o professor observador, mediante análise sobre as autorrepresentações plásticas dos alunos, faz com que desencadeei reflexões, proporcionando experiências imersivas na procura de respostas para perguntas como: Como me vejo? Como os outros me vêem? Como me dou a ver? Ou como realmente sou?

Através da análise dos dados recolhidos, concluímos que práticas artísticas holísticas e a ideia especular são contributos essenciais para à transmissão e consolidação da autorrepresentação.

Palavras-Chave: Espelho; Autorrepresentação; Identidade; Tradução; Ensino-aprendizagem; Artes Visuais.

ABSTRAT

This research carried out in a teaching-learning process in Visual Arts, through the implementation of the didactic unit «I am as I am....» - (Re) Interpretation of reflective identity, carried out with students in the Visual Education discipline, explores the possibility of translating the identity, using the specular phenomenon and its plastic reproduction.

For a better analysis of the results, it includes a wide plurality of human and social theories, namely essays and concepts such as Sigmund Freud's *Unheimlich*, the semiotic and phenological analysis of Umberto Eco's mirror and findings on Pierre Bourdieu's, concepts of *habitus* and prestige capital. And artistic practices, throughout the history of art, in the demand for a plural identity translation of the individual, from classicism to contemporary times.

The action research process contributed to the observation teacher, through analysis of the students' plastic self-representations, triggering reflections, providing immersive experiences in the search for answers to questions such as: How do I see myself? How do others see me? How do I present myself? Or how I really am?

Through the analysis of the data collect, we conclude that holistic artistic practices and the specular idea are essential contributions to the transmission and consolidation of self- representation.

Keywords: Mirror; Self-representation; Identity; Translation, Teaching-learning; Visual Arts.

ÍNDICE GERAL

Índice de figuras	10
Índice de gráficos.....	12
Índice de tabelas.....	13
Introdução	14
Parte I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	19
Capítulo 1. O Espelho/Objeto e o Espelho/Sujeito	20
Capítulo 2. Do «eu» individual ao social.....	21
2.1. Do heimlich ao Unheimlich - A surpreendente estranheza do ser e de se ver	21
2.2. O «Eco» identitário do espelho.....	22
2.3. Pierre Bourdieu e o conceito dos <i>habitus</i> ao capital de prestígio	24
Capítulo 3. Admirável Mundo do Espelho	26
3.1. Dos atos ao «retrato»	27
3.2. Reflexos na contemporaneidade	34
Parte II – ESTUDO EMPÍRICO	50
Capítulo 4. Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada	51
4.1. Metodologia	51
4.2. A Escola E.B. 2,3 Paulo da Gama.....	52
4.2.1. Contextualização sociocultural e histórica da escola.....	52
4.2.2. Enquadramento socioeconómico do meio envolvente.....	53
4.3. Caraterização da população alvo /turma	54
Capítulo 5. A «Práxis» Pedagógica	56
5.1. Construção da Unidade Didática	57
5.2. Implementação da Unidade Didática.....	57
5.2.1. Planificação.....	58
5.2.2. Avaliação.....	60
5.2.3. Operacionalização.....	61
5.2.3.1. Apropriação e Reflexão «D1»	62
5.2.3.2. Interpretação e Comunicação «D2»	62
5.2.3.3. Experimentação e Criação «D3»	63
5.3. Tratamento de dados e métodos de análise	65
5.3.1. Análise de conteúdos visuais.....	68
5.3.2. Análise hermenêutica.....	73

CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

APÊNDICES	I
APÊNDICE I – Planificações	II
APÊNDICE II – Planos de Aula	II
APÊNDICE IV – Apresentação da Unidade didática e Oficina de Monotipia	IV
APÊNDICE V – Oficina de monotipia «Ao Espelho»	V
APÊNDICE VI Participação na Feira de Projetos promovida pela CMS	VII
Workshop de Monotipia dinamizado pelos alunos do 9ºano F	VII
APÊNDICE VII – Oficina de String Art «D3»	IX
APÊNDICE VIII – Interpretação e Desconstrução do retrato cubista	XII
APÊNDICE IX – Autorretrato Retrato Cubista – «D3»	XIV
APÊNDICE X-Exposição virtual dos trabalhos	XVI
APÊNDICE XI- Entrevistas	XVII

Índice de Figuras

Figura 1. O Casal Arnolfini de Jan Van Eyck 1434.....	28
Figura 2. Las meninas Diego Rodriguez Velázquez	30
Figura 3. Menina lendo uma carta à janela aberta de Johannes Vermeer	32
Figura 4. Um bar no Folies-Bergère de Édouard Manet.....	33
Figura 5. Untitled Film Still #14 de Cindy Sherman.....	35
Figura 6. Untitled Film Still #56 de Cindy Sherman.....	35
Figura 7. Masks Untitled #316 de Cindy Sherman.....	35
Figura 8. The Seniors Project «12» de Nikki S. Lee.....	36
Figura 9. The Punk Project «8» de Nikki S. Lee.....	36
Figura 10. The Hispanic Project (1) de Nikki S. Lee.....	36
Figura 11. The Hip Hop Project (1) de Nikki S. Lee.....	36
Figura 12. The Yuppie Project (17) de Nikki S. Lee.....	36
Figura 13. Self-Portrait with Camera de Man Ray	38
Figura 14. Autorretrato con sombrero de Carlos Jurado.....	39
Figura 15. Autorretrato con cámaras de Carlos Jurado.....	39
Figura 16. Autorretrato. Estrutura. Informe, 9.6.1972 de Teresa Jurado.....	40
Figura 17. Cell XXVI de Louise Bourgeois	42
Figura 18. Cell (Eyes and Mirrors) de Louise Bourgeois	42
Figura 19. Cell (Spider) de Louise Bourgeois,	42
Figura 20. Infinity Mirrored Room de Yayoi Kusama	43
Figura 21 Séries Dentro de mim de Helena Almeida.....	44
Figura 22. Série Dentro de mim de Helena Almeida.....	44
Figura 23. Pintura Habitada de Helena Almeida	45
Figura 24. Sombras Projetadas de Lourdes Castro	46

Figura 25. Toucador de Ana Vieira.....	48
Figura 26. Nox # Untitule de Jorge Molder.....	49
Figura 27. Nox (18) de Jorge Molder.....	49
Figura 28. Objeto Pedagógico/Artístico.....	57
Figura 29. Logótipo da UD.....	58
Figura 30. Padlet «Museu na sala de aula».....	62
Figura 31. Desconstrução do Retrato Cubista.....	63
Figura 32. Efígie Transitória de Ana Vieira.....	65
Figura 33. «Numa palavra esta aula foi...».....	68
Figura 34. Palavras que definem cada aluno - Mentimeter.....	68
Figura 35. Momentos mais importantes da UD.....	69

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Análise da Criatividade autorregulado por cada aluno.....	67
Gráfico 2. Análise da Autonomia autorregulado por cada aluno.....	67
Gráfico 3. Análise do Produto autorregulado por cada aluno.....	68
Gráfico 4. Avaliação da Unidade Didática registada por aluno.....	69
Gráfico 5. Fases da Unidade.....	70
Gráfico 6. Conhecimentos técnicos.....	70
Gráfico 7. Aplicação de conhecimentos a novas realidades.....	70
Gráfico 8. Revelação de originalidade e criatividade.....	70
Gráfico 9. Autonomia e responsabilidade.....	70
Gráfico10. Dinamização da oficina de monotipia.....	70
Gráfico11. Aprender e aplicar uma nova técnica.....	71
Gráfico12. Aplicação de formas criativas da técnica String Art.....	71
Gráfico13. Apresentação de evidencias realizada em pesquisa organizada.....	71
Gráfico14. Inovação no desenvolvimento de novas ideias.....	71
Gráfico15. Realização autónoma de propostas.....	71
Gráfico16. Conclusão do produto final.....	71
Gráfico17. Avaliação final.....	71
Gráfico18. Pesquisa da ficha técnica da obra	72
Gráfico19. Respeito pelas opiniões dos colegas.....	72
Gráfico20. Respeito pela apresentação dos colegas	72
Gráfico21. Pesquisa autónoma.....	72
Gráfico22. Comunicação clara dos resultados.....	72
Gráfico23. Transmissão clara das tarefas	72

Gráfico24. Esclarecimento de dúvidas	72
--	----

Índice de Tabelas

Tabela 1. Observação e registo semanal das rubricas de avaliação.....	66
---	----

Tabela 2. Observação e registo semanal das rubricas de avaliação.....	66
---	----

Introdução

Enquadramento, Problemáticas e objeto de estudo

Em tempos marcados por mudanças e eclosões sociais e culturais, também o ensino em artes visuais se encontra em adaptações constantes. A pertinência de utilização de abordagens pedagógicas diferenciadas, coloca-se cada vez mais como uma resposta cabal. Esta ideia é corroborada por Paulo Freire (1974), através da passagem de uma «educação bancária» a uma educação libertadora, em que o aluno passa de mero consumidor a protagonista de aprendizagens.

É a educação como forma de libertação e a sua efetiva ligação com o processo de fruição em artes, por parte dos alunos. A liberdade de uma ação que implica a interação entre professor educador e aluno, que através de práticas artísticas, partilham experiências enriquecedoras de interação do indivíduo com a comunidade, composta por diferentes identidades.

A presente investigação foi realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais, relato de um estudo desenvolvido ao longo da prática de ensino supervisionada, com alunos do 3ºciclo do 9ºano turma F, da Escola Paulo da Gama- Amora, com idades entre os 14 e os 17 anos. Oriundos direta ou indiretamente de países e/ou culturas diferentes, retrato da própria comunidade local.

A prática de ensino aponta educação formal e não formal, de um estudo alargado para além da comunidade educativa, através de uma análise que se alarga a agentes exteriores a essa estrutura, nomeadamente os órgãos sociais do Concelho onde a escola se encontra situada, mediante protocolos e projetos, mas que com ela trabalham para a formação/aceitação da identidade das suas crianças e jovens.

Essa prática, pretende-se que seja um reflexo de um percurso para além da primeira pessoa. É o relato de uma aprendizagem e de uma trajetória marcante, gerado por proximidade com docentes e não docentes, escola, entidades exteriores e alunos. Uma experiência social, que só poderia realizar-se com a participação de todos. Este percurso fundamenta-se através de uma construção comum de vivências, aprendizagens, superações, união, vontades e entregas.

Neste estudo, contemplando a unidade didática «Eu sou como sou...»- (Re) Interpretação da identidade reflexiva, apresentada no decorrer da Prática Supervisionada, saliento o recurso ao objeto pedagógico artístico «espelho», que de forma intencional, destaco como tradutor de reflexos do sujeito projetado na sua

superfície, porque através dele e focado no ciclo trinitário, sujeito-reflexão-objeto, que se repete e reformula através de autorretratos interpretativos, com recurso a técnicas de uso atípico no 3ºciclo do ensino básico. No exercício, pretende-se atribuir toda a primazia ao ato do olhar ao espelho, muito para além de uma rotina diária, mas de uma forma introspetiva como só uma proposta artística pode revelar.

O espelho é artefacto de fascínio, manancial gerador de criação artística autorrepresentada, por quem se observa para além do seu reflexo. O jovem aluno que demoradamente se encara, sem filtros ou imagens editadas, contraria o padrão da utilização de aparelhos, que registam imagens manipuladas.

Ao longo de séculos, a arte ousou ir de encontro a questões sociais desestruturantes, muitas vezes antecipando problemas emergentes. Várias correntes artísticas surgiram em protesto e resistência, colocando em causa visões identitárias e da inclusão no próprio sistema, e levaram a aliar a identidade à questão especular, que sempre teve relevo na história da humanidade e desde cedo o humano se questionou e viveu preocupado em solucioná-la, não só a autoimagem associada ao universo especular, mas principalmente à tradução artística da identidade. Tendo como base este paradigma, aliado ao conteúdo curricular da disciplina de Educação Visual do 3ºCiclo do Ensino Básico, nomeadamente no que concerne à autorrepresentação, abrangendo as aprendizagens essenciais através de conceitos; como o desenho do rosto humano, técnicas de expressão e a obra de arte e a sua trajetória¹.

Questões de Partida, Objetivos e Metodologia da Investigação

Em relação a esta fase do estudo, ambicionámos aglutinar os conceitos, conforme a fusão da sua abrangência e consoante esta intenção formulámos as seguintes questões de partida.

Segundo uma abordagem artística, pode a imagem especular contribuir para a tradução da identidade? Qual o contributo dessa tradução para perceção e enriquecimento dessa experiência?

A abrangência dos objetivos, foi ponderada mediante a faixa etária dos intervenientes, não caindo no erro de antecipar conteúdos que serão lecionados no ensino secundário. Ainda assim, os alunos responderam muito para além das expectativas e segundo os objetivos desenvolvidos por esta pesquisa:

¹ Em articulação com o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória.

- Contribuir para a abrangência das representações, recorrendo a criações artísticas predominantemente reflexivas, e recorrendo ao objeto espelho para proporcionar essa experiência;
- Contribuir para que o exercício artístico levante questões: Como me vejo? Como os outros me vêem? Como me dou a ver? Ou como realmente sou?
- Aplicar o conceito de multiplicidade do «eu», através de reproduções artísticas holísticas do ser;
- Aplicar ao exercício a recorrência a signos, fazendo compreender o seu carácter semiológico;
- Analisar se todo o processo se concretiza, para além de uma autorrepresentação realista e que contempla a virtual.

As pertinências destes questionamentos, levam o indivíduo dentro da sua condição humana e social, a aceitar-se como realmente é, fazendo parte de um pequeno ou grande grupo, quebrando preconceitos ou desigualdades culturais e/ou sociais, protagonista de um processo evolutivo de identidade.

O recurso à metodologia investigação ação, utilizado na realização desta investigação, para além da observação e da reflexão das práticas letivas, segundo uma pesquisa qualitativa, inclui a triangulação dos dados recolhidos, através de entrevistas semiestruturadas realizadas a arte educadores, com a experiência pedagógica artística e com recurso a projetos ou imagens especulares.

Apresentação do Quadro Teórico e do Documento

Das referências teóricas desenvolvidas nesta investigação, salientamos aquelas que vão ser alvo de um estudo mais aprofundado, relacionadas com o conceito da identidade e a sua transcrição: Umberto Eco, com a sua obra *Sobre Os Espelhos e Outros Ensaios* (1985), defende a abordagem semiológica da humanidade, da perceção e da identidade através do espelho e dos fenómenos a ele associados. Sigmund Freud, através da análise ao seu ensaio *Unheimlich* (1919), onde explora a duplicidade entre estranho e familiar, a sensação de inquietude e estranheza que surge, mas que deveria permanecer sem ser revelado ou mesmo desconhecido. O sociólogo Pierre Bourdieu, estudou o conceito de *habitus*, apesar de ser uma norma enraizada e passada em determinada sociedade, mas que pertence às capacidades artísticas humanas e o capital de prestígio atribuído à arte, valorizando-a e enaltecendo-a. A reflexão de Jacques Lacan, sobre o fenómeno limiar do espelho que impõe os limites entre o imaginário e o real. O Analista e Filósofo, Gaston Bachelard, ao examinar as imagens mentais, memórias e experiências subjetivas relacionando-as com a perceção e criação

de novas imagens. O enquadramento histórico preconizado por Ian Mortimer, da importância do conceito de individualidade dado pelo espelho. Bertolt Brecht, aborda a transcendência da arte, indo além de palavras e ações. O filósofo, historiador e teórico social francês Michel Foucault, no seu livro, *As Palavras das Coisas*, interpreta signos, objetos e personagens do quadro *Las Meninas* de Diego Velázquez. O historiador de arte holandesa John Michael Montias, no seu livro “Vermeer and His Milieu: A Web of Social History”, tecendo paralelismos entre os pormenores artísticos que corroboram a teoria e o facto de Veemer, ter recorrido à câmara escura para reproduzir fenómenos luminosos representados. A propósito do conceito de identidade Zygmunt Bauman (2005), refere-a como líquida, enfraquecida, mas ligada ao mundo que nos rodeia, inevitavelmente condiciona a sua tradução.

No que concerne, a obras de arte e artistas que aplicam a tradução identitária de imagens especulares não revelam necessariamente a associação ao fenómeno físico especular, mas também ao ilusório através da representação simbólica da ideia de máscara. Esta investigação levou a uma pesquisa sobre artistas, através de recolha de dados em entrevistas na primeira pessoa, explicativas do tipo de abordagem artística adotada, igualmente a catálogos e a análise de curadores das suas exposições, e também a depoimentos em sites oficiais e em livros que os apresentam, e que incorporam o princípio especular de se autorrepresentar ou passar pela representação de outras pessoas, revelam meios ou formas de traduzir a sua identidade ou de outros. Das obras e dos artistas que reproduziram este conceito antes da contemporaneidade, destacamos a obra *O Casal Arnolfini* de Van Eyck (1434); *Las meninas* de Diego Velázquez (1657); *Menina lendo carta à janela aberta* de Johannes Vermeer (1659) e *Um bar no Folies Bergère* de Édouard Manet (1882). Da Arte Contemporânea, com o intuito de assumir outras identidades, a ideia de máscara em *Untitled Film Stills*(1977-1980) e *Masks* (1995) de Cindy Sherman, e também na sua série “Projetos”,(1997-2001) de Nikki S. Lee; o recurso para além do autorretrato através da fotografia e de representações inovadoras em *Self-Portrait with Camera* (1932) de Man Ray, *Autorretrato con sombrero e Autorretrato con cámaras* (1973) de Carlos Jurado, do autorretrato e a estrutura identitária burocratizada peruana *Estrutura. Informe*, 9.6.1972 (1972) de Teresa Burga; ou na série de instalações *Cells* onde universo artístico simbólico de Louise Bourgeois, está repleto de horripilantes signos da sua infância. O conceito associado a infinidade de identidades em *Infinity Mirrored Room* e a maior parte das obras de Yayoi Kusama que na universalidade focam a individualidade. Ou por fim, a identidade materializada por obras de artistas Lusófonos, como a transposição das fronteiras do corpo, pelo uso do espelho como meio de ir além da tela, utilizada na

série *dentro de mim* (2001) ou na obra *pintura habitada* (1976) de Helena Almeida; na série *Sombras Projetadas* (1965 -1968) de Lourdes Castro, passando a ideia de que as sombras escondem e descobrem o que nelas se revê; na assemblage *O Toucador* (1973) de Ana Vieira, a artista coloca o espetador numa situação dupla, revelando ambientes, rostos e objetos que se colocam entre o sujeito que se vê ou se revê neles, e nos permite ver para além de nós próprios. E ainda, na série *Nox* do fotógrafo Jorge Molder, e o seu mundo do duplo emergente entre o eu e o outro, que representa o humano e a sua identidade.

Para melhor contextualização e perceção do presente relatório de investigação, a sua estrutura foi dividida em duas partes, delimitadas por a presente Introdução e Conclusão. A primeira parte é constituída pelo Enquadramento Teórico dividido em três capítulos: o primeiro confronta o conceito de espelho objeto com o de espelho sujeito, e a sua importância conjunta para a tradução da identidade. No segundo capítulo, relata o fenómeno especular segundo os ensaios e/ou as teorias socio humanísticas de Freud no *Unheimlich*. Umberto Eco na sua análise semiótica e fenomenológica do espelho. E de Bourdieu, na constatação da experiência especular associada ao conceito de *habitus* e do capital de prestígio. No terceiro capítulo, faz-se alusão, por ordem cronológica a obras de arte e/ou artistas que se distinguiram, traduzindo identidades através de produções artísticas.

A segunda parte é constituída pelo Estudo Empírico dividido em dois capítulos, o primeiro intitulado de Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada, apresenta a metodologia investigação ação utilizada na prática profissional, e consequentemente neste estudo, aborda a caracterização, enquadramento do estabelecimento de ensino e da população alvo, através da turma em questão. O segundo capítulo, denominado a «Práxis» Pedagógica, composto por dois subcapítulos. A Construção e a Implementação da Unidade Didática «Eu sou como sou...» - (Re) Interpretação da identidade reflexiva. A primeira descreve a sua elaboração com recurso a metas curriculares do ensino básico, propostas para o 9ºano da disciplina de Educação Visual, aplicadas nesta UD. Em relação à segunda, a implementação da UD, aborda a tríade, planificação /avaliação /operacionalização, onde todas as fases são reestruturadas, através do processo interventivo de autorregulação dos alunos caso a caso.

Este projeto de investigação, foi executado conforme as normas APA, da «American Psychological Association», de modo particular em citações e referências bibliográficas.

Parte I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 – O Espelho/Objeto e o Espelho/Sujeito

A natureza simbólica e cultural dos fenómenos especulares, o desenvolvimento de estudos associados ao espelho realizados por Umberto Eco, na sua obra *Sobre Espelhos e outros Ensaio* (1985), através deste dispositivo enigmático explora aspetos da condição humana, da perceção e da identidade.

Para melhor compreensão da dualidade interpretativa, objeto *versus* sujeito, os estudos semiológicos desassociam os dois conceitos. O conceito objeto necessariamente ligado à objetividade, realidade visível, tal qual se apresenta e em concreto percecionado pelo observador. Enquanto, o conceito sujeito conectado à subjetividade interpretativa, virtualidade do observado e a todo o espetro do invisível, o que vulgarmente se denomina de abstrato.

O espelho objeto constitui-se pela sua composição material, física e tangível, considerado instrumento ótico, alvo de estudos que não pretendemos abordar. Meio de produção de um significado, no nosso caso, de uma imagem especular segundo uma interpretação ligada ao desenho, e consequentemente às artes plásticas. Portanto, conforme a análise de Eco (1985), obviamente que sem recurso ao espelho, a capacidade de vislumbrarmos a nossa própria imagem, ou até uma reprodução imagética do que se encontra fora do nosso ângulo de visão, seria um processo complexo. Assim o objeto espelho, pode definir-se como um promotor e tradutor de uma imagem inacessível à nossa visão.

A noção de espelho sujeito, associada à interpretação subjetiva da imagem refletida, para além do visível é dependente dela. Para a visão semiótica, a reprodução visual da imagem alvo de reflexo, é um signo mediante um significado provido de sentido para quem a vê. Por analogia, o espelho sujeito gera a interpretação do significante, da imagem refletida, levando à construção de sentido. A propósito da formação de imagens interpretativas, Gaston Bachelard afirma: “Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela perceção, é sobretudo a faculdade de nos libertarmos das imagens primeiras, de mudar as imagens.” (Bachelard, 1990, p.1)

A experiência humana da identidade, especialmente pela realização de criações artísticas, para ser mais global, deve entrelaçar essas as duas conspeções, a real e ficcionada.

Capítulo 2 – Do «eu» individual ao social

2.1. Do heimlich ao Unheimlich - A surpreendente estranheza do ser e de se ver

Dentro da ambiguidade de que advém a palavra Unheimlich, «A inquietante estranheza» ou «estranha familiaridade», dá nome ao texto de Sigmund Freud, o prefixo «Un» inverte o conceito original, essa inversão abre diversas possibilidades, deriva de vocábulo heim que quer dizer lar. O “In familiar” (Freud, 1919) seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que vem à superfície. Do latim, interpretado por K.E. Georges e citado em nota por Freud, *intempesta nocte*, que pode derivar a experiência especular da tempestade interpretativa do eu, pelo seu lado mais «obsuro» associado à ideia de noite que poderá ser revelado, o que outrora era oculto, mantido escondido, mais tarde reconhecido como parte do eu.

A conceção do eu, da sua metamorfose, se assim nos podemos referir a este momento impactante, apesar de irreflexivo, pode ser colmatado através da experiência artística, trazida por essa aceitação do confronto com a própria imagem, que pode remeter para um surpreendente outro que não deixa de ser o próprio.

O paradoxo entre *heimlich* e *Unheimlich*, como refere no seu ensaio Freud (1919) coincide com o seu oposto, tornando-se um horripilante axioma. A questão do familiar e do in familiar, agrupa e divide essas duas realidades indissociáveis, por um lado lugar de confortável permanência, de parentesco, mas em simultâneo inconsciente, por outro questionável que permanece calado e encoberto, mas também apto para surgir aceitação.

Na visão narcísica, em que o mundo funciona mediante vontade própria, permanece a dúvida entre o real e o fantástico, e da dificuldade de lhe impor limites. Freud refere o conto do *Homem de Areia* de Hoffmann, que salienta a inquietante estranheza pelo medo de perder os olhos, localiza o estranho nesse medo, “trata-se do familiar que é conhecido e do in familiar, e do contrário, do desconhecido, ou seja: trata-se do mesmo e do duplo.” (Freud, 1919)

A passagem dum ritual quotidiano para uma introspeção, a partir de um espelho, implica abrir um espaço, um lugar obscuro que não pretendemos revisitar, é submergir no desconhecido, mas em simultâneo conhecê-lo. Nesta fronteira ténue entre a transposição de uma barreira, surge essa luta e a limitação do reconhecimento. Tal como o espelho nos permite refletir nessa interiorização, a criação artística não advém só do pensamento, mas de inquietações e angústia. A magia desse ato fantástico, não

no sentido de encarar ações, mas contando com isso, leva-nos a definir e a identificar com ele. Para Bertolt Brecht² (2008), a experiência artística em geral, fala-nos de coisas que não podem ser ditas de outra forma. A arte, para além de espelho, do eu e separados de nós, como se fosse duplo e aqui não estivesse.

O fenómeno do duplo foi percecionado pelo próprio Freud, numa viagem de comboio onde adormeceu, ao acordar assustou-se, porém, era a sua própria imagem refletida no vidro, baseado nesta situação, Freud afirma “este medo não nos remete a outra coisa mais profunda senão aquela que provocaria o tão efeito de estranheza assim é necessário ser remetido de substituto em substituto de algo que está recalcado e que jamais se mostra como tal.” (Freud, 1919)

A inquietante metamorfose do duplo, apesar da sua unicidade, é vista por Freud (1919) como a imagem por nós reconhecida, mas guardada por recalcamto, fonte de incertezas de quem somos, mas apesar disso no fundo reconhecemo-nos. O duplo convertido à personificação do horror e da compulsão, é percebido como estranho apesar de não o ser. O «elemento» que amedronta, pode mostrar-se como algo reprimido que retorna. O estranho não é algo novo ou alheio, porém algo familiar estabelecido na mente, somente se alienou através do processo de repressão.

O retorno do que estava recalcado, de algo conhecido que se esqueceu, mas através de uma experiência que movimenta, vem à superfície algo superado, mas voltou de alguma forma e quando volta não é reconhecido pelo indivíduo que julga que não tem o conhecimento disso, mas tem.

Deparar com algo, gera angústia, horror que foi reprimido dentro de nós, censurado e que num processo de repetição e identificação anterior: o experienciar, o observar, revisitar e aceitar, facilita inevitavelmente a percepção, e daí a evolução das criações representativas de nós mesmos.

2.2 O «Eco» identitário do espelho

Na sua obra *Sobre os Espelhos e Outros Ensaios*, Umberto Eco (1985) para definir o espelho, questiona se os fenómenos semióticos e as imagens especulares são signos, concluindo que faria mais sentido provar que não o são. Sendo que, permanece

² Citado Conversa com Liliana Coutinho e Jorge Silva Melo PORTA33 — 19.07.2008, segundo a exposição *Sobre In/Visibilidade*

a dúvida, caracterizá-los a partir dos signos para os espelhos, ou partindo dos espelhos para caraterizar os signos.

Ora, em relação ao espelho e à sua definição, Umberto Eco refere-a como toda a superfície regular que tem a capacidade de refletir a radiação luminosa incidente.

Sendo o homem um *animal* semiótico, esse facto não implica que Ele o seja, devido à sua experiência especular. Também, não temos certezas de a origem da semiose ser a perceção ou vice-versa. Este filósofo, considera as interpolações de Jacques Lacan, sobre o estágio do espelho dando a entender, que a experiência especular e a perceção atuam a par uma da outra. Tendo em conta esse estágio de Lacan, Eco afirma que “O espelho é um fenómeno-limiar, que marca os limites entre o imaginário e simbólico.” (Eco,1985, p.12)

Nunca poderemos esquecer que o espelho é um lugar de ilusões, coloca-nos dúvidas do que realmente estamos a ver e se somos realmente nós do outro lado de lá. Umberto Eco, lida de forma exímia em relação a este questionamento, considerando que podemos acompanhar a imagem de base, percebendo que através dos movimentos existe naturalmente essa identificação. Perante o espelho, o humano compreende o efeito especular, porque sabe que “não há um homem no espelho e que aquele a quem se deve atribuir esquerda e direita é o que olha, e não aquele «virtual» que parece olhar o observador.” (Eco,1985, p.17)

A relação indissociável entre o humano e o espelho, necessária para todas as representações artísticas identitárias, e como afirma Eco (1985) é o facto de que a pessoa para se ver a si própria, terá que se ver sempre ao espelho. A «fantasia» dos espelhos permite-nos ver melhor o mundo, na possibilidade de introspeção em extensão e intrusão, até nos podemos ver como os outros nos veem. O humano fazendo-se passar por uma experiência única, sem semelhança a outras vividas, meio por excelência para tradução mediada por abordagens artísticas.

A singular experiência especular e a sua riqueza interpretativa, no limiar entre o percecionado e o seu significado, em que o sujeito vivencia a sua própria imagem, sofre essa «ressurreição», a virtual duplicação da imagem, sendo tentado a considerar-se outro.

Desde sempre, as artes sobretudo as plásticas, têm sido inspiradas pela interação e encantamento dos espelhos, corroborado por Umberto Eco referindo-se ao desenho, como procura de um signo que represente as mesmas caraterísticas

especulares e ao fato de se desenhar “para realizar sem o espelho o que o espelho permite.” (Eco, 1985, p.21)

Todavia, como atesta Eco, a imagem especular não é uma réplica do objeto ou sujeito, mas sim a possibilidade de olhar o objeto/sujeito, em vez de observá-lo através da imagem refletida. Assim não nos deixemos enganar por a “virtualidade capaz de dar a impressão da realidade.” (Eco, 1985, p.43)

A linguagem e o caráter universal das artes, faz com que se encontrem aptas para interpretar e representar imagens especulares, de forma a serem potenciais tradutores da identidade.

2.3 Pierre Bourdieu e o conceito dos *habitus* ao capital de prestígio

A etimologia de *habitus* remonta à antiga noção aristotélica de *hexis*, modo de identificação de características humanas, corpo e alma, obtidas durante o processo de ensino aprendizagem. É também associado ao padrão de comportamento a que Pierre Bourdieu (1989) se refere, com as devidas reservas, como *modus operandi*, tendo a essa norma evidenciado a capacidade humana de criar, inventar e inovar.

Para a produção de uma teoria que identifique o conceito, Bourdieu considerou como questão central a mediação entre o indivíduo e a sociedade, até então julgadas antagónicas, ou seja conciliar duas realidades aparentemente opostas, criando diálogo entre o universo objetivo e subjetivo de cada um em particular, na sua individualidade.

O paradigma do *habitus*, próprio do humano, implica escolhas não deliberadas ou acidentais, fruto de uma conceção particular do agente social, mas das vantagens do grupo a que quer pertencer. O humano tende a acreditar que age livremente, rege as suas decisões e atos sem necessitar de concebê-los. Mas para Bourdieu, essa ação representa que os comportamentos são influenciados, construindo tendências para seguir os padrões sociais pré-existentes, mesmo acreditando que assim não seja.

O *habitus* não está predestinado nem é inato, nasce de questionamentos, desafios e experiências conscientes ou não conscientes. No mundo contemporâneo, o processo de construção de identidade social, leva o indivíduo a fazer as suas próprias escolhas, “[o] *habitus* não é destino, como se vê às vezes. Sendo produto da história, é um sistema de disposição aberto, que é incessantemente confrontado por experiências novas e, assim, incessantemente afetado por elas.” (Bourdieu, 1992, p. 103)

O *habitus* não sendo um campo estanque, sofre alterações, é através da trajetória desse espaço social que se acompanham as respetivas mudanças. Atestado pela afirmação

“o espaço social global como um campo, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua disposição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura.” (Bourdieu, 2007, p.50)

O campo social balizado por um princípio de autonomia, ajustamentos a realidades impostas por apresentação de situações novas e imprevistas, podem determinar a duração dos *habitus*.

A trajetória do indivíduo depende do campo social e das experiências acumuladas ao longo do seu percurso. São produtos de trajetos distintos, em espaços diferentes partilhados e vividos dentro de uma família, escola, comunidades, pequenos ou grandes grupos e experimentado nessas estruturas. Ora uma situação real é sempre estruturada e temos sempre de nos posicionar, o individual nunca poderá ser dissociado do coletivo, portanto fora do social.

Os atos simbólicos nunca serão desinteressados, têm um intuito de ganhar visibilidade o devido reconhecimento. O intervalo temporal entre a dádiva e a retribuição faz os bens simbólicos circular recíproca. “Se o desinteresse é sociologicamente possível, isso só ocorre por meio do encontro entre *habitus* predispostos ao desinteresse e universos nos quais o desinteresse é recompensado.” (Bourdieu, 2007, p.153)

Objetivamente, o capital simbólico, ou de prestígio, acontece quando alguém reconhece a importância do outro. A aceitação das pessoas que fazem parte do respetivo campo social reconheçam-lhe valor, prestigiando livremente a sua identidade. “O capital simbólico é uma propriedade qualquer «de qualquer tipo de capital, físico, económico, cultural, social», percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las, «percebê-las» e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor.” (Bourdieu, 2007, p.107)

Concretamente, o valor simbólico e o carácter emancipador da arte e do seu ensino, questiona ideias pré-estabelecidas, como desperta o espírito crítico e aprofunda reflexões sobre o poder de transmitir ideias e mensagens. Tal como afirma Bourdieu as radicalidades das revoluções simbólicas supõem uma subversão dos instrumentos de

conhecimento e das categorias de perceção. Neste sentido, a arte e o seu ensino prestigiam por força da sua radicalidade.

Ora, se determinado indivíduo lidar com frequência com agentes sociais que potenciem a observação, a interpretação e a criação, será tanto mais propenso a observar, a interpretar e a criar. Assim sendo possível colocá-lo como *protagonista* de uma experiência especular, que o predispõe a traduzir a sua própria identidade, agente capaz de escolhas e representações de uma imagem plural do consciente ou não consciente, com base nas práticas que mantém o mundo, na forma de um *habitus* social incorporado.

Capítulo 3 – Admirável Mundo do Espelho

O humano e o espelho estabeleceram relações à medida da sua evolução, indestrinçáveis da própria realidade e da ficção. O objeto e o seu simbolismo podem transmitir vaidade, beleza, luxúria, ausência, presença, intriga, ilusão, memória, reflexos, emoções, o inesperado, conhecimentos de si e dos outros que o olham e que com ele interagem. A relação estabelecida pelo humano com este objeto ímpar, é analisada por diversos ramos das ciências, não só exatas como na esfera das humanidades.

Vermo-nos na imagem refletida, fala-nos do quotidiano, traz à tona o que observamos e sentimos, daí a importância concreta da experiência vivida na primeira pessoa, diferente do que é relatado pelos outros sobre nós mesmos. Só nos conhecemos efetivamente através de imagens ou fotografias. Como nos poderíamos ver?

Para além disso, as imagens especulares proporcionam-nos efeitos efémeros de retratos mentais ilusórios, por vezes confundido o real com o imaginário. Quem não teve a oportunidade de viver estes momentos?

O ápice da criação artística dá-se quando traduzimos a nossa própria imagem através da autorrepresentação, além do visível contemplando o não visível. Só a arte permite essa amplitude abrangência, possibilita uma visão integral de nós mesmos, além de ocasionar a experiência plena do eu.

A história do espelho é indissociável da sua representação artística, o registo pormenorizado da sua existência, no fundo a arte ao serviço da história através de registos gráficos.

Nesta época, uso do espelho era raro, pelo seu preço e difícil aquisição. O autorretrato ou outra forma de representar era um privilégio só de alguns, normalmente de pessoas oriundas das classes mais favorecidas.

Os espelhos refletem a nossa aparência, mas de certa forma passaram a refletir a nossa cultura. Segundo o historiador medieval Ian Mortimer (2016), revela que a partir do século XV, os espelhos mudaram a forma como os seres humanos se viam através da melhoria da sua qualidade. Essa mudança significativa do mundo medieval para o moderno, e também “outrora as pessoas só viam a sua identidade, em relação a outros grupos, mas quando começamos a ver-nos nos espelhos, surgiu o conceito de individualidade”. (Mortimer, 2016, p.57)

Desde os primórdios da história desejamos ver a nossa imagem, mas esse conhecimento íntimo da aparência era raro, um verdadeiro luxo que só estava disponível para as classes mais favorecidas da época. Nos dias de hoje, com relativa facilidade, podemos aceder ou adquirir um espelho, tomamos a imagem especular como um dado adquirido, fazendo parte das nossas rotinas diárias.

3.1– Dos atos ao «retrato»

O Casal Arnolfini de Jan Van Eyck – Lugar de incidência testemunhal

A obra de Van Eyck, *O Casal Arnolfini*, repleta de pormenores e simbolismo que indiciam o estatuto social do casal, a presença do divino, o vínculo ao matrimónio, a fertilidade e fidelidade. Uma das certezas desta representação é a riqueza de vestuário, usado por cada um dos personagens, fazendo deles importantes figuras da época, possuindo trajes, alimentos e objetos inalcançáveis à maioria das pessoas.

A alta sociedade flamenga, no final da Idade Média, onde se situava Arnolfini por ser um importante mercador, para demonstração de tão rico património eterniza neste quadro o seu poder, influência e relações. Só um grande magnata poderia ser representado por um artista bem-sucedido como era Jan Van Eyck.

Intencionalmente, o espelho como um olho que tudo observa, é colocado no centro da composição, aumenta o mistério e coloca a dúvida de quem são as duas pessoas que estão a entrar no quarto. No momento em que decorre a cena pintada, algo significativo está a acontecer, algumas teorias indicam a realização de um matrimónio, não corroborado pela National Gallery of London, onde a obra se encontra em exposição e tem sido alvo de sucessivos estudos, aponta para um retrato duplo de

marido e mulher, apresentam-se duplamente representados na tela, uma de frente para o espetador, e outra de costas no reflexo do espelho.

O espelho traduz o efeito de compressão do espaço, expandindo-o ao mesmo tempo, dando maior realidade visual, de facto o espetador está posicionado como se estivesse no fundo do quarto a olhar em frente, o reflexo traz o mundo para além da tela até ao centro da composição.

Na Idade Média, os espelhos ovais eram muito apreciados devido ao simbolismo que acarretavam, superstições e prenúncios. Van Eyck deu-lhe destaque ao enfatizar através da forma redonda, captando toda a atenção pela sua minuciosidade e para a história que nos pretende contar.

Se alguma dúvida houvesse da presença do autor, acima do espelho na parede, a inscrição em latim «Johannes de Eyck fuit hic»³, atestando o seu testemunho independente de cena se tratasse.

Nesta obra, o simbolismo e a intriga são elevados e retratados pelo elemento central espelho, fonte de questionamentos e destaque, daí podemos concluir que o espelho aumenta o prestígio.



Figura1. O Casal Arnolfini de Jan Van Eyck (1434)
National Gallery of London

Las Meninas - De reflexos a olhares

A obra-prima incontornável do Barroco, *Las meninas* de Diego Velázquez, concluída pelo artista no ano de 1657, com a sua complexidade levou a múltiplas análises e o estudo da sua simbologia por vários autores das ciências sociais e

³ Em tradução “Jan Van Eyck esteve aqui”

humanas, ora corroborando ora discordando da visão artística. Em concreto, para a nossa investigação, ir-nos-emos focar na observação do espelho representado, e nos fenómenos e personagens com ele relacionados.

Esta obra do século XVII, foi pioneira na forma como foi dada importância ao artista, sendo um «narrador participante», autorretratando-se, que até então socialmente, a sua profissão não era alvo de consideração, o facto de estar incluído faz notar a alteração a essa prática. Nota-se igualmente o trato com referência para com a família real de Felipe XIV, a sua esposa, Mariana de Áustria e a pequena infanta Margarida, filha do casal, ladeada por aias, anões e um cão, pela reverência e consideração como encaram a representante da realeza espanhola. Apontado como mestre da utilização da sombra e da luz, Velázquez recria o ambiente da corte transmitindo ao espetador a valorização monárquica, destaca personagens e objetos recorrendo à entrada ou colocação de luz. Nomeadamente, o personagem que muitos identificam como seu primo, que se encontra na escada, desconhecendo-se se está a subir ou descer e também essa incidência junto ao espelho, que de seguida vai ser alvo de uma descrição mais detalhada.

A exemplar composição, apresenta alargado carácter fotográfico, reunindo numa mesma pintura vários momentos diferentes, apesar de que nesta época não teria sido ainda inventado um objeto que pudesse registrar os diversos planos e personagens, criando uma perspectiva incomum neste contexto histórico.

Após breve contextualização do quadro, foquemo-nos então no espelho, na sua transcrição como meio tradutor de momentos interpretados e na sua capacidade de criar relações para além da sua interpretação. Das muitas interpretações desta obra, todas elas destacam o espelho, em primeiro lugar pela sua disposição, colocada na proximidade do centro da tela, junto à convergência do eixo vertical com o horizontal que dividem esta tela ao meio, inevitavelmente canaliza o olhar do observador. Apesar da aparente distração de todas as personagens em relação a si, o artista assume que o espetador é o principal motivo da sua criação, dando-lhe a devida importância. Em segundo lugar, o espelho, embutido numa moldura retangular, fortemente delineado com o reflexo próprio de superfícies espelhadas, introduzindo essa intenção de refletir, ou até de destacar a imagem refletida que contém. Porém os personagens que ali estão refletidos, encontram-se fora da obra, ou pelo menos fora de alcance do olhar do observador, o que não parece acontecer com o artista que o pode estar a retratar ou então a ser observado por eles. Por fim, Velázquez, não só quis incluir nesta sua representação os monarcas, como também cria troca de olhares entre ele próprio e o

espetador, como se observasse um a um em particular. Esta ligação interpela, questionando o observador que se sente parte da produção artística independente da interpretação que se possa dar.

Na obra *As Palavras e as Coisas*, Michel Foucault interpreta signos, objetos e intervenientes, os presentes e os «ausentes», no quadro de Velásquez. Para ele, a primazia é atribuída a todos os olhares, aos jogos de luz e ao espelho. Reforça assim que existe uma face interior e uma outra exterior ao quadro onde o casal real se encontra.

Para reforçar essa capacidade do objeto espelho, afirma “O espelho assegura uma metátese da visibilidade que incide ao mesmo tempo sobre o espaço representado no quadro e sua natureza de representação” (Foucault, 1992 p.10). Afirmção essa que poderá eventualmente ser replicada em contextos mais abrangentes, não tão só para a pertinência desta obra.

A propósito da escolha deste quadro, subentendeu-se a relevância criada pelos fenómenos especulares que este incorpora, através das supostas ligações de centralidade, do vínculo entre o espaço visível e não visível, a relação de incómodo generalizado, catalisador e aglutinador entre espetador, artista e espelho.

No fundo, é uma abordagem particular focando a transmissão de várias identidades, independente da sua presença ou ausência, sendo integradora de todos, sem qualquer tipo de exclusão.

O retrato e o espelho, revelam assim o seu lado enigmático e oculto. Um *hétero autorretrato* em simultâneo o retrato do outro e o outro a retratar-se a si próprio.



Figura 2. Las meninas Diego Rodriguez Velázquez (1656) Museu do Prado

Johannes Vermeer - Os mistérios da indagável alegoria do espelho

O pintor holandês do século XVII Johannes Vermeer, captura a luz em objetos e direciona assim o nosso olhar para o que pretende destacar, como se de composições fotográficas se tratassem.

À semelhança de outros artistas seus contemporâneos, Vermeer recorre à utilização de espelhos, ora a superfícies refletoras, criando ambientes propícios a uma certa introspeção, intimismo, revelações do visível e invisível. O artista, desperta a curiosidade do observador por ambientes intimistas, recorre a barreiras como cortinas, portas e espaços deliberadamente entreabertos, que concentram a atenção de quem quer descobrir para além desses limites.

De um modo geral, nas suas obras, as cenas narrativas e as personagens não interagem com o observador. Nestes momentos íntimos e silenciosos, onde cada interveniente está absorvido em tarefas quotidianas, mas que o pintor faz questão de enfatizar perpetuando-as como registo histórico.

Na tela de *Menina lendo carta à janela aberta*⁴, através da linguagem especular, o artista reproduz o valor dado à carta nessa época, a sua leitura é imortalizada pela personagem que a lê, através do seu rosto e reflexo no vidro da janela. A personagem transposta para uma dimensão etérea trazida pela carta, é imersa na sua redação. De facto, a leitura que se pode fazer desta imagem é que existe a possibilidade de ser uma carta de amor, pela presença de marcas simbolizadoras desse sentimento. A natureza morta, pode indicar a referência ao fruto proibido, outra das marcas, será a presença do cupido⁵, fazendo referência ao deus do amor.

Os jogos de luzes, sombras e reflexos de Vermeer, adicionam profundidade à obra, a terceira dimensão votada ao recolhimento, entre a contenção da divisão e a exterioridade, para além da janela e da tela.

A pintura atempada, amadurecida ao longo da execução, realça as cores, texturas, sombras e a expansão da luz. Este foi um dos primeiros exemplares encontrados de *pointillé*⁶, essencial para a notabilidade do trabalho de Vermeer. O historiador e pesquisador da arte holandesa, John Michael Montias, em “Vermeer e seu meio: uma teia de história social”⁷ indica que as partes mais luminosas desta obra são

⁴ Brieflesendes Mädchen am offenen Fenster em tradução livre

⁵ Revelado a figura do Cupido após descoberta de a imagem estava coberta por tinta branca desconhecendo-se quem e porque o fez.

⁶ Técnica baseada num padrão de pontos perfurados na superfície, o processo apelidado de pontillé.

⁷ Título original: Vermeer and His Milieu: A Web of Social History

os “glóbulos brancos” (Montias, 1991, p.152), estes servem para sustentar a especulação de muitos historiadores, em que Vermeer só poderia reproduzir a luz com tanta realidade, recorrendo à projeção através duma câmara obscura.

O espelho e o retrato aproximam-se da intimidade, testemunha momentos privados, revelando a sua delicadeza e privacidade quando o espelho entra na proximidade e na confidencialidade da personagem.



Figura 3. Menina lendo uma carta à janela aberta (1657-59)
Gemäldegalerie Alte Meister - Dresden, Alemanha

Um bar no Folies Bergère de Édouard Manet - Os múltiplos planos no espelho

A última obra de Édouard Manet, concluída no ano 1882, e apresentada no Salon⁸ num dos períodos mais cosmopolitas da história, a *Belle Époque*, marca profundas mudanças culturais na Europa do século XIX, transformando pensamentos e formas de viver o quotidiano.

O café concerto Folies Bergère, um novo tipo de entretenimento, numa sociedade efervescente frequentada por Manet e toda a classe média, cada vez com mais recursos, capaz e com vontade de usufruir do tempo livre. Na obra do artista, os lustres, o champanhe, as clementinas, a elegância do vestuário, o enorme espelho, toda a decoração são retrato da riqueza do local. As inovações e modo de representar esta obra de Manet, surpreendeu o público da exposição pela sua modernidade.

A amplitude do espelho por detrás da emprega do bar, como grande plano de fundo, antevê o ambiente de diversão do cabaré, frequentado por um público requintado

⁸ Exposição oficial da Academia Francesa de Belas Artes

disposto ao longo de uma varanda, impulsionado pelos pés de um trapezista que aparece no canto superior da superfície espelhada. Em oposição, a postura adotada pela empregada do bar, desconetada de todo este clima, de olhar taciturno e de expressão enigmática, a sua perturbante imobilidade parece focar-se em nós observadores, como se apelasse à nossa atenção, mas ao mesmo tempo parece interagir com o indivíduo distinto refletido no espelho.

Se concentrarmos o olhar no ângulo entre a personagem principal e o seu reflexo, aparenta um desvio para a direita. O artista joga com os reflexos, inebriando o espetador nesta animada atmosfera, parece dar espaço a dois reflexos distintos, por um lado o espaço público demarcado pelos foliões e por outro o privado pela interação da personagem com a figura masculina.

Ao romper convenções, Manet dita a rotatividade das perspetivas especulares, desencadeia narrativas inéditas, possibilitando novas interpretações. Numa fase já terminal, o artista em jeito de despedida, presta homenagem ao Folies Bergère e a toda a sociedade parisiense.

Desta obra retira-se que o espelho intensifica o isolamento e a separação. No fundo o espelho revela a capacidade única de desconetar e distanciar realidades.



Figura 4. Um bar no Folies-Bergère (1882), Édouard Manet
Samuel Courtauld Trust © The Courtauld

3.2 – Reflexos na contemporaneidade

De Cindy Sherman a Nikki S. Lee - O Eu como representação do outro

As artistas contemporâneas Cindy Sherman e de Nikki S. Lee, desenvolvem o seu trabalho através da performance, da fotografia e do cinema. As duas pretendem ir para além do autorretrato, desdobrando-se na densidade de questões relacionadas com a representação e a identidade.

A heterogeneidade de Cindy Sherman, a performance de um elenco interminável de personagens, o jogo da transformação da identidade que pressupõe estereótipos, para ela, afetam tanto como vemos os outros e a nós mesmos. A importância da recriação de arquétipos, que atuam na vida e nos filmes, e com que complexidade a identidade se forma.

A camaleónica artista, mestre do disfarce, explora temas de gênero, beleza, status, sexualidade e idade, satirizando convenções sociais. Através da câmara, ela revela a verdadeira natureza humana, assim para Sherman “Fotografar, em suma, constitui uma forma de reinventar o real, extrair o invisível do espelho e revelá-lo.” (Fontcuberta, 2011, p.30)

Na sua obra mais emblemática, *Untitled Film Stills*, elaborada entre 1977 e 1980, num conjunto de luzes, cenários e ambientes, a artista conceptual retrata-se encarnando personagens femininas, mostrando fases distintas da mulher e essencialmente uma crítica ao cinema americano dos anos 50 e 60. Na série fotográfica, a preto e branco, Cindy Sherman, reproduz a mulher objeto, a *femme fatale*⁹, a dominadora, a vitimizada, a sua loucura e todas as ilações que possamos retirar dos instantes que quis captar. Segundo a própria “Sempre brinquei com maquilhagem para me transformar, mas tudo, inclusive a iluminação, foi autodidata. Eu simplesmente aprendi as coisas conforme precisava usá-las. Absorvi as minhas idéias para as mulheres nessas fotos de todas as fontes culturais às quais tive acesso, incluindo filmes, TV, anúncios, revistas, bem como quaisquer modelos adultos da minha juventude.”¹⁰

Para a artista, faz todo o sentido que sejam os espetadores a interpretá-las, desafia-nos a criar a história e a lhes atribuir um título.

⁹ palavra original em francês tem como significado mulher fatal

¹⁰ Cindy Sherman, quoted in Monique Beudert and Sean Rainbird, eds., *Contemporary Art: The Janet Wolfson de Botton Gift*, p. 99. Retirado de <https://www.guggenheim.org/teaching-materials/haunted-contemporary-photography-video-performance/cindy-sherman-appropriation-and-the-archive>



Figura 5. Untitled Film Still (1977) #14
<https://www.wikiart.org/pt/>



Figura 6. Untitled Film Still (1980) #56
<https://ekphorie.de/museal/mtg/holsch.htm>

O espelho enigmático de Sherman, obriga-nos a olhar para dentro, a questionar padrões, a desmascarar camuflagens. Transforma, molda e espelha máscaras sedutoras, ansiando a inclusão de todos. Tantas vezes conta histórias reais e ficcionadas de rostos e corpos, no «seu mundo» qualquer ser humano pode-se visitar. Perante os retratos recriados por Cindy Sherman, no espelho social existe um reconhecimento obrigatório de cada um que se revê nele.

Os trabalhos de Cindy Sherman, sugerem-nos a ocultação do ser, ou seja, leva obrigatoriamente à permanência deste, sem que seja revelada a sua verdadeira identidade, o terror desvenda a lógica da máscara, por analogia o conceito do *unheimlich* de Freud, representa aquilo que o indivíduo guarda em si.

O espelho que desvenda o lado insondável e introspetivo, leva-nos a interiorizar e a revisitarmos-nos.



Figura 7. Masks(1995) Untitled #316.
Fotografia Cibachrome

A artista sul coreana Nikki S. Lee, coloca a arte contemporânea, no seu caso a fotografia, a performance e o cinema, ao serviço de subculturas, criando proximidade com os grupos retratados no seu trabalho. Nikki Lee, procura interagir com diferentes tipos de pessoas para retratar os mais distintos grupos étnicos e sociais, confere

realismo às suas produções, adotando o mesmo vestuário, comportamentos e fisionomias, para isso integra as vivências da comunidade.

Na obra de Lee, a performance revela-se construtora da identidade, questiona a origem líquida da identidade cultural. A sociedade é constituída pela diversidade de culturas, onde cada indivíduo é fruto da sua multiculturalidade. A este propósito Zygmunt Bauman (2005), afirma ao que intitula de “modernidade líquida” que o mundo que nos rodeia está fragmentado, enquanto a nossa individualidade está fragilizada, mas conectada.

Em entrevista à Arirang TV (2015), Nikki Lee declarou: o que torna o seu conceito perçível, é que em alguma fase todos temos a fantasia de ser o outro. Pela sua naturalidade acredita na noção asiática de identidade, é muito mais abrangente do que para os ocidentais, “não é um conjunto estático de características pertencentes a um indivíduo, mas algo em constante mudança e definido através das relações com outras pessoas.” (Lee, 2015)

Na sua série “Projetos”, 1997–2001, captou o quotidiano de diversos grupos etários, sociais e suburbanos, como hispânicos, punks, idosos, dançarinos de hip-hop, reproduzindo com exatidão posturas e estilos. Com recurso a fotografias instantâneas, tiradas casualmente por transeuntes, assim Lee imprime um carácter mais realista á sua obra.

Para Lee, o espelho é pluridimensional próprio do carácter dinâmico da identidade. O retrato de uma existência consciente do eu social.



Figura 8. The Seniors Project (12), 1999 Figura9. The Punk Project (8), 1997 Figura10. The Hispanic Project (1), 1998
<https://buffaloakg.org/artworks/> Figura 11. The Hip Hop Project (1), 2001 Figura 12. The Yuppie Project (17), 1998

Sherman e Lee, expressam a ode ao outro, figurando tantos através do seu corpo nas suas várias atividades, profissões e diferentes situações. Quando o eu é o outro, mas dissociado dele, uma chamada de atenção para o vulgar que se torna extraordinário.

De Man Ray a Carlos Jurado passando por Teresa Burga - A fotografia, o outro modo de autorrepresentação

As Revoluções disferidas no campo artístico, mais propriamente nos processos fotográficos pelos artistas Man Ray (1890-1976), Carlos Jurado (1927-2019) e Teresa Burga (1935-2021), as suas obras afirmam-se precursoras, essencialmente no campo da representação fotográfica, nas impactantes formas de expressão artística e a exploração da transferência e edição do sujeito.

O artista americano Emmanuel Radnitzky, conhecido por Man Ray¹¹ no mundo das artes, viveu em Nova York até 1921, descontente com o rumo que o dadaísmo estava a tomar, viajou para Paris. Decorria o efervescente período do pós-guerra quando Man Ray chegou à capital francesa, acolhido por um amigo de longa data, Marcel Duchamp, com quem já tinha trabalhado em Nova York e que o apresentou à classe artística mais influente do movimento surrealista. A sua fama como fotógrafo depressa se espalhou por toda a capital, sendo solicitado para retratar grandes personalidades da época, nomes como André Berton, Yves Tanguy, Joseph Stella, Arnold Schönberg, Lee Miller, Pablo Picasso, Salvador Dalí, entre outros.

Num momento de permanência na câmara escura, por mero acaso, deixou cair um objeto no líquido revelador sob o papel fotossensível, dando o seu trabalho como inutilizado acendeu a luz. O resultado obtido surpreendeu-o de tal forma, que realizou mais experiências através desse processo, nomeou-o de *rayografia*¹², dada a fusão do seu diminutivo com a palavra fotografia.

Em 1932, autorrepresenta-se através da obra *Self-Portrait with Camera*, fazendo uma clara alusão à técnica descoberta por si, utilizando a técnica de solarização¹³.

¹¹ que traduzido significa o homem do raio

¹² Também conhecido por fotograma

¹³ Ou efeito de Sabattier – técnica desenvolvida pelo fotógrafo do século XIX, Armand de Sabattier em que a imagem sofre uma rápida exposição à luz invertendo as tonalidades de algumas zonas da fotografia.

Enquanto se retrata, o artista ajusta o foco da sua câmara para o espetador, como se o fosse fotografar, esta identificação com o objeto de trabalho é elo de ligação entre si e o outro que se deixa retratar.

Segundo análise própria, o fotógrafo compreendeu a sua identidade através da exploração e da modelagem da sua pessoa. O retrato reluzente de um artista de grande sucesso, que encara a sociedade parisiense dos anos 30, e que ainda hoje é uma figura prestigiada no cenário artístico mundial.

O artista trabalha o espelho como um jogo, realidade versus ilusão, entre o real e o refletido, espelho ilusório e que cria ficção.

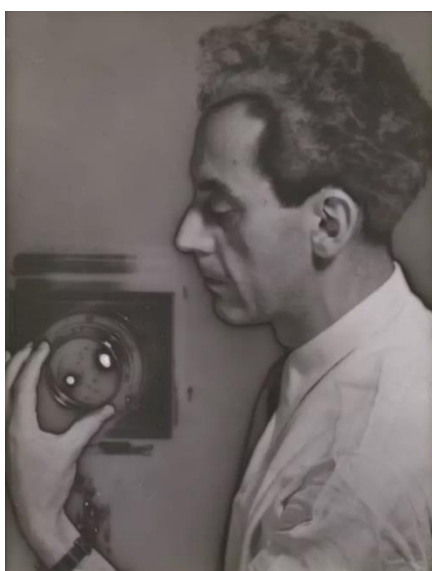


Figura 13. Self-Portrait with Camera 1930
© Man Ray Trust / Artists Rights

Carlos Jurado, artista plástico e visual, doutorado *honoris causa* pela Universidade Veracruzana do México, consagrou parte da vida ao estudo e trabalho com a câmara *estenopéica*¹⁴ ou *pinhole*¹⁵ e a reviver antigos processos fotográficos através dos seus trabalhos.

A história de vida do artista, acabou por ser marcada por uma tarefa escolar de sua filha, que consistia em investigar, como era a projeção da luz dentro de uma caixa negra. Logo, Carlos Jurado se prontificou a construir uma. Após esta experiência, começou a construir e recorrer ao que apelidou de «caixas mágicas», feitas de papelão rígido e furadas com precisão. No documentário “Carlos Jurado. Fotografía estenopéica” descreve o processo.

¹⁴ Termo utilizado na língua oficial do artista.

¹⁵ A designação tem por base o inglês, pin-hole, referindo-se a ínfimo buraco feito com um alfinete.

“Pegue um chifre de unicórnio, ajuste a ponta com precisão e use-o para que faça um pequeno buraco em qualquer superfície brilhante através deste buraco eles poderão passar comprimindo sua essência todos os tipos de pessoas, objetos e lugares que devem ser cuidadosamente armazenados em uma caixa de papelão onde permanecerão por toda a eternidade para serem retirados quando alguém precisa deles.” (Jurado,2016)

As suas criações artísticas, *Autorretrato con sombrero* e *Autorretrato con cámaras* (1973), retratam o diálogo, a intimidade e a própria fusão com a sua identidade. Os seus autorretratos, espelham bem a dedicação que sempre logrou, para com a câmara estenopéica e com os seus registos espontâneos. Para o fotógrafo, a luz feita captura momentos naturais.

O espelho «conta» histórias. O vértice especular assume a fantasia e cria um relato de histórias.



Figura 14. Autorretrato con sombrero 1973
Colección Carlos Jurado - Fototeca Nacional



Figura 15. Autorretrato con cámaras 1973
Colección Carlos Jurado - Fototeca Nacional

A título de resumo, Carlos Jurado (2016), afirma considerar a fotografia um ato inequívoco de magia, manifestando a sua intenção de permanecer um aprendiz da sua alquimia.¹⁶

A artista peruana, Teresa Burga, pioneira do conceptualismo latino americano, desenvolveu o seu trabalho experimental, a partir do final da década de sessenta e princípio da década de setenta. Em paralelo, trabalhou na entidade aduaneira peruana, pois não se enquadrava no campo artístico do país. A inclusão do diálogo cibernético e do tratamento de dados nas criações artísticas, está diretamente ligada à sua atividade profissional.

A exploração de novas linguagens, como a *pop art* ou *op art*, a arte conceitual e as instalações artísticas, ao inserir esta realidade no contexto peruano, leva o público

¹⁶ Citação das palavras proferidas por Carlos Jurado no documentário Maestros olvidados T3 | Carlos Jurado. Fotografía estenopéica “Sin embargo procuro seguir manteniéndome como un aprendiz de alquimista, ya que la fotografía para mí, entre todas sus acepciones, es un acto puro de magia.”

a questionar-se em relação a um sistema institucionalizado.

A transição entre um autorretrato baseado no corpo, na existência física da artista em direção à sua natureza coletiva, a partir de técnicas inscritas em laboratório para técnicas e métodos das ciências sociais, tem aqui fundamento o paradigma Bourdiano do *habitus*, onde todos somos agentes de campos sociais inseridos num grupo, formatados segundo as mesmas vivências.

No ano 1972, com o crescente interesse mundial por áreas como a cibernética, gestão de informação e processamento de dados, Burga recorre à manifestação artística intitulada *Autorretrato. Estrutura. Informe. 9.6.72*¹⁷, para expor a realidade sociopolítica do Perú, em particular o enredo burocrático do estado e o uso dessa informação como instrumento de opressão, especialmente sobre as mulheres.

Os dados pessoais da artista são expostos numa instalação através de fotografias, análises clínicas, registo cardíaco com eletrocardiograma, registos médicos, sonoros e visuais, que divide em três seções: "Informe Sangre", "Informe Rostro" e "Informe Corazón"¹⁸ com esta taxonomia padronizada recorre à linguagem gráfica e visual. Essa descentralização do sujeito abre espaços de liberdade extensiva a todos.



Figura 16. Autorretrato. Estrutura. Informe, 9.6.1972 M HKA / Coleção Comunidade Flamenga

O espelho desmonta o sistema do sujeito, o anti organizacional, o que não se conforma e manifesta rebeldia. Modelo do heterogéneo, amplifica a representação. O espelho abrangente, amplia para além do burocrático.

Louise Bourgeois - As células/celas identitárias

Na oficina de tapeçarias de seus pais, Louise aprende a restaurar materiais têxteis, conhecimento que usa mais tarde, nos seus trabalhos. Nascida na cosmopolita e agitada cidade de Paris em 1911, tem a intenção de se licenciar em matemática, curso

¹⁷ Autorretrato. Estrutura. Relatório. Realizado no dia 9 de junho de 1972.

¹⁸ Em tradução livre: Relatório de sangue, relatório facial e relatório de coração.

que ainda frequentou. Mais tarde, destaca-se pelo talento e envereda por uma carreira artística. A jovem Louise, muito apegada à mãe, vigia os casos de adultério do pai, a pedido da sua progenitora. A morte prematura da mãe e a exuberância do pai, deixam profundas «cicatrices» na sua vida e obra e vão influenciá-la para sempre.

Nos anos 30, conheceu o historiador de arte e prestigiado professor universitário Robert Goldwater, com quem casou e foi viver para os Estados Unidos. Apesar das barreiras linguísticas e culturais, contrariando a vontade paterna, podia dedicar-se livremente ao mundo artístico, onde se sentia completa.

A obra de Louise Bourgeois, reteve influências dos mais diferenciados movimentos artísticos, como o Surrealismo, Abstracionismo, Minimalismo, Arte Conceitual e Neoexpressionismo. A forma artística, onde melhor se posiciona o seu trabalho, é a Arte Confessional, segundo definem Ronald Jackson e Michael Hogg (2010), este tipo de arte aborda a divulgação intencional do sujeito privado. Atormentada por memórias de infância, a sua obra, torna-se num exercício que exorciza medos e uma forma prazerosa de transmutar ansiedades.

A estrutura estética enraizada em trabalhos como *Cells*¹⁹, resulta da forte carga emocional associada a eles. Perante a obra de Louise, o espetador revisita medos inconscientemente incorporados, o momento que Sigmund Freud define como *Unheimliche*.

No domínio dessa «estranha familiaridade», confronto com o estranho, a obra de arte pode assumir duas experiências antagónicas, distanciando-se de fenómenos harmoniosos como o belo e revelando sentimentos tenebrosos, referido por Freud “Nem belos, nem sublimes, (...) o horror, o medo, a angústia” (Freud, 1919), e que este, reforça em relação à função da estética nas artes. A esse respeito, “nada encontramos nas meticulosas exposições da estética, as quais, em geral, ocupam-se de preferência dos sentimentos belos, grandiosos, atraentes, ou seja, dos sentimentos positivos, de suas condições e dos objetos que eles evocam, em vez dos contraditórios, repugnantes, penosos.” (Freud, 1919, p. 31) É no campo da penosidade, que Louise transfere para as suas obras recalcamentos assombrosos vividos na infância, como modo de os ultrapassar.

¹⁹ Ou Células, fazem parte de uma instalação “The Structure of Existence: The Cells” composta por 62 obras independentes, representativas do corpo e da mente, bem como todas as sensações e emoções vivenciadas por Louise Bourgeois. Segundo a utilização e significado etimológico da palavra, a artista explora conceitos opostos: o do a sua mimese, a unidade genética de menor dimensão e à monumentalidade de uma cela prisional, visão ampla da inclusão através do recurso a gradeamento.

O simbolismo associado ao universo artístico de Louise Bourgeois é repleto de signos, materializados por uma vida passada. Na sua obra, essas questões podem ser o meio para serenar a beleza, perturbar a inquietação, ou ambos em simultâneo, desmontando noções classicistas da arte, por adoção da sua contemporaneidade. As criações de Bourgeois enaltecem a obra de arte, de nenhum modo, o espetador pode ficar indiferente, nem conter reações geradas pela sua ousadia e provocação.

O legado único de Bourgeois na arte contemporânea, assume a ligação terapêutica de amenizar abismos e angustiantes pesadelos, no sentido de ser bálsamo para o corpo e alma, desafiando o próprio público a fazê-lo na sua capacidade e individualidade.

O espelho confronta medos, perturba e assombra revisitando circunstâncias de desconforto marcantes para o sujeito.



Figura 17. Cell XXVI, 2003
© Gemeentemuseum Den Haag



Figura 18. Cell Eyes and Mirrors, 1993
© The Easton Foundation



Figura 19. Louise Bourgeois, Spider, 1997
© Louise Bourgeois

Yayoi Kusama – O Multifacetado Universo de Identidades

A artista plástica nipónica, Yayoi Kusama, nasce em 1929, na província Matsumoto, usa desafiar através de abordagens artísticas, aludindo ao infinito, à imensidade e à sua composição. Apesar de desenvolver trabalhos cinematográficos, pintura e escultura, destaca-se pelas suas infindáveis exposições e criações, manifesta-se essencialmente através de grandes instalações e ambientes bastante iluminados e espelhados.

O título deste subcapítulo, O Multifacetado Universo de Identidades, apresenta a artista fazendo jus ao questionamento através das suas intervenções, onde o humano é o principal protagonista do seu reflexo camaleónico, fundindo-se com o espaço através da cor, formas, texturas, materiais e experiências imersivas quase sempre em contraste com ou sobre o espelho, ou melhor valorizado por ele. No seu vasto espólio, a artista contemporânea Yayoi Kusama, recorre de forma continuada ao uso do espelho

nas suas instalações e aos efeitos contrastantes que este proporciona, dando-nos a noção que somos pontos pertencentes a universo infinito, alegoricamente representados por círculos “Polka-dots”²⁰ que a nós se referem. Yayoi implanta assim, o conceito de *habitus* Bourdiano (2007), implantando a construção de um sujeito social, incluído num campo de forças em constante mutação. Podemos destacar *Infinity Mirrored Room* com recurso a salas espelhadas, onde as instalações são representativas dessa realidade.

A representação do espelho, deixa a descoberto a unicidade dentro da multiplicidade. O seu valor remete o sujeito uno para plural. O espelho rege metamorfismos num sistema social.



Figura 20. Yayoi Kusama, Infinity Mirrored Room
Ota Fine Arts e Victoria Miro 2015, 2019 © YAYOI KUSAMA

Helena Almeida, Lourdes Castro e Ana Vieira. O espelho - uma imagem várias linguagens

Nos finais do século vinte, as narrativas artísticas de Helena Almeida, Lourdes Castro e Ana Vieira, revelam histórias de si e dos outros, da própria humanidade que se revê no corpo, na luz, na sombra, em reflexos visíveis e invisíveis. O Sujeito e a obra, configurados na sua prática artística, marca o préstimo, revelação e dualidade. O indubitável manifesto do sujeito, através da exploração e comunhão corpórea, entre criação e vivência, artista e espetador, real e oculto.

A história do legado de Helena Almeida, o hábito pode ser corpo e o corpo pode ser hábito, começa desde cedo, no atelier de seu pai, Leopoldo de Almeida, prestigiado escultor português. O vínculo com o espaço, matérias primas e realidade artística, levam Helena a assumir a arte e não saber dissociar-se dela. Rapidamente, passa de

²⁰ A forma como Yayoi nomeia estes círculos.

espetadora a *habitar* telas e obras, recorrendo ao corpo como instrumento da sua criação.

No apogeu da carreira de Helena, nas décadas de 60 e 70, numa época de grandes mudanças políticas, sociais e culturais, demarca-se de todas as produções artísticas feitas até então, introduzindo novas conceções, questionando normas instituídas, criando uma linguagem própria, posicionando-se entre o desenho, pintura, fotografia e as artes performativas.

Do dentro de si ao habitado

Na série *dentro de mim* (2001), desafia as fronteiras do corpo, usando a sua relação com o espelho como meio de transpor a tela, à cerca disto afirma "o desejo de que o corpo se prolongue, que saia e ultrapasse os seus limites físicos" (Almeida apud Santos, 1998, s/p), para além de explorar a maleabilidade do corpo, perlonga-o pela infinidade dada pela imagem especular. Mantém a intencionalidade de se autorrepresentar, nunca de se autorretratar, expandindo o alcance através de finos espelhos retangulares, estrategicamente colados em pontos de inflexão de movimentos, no rosto, mãos e pés.

O espelho físico cria laços suportados pelo corpo, trespasa a obra, acalenta elos com os demais e revela-os.



Figura 21. *Dentro de mim*, 2001.
Coleção de Américo Marques Santos.

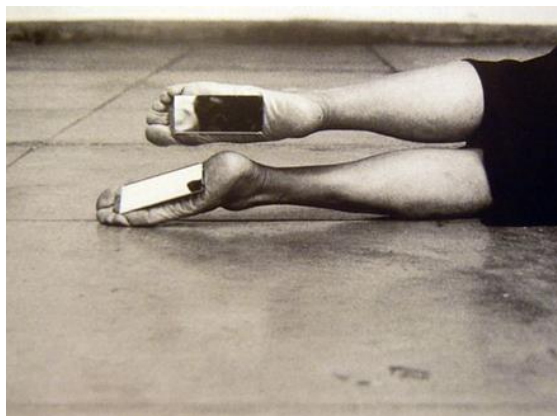


Figura 22. *Dentro de mim*, 2001
Coleção de Américo Marques Santos. ©Helena Almeida

Na obra *pintura habitada* (1976), a artista conceptual, demarca o espaço através de pinceladas azuis, a determinação ao ocultar e revelar o pessoal para otimizar a universalidade humana.

A transfiguração do corpo, com o recurso ao da própria, o instrumento materializado em experiências. No fim, a sequencia fotográfica, esconde e demonstra anseios, movidos por augúrio de momentos ilusórios e de amplas narrativas.

Um «carrossel» de intenções, expondo “Ando em círculo; os ciclos voltam. O trabalho nunca está completo, tem que se voltar a fazer. O que me interessa é sempre o mesmo: o espaço, a casa, o teto, o canto, o chão; depois, o espaço físico da tela, mas o que eu quero é tratar de emoções. São maneiras de contar uma história.” (Almeida apud Santos, 1998, p.58)

O carácter do espelho transpõe barreiras e liberta o portal para outra dimensão. A ideia que vai para além do limite. O espelho cria uma experiência libertadora e ao mesmo tempo revela.



Figura 23. Pintura Habitada, 1976. Fundação Calouse Gulbenkian Inv. 80FP12 F

Natural do Funchal, Lourdes Castro nasce em 1930, muda-se para Lisboa devido ao seu ingresso no curso de pintura da Escola Superior de Belas Artes, que acabou por não concluir. Viveu em Munique e Paris, cidade onde permanece grande parte da sua carreira, convivendo e trabalhando com artistas de relevo, integrando o grupo KWY composto por ela, seu marido René Bertholo, António Costa Pinheiro, João Vieira, José Escada, Gonçalo Duarte, Christo e Jan Voss.

Ainda, na década de 60, a artista inicia uma nova fase passando da abstração regressando ao figurativo, um «novo realismo», movimento celebrizado como *Nouveau Réalisme*, esquematizado através do real, da *assemblage* e mais tarde desmaterializado a partir da projeção das sombras.

Nas obras de Castro, a luz marca a sombra, em suportes como telas, tecidos, caixas, papel, cartão e plexiglass. As sombras, desvendam a luz dos objetos artificiais e naturais, principalmente das pessoas, o processo da sua revelação funciona tal como um negativo fotográfico. As silhuetas revelam o lado translúcido da identidade, contorno inacabado no seu interior, por visões ecléticas aliadas à personalidade do espetador que as contempla. Como referido, a propósito da sua exposição *Além da sombra* na Fundação Calouste de Gulbenkian

“(…)O desenho da Lourdes Castro não descreve. Se parte da observação e mesmo da integração do real, não visa, portanto, a sua banal reprodução, é outra coisa que um duplicado do real, que um espelho onde ele se reflita. Ele é para o

real o que a sombra é para as pessoas e os objetos: essa parte da realidade impalpável, distorcida, elástica, impercetível, fantasmagórica e fugitiva, de que a linha e os espaços que ela desdobra em torno dela são, em matéria de desenho, o equivalente mais perfeito.” (Castro, 1992, p.108)

A imagem refletida entre a luz e sombra, deixando abertura para múltiplas interpretações, por parte de quem interage com as suas obras. O estranho, o desconhecido, o *Unheimlich*, o que inquieta e causa estranheza, mas é tão familiar, também a artista se revê nessa estranheza envolta em fantasia e mistério, “(...) [a]preendi, (...), a dar mais atenção às sombras, ao que elas encobrem e revelam, não enquanto negativo, mas enquanto o outro lado, o lado misterioso da luz, que nelas se revê como num espelho. (...)” (Almeida, 2005, p. 26)

Nas suas obras Lourdes Castro, o contorno deixa em aberto múltiplas interpretações do espetador, em algumas das suas produções em *plexiglass*²¹, da série *Sombras Projetadas* (1965 -1968).

A partir de 1964, com este material explora sombra e luz, utiliza o corte, gravura, a pintura e a serigrafia, como forma de representação de identidades através da cor e do reflexo projetado na parede. A luz que trespassa o material translúcido, faz deste ao mesmo tempo, espelho e projetor, fronteira entre o material e o imaterial, e entre presença e ausência. A bidimensionalidade que se transforma em tridimensionalidade. Sempre tendo por base a «encenação» materializada, da luz para a sombra, conforme projeção especular, ficando incompleta a representação por descobrir, oculta e omissa.

Tal como, o simbolismo do espelho em *Alice* de Lewis Carroll (2009), que nos permite viajar entre vários mundos no plano da mesma identidade, construindo presentes no próprio presente.



Figura 24. Lourdes Castro – Sombras Projetadas, 1965 a 1968, @Gulbenkian

²¹ Material em acrílico, de fácil corte, utilizado com frequência em artes visuais.

Acerca dos trabalhos de Lourdes Castro, o comissário do Plano Nacional das Artes, Paulo Pires do Vale, no Jornal da Tarde de dia 8 de janeiro 2022, afirma “esse desenhar o contorno da sombra, é guardar a presença daquele que vai ficar ausente, e por isso na obra da Lourdes há essa consciência da efemeridade, daquilo que passa, a sombra é o que passa e está sempre a mudar.” (Vale, 2022)

Para Castro, o espelho equilibra a presença na ausência. É a fronteira trespassada do projetado.

Ana Vieira, nasce em Coimbra em 1940, a sua infância e adolescência foram vividas em São Miguel-Açores, todos os anos passava as férias de verão na sua cidade natal com a família materna, daí a constante evocação nas suas criações, e a ambientes ligados a essa fase. Nos finais dos anos 50, rumo a Lisboa, para frequentar o curso de pintura na Escola Superior de Belas Artes.

O percurso artístico de Vieira, sofre influências de Helena Almeida e de Lourdes Castro, que insatisfeitas, reconhecem as limitações infligidas às manifestações artísticas, condicionadas ao suporte pictórico. Resultado de uma visão arrojada, combatem os meios tradicionais da arte, como marca da sua contemporaneidade adotam abordagens vanguardistas de ver e representar. Tal como Helena Almeida, a artista versa a investigação dos limites da pintura, salvaguardando o seu transbordo. Por influência de Lourdes Castro, trabalha as ausências, embora explore transparências, enquanto que Lourdes fá-lo sobre as sombras e o seu contorno.

Ainda nos anos 60, recorta e representa objetos de uso quotidiano, acessórios e móveis, o perfil e a frontalidade de rostos, embora perceptíveis por ausência do interior, que replicam e simulam o presenciado.

Na obra de Vieira, existe a delimitação de paradoxos visuais, entre interno e o externo, entre o público e o privado, entre proximidade e a distância, através de fronteiras translúcidas, envolve os espaços entre véus, tramas, redes e telas. O observador interpreta o papel de *voyeur*²², onde espreitar, expõe o disfarce, tentado vislumbrar e entender por brechas os ambientes.

²² Por tradução do francês significa aquele que vê com atenção

Na assemblage *toucador*, a artista retrata a feminilidade do mundo doméstico, a mimese do objeto, libertando-o do seu caráter material. Assumindo uma linguagem simbólica na ausência do rosto, que pode ser ocupado por quem se observa nele. Embora desprovido de identidade, procura a superposição do reflexo de um espetador que se vê ao espelho, apesar de ser inatingível devido à tela de rede translúcida, dando-lhe a privacidade própria do sujeito.



Figura 25. Toucador, Assemblage 1973 Ana Vieira
Centro Arte Moderna Gulbenkian

As experiências de Ana Vieira, revelam a visão de ambientes, rostos e objetos que se colocam entre o sujeito que se vê ou se revê neles. O paradigma especular, deparando-nos como o conceito da duplicidade do sujeito e permite-nos ver para além de nós próprios, como afirmado pela Sociedade Artística, *Artistas Unidos* no seu site a propósito da apresentação da exposição *In/Visibiliades* de Ana Vieira.

“Mas momentos há em que, por acaso, ou por ser levado ao extremo, o mesmo espelho que apontámos para longe e para fora, rodopia, e vira-se para o que, estando mais próximo, não podemos ver sem auxílio: nós mesmos. Esta reviravolta do espelho da psiché tem raízes mitológicas e constrói o nosso universo ficcional e psíquico. Há o Narciso que se apaixona pela sua imagem pensando ser outro quem via, afogando-se assim nas águas dos seus próprios enganos; ou o passageiro do comboio freudiano que à noite é tomado por um susto de terror, ao ver um estranho que o olha do outro lado do vidro e que o acompanha na sua viagem. Em ambos, e mesmo que a princípio disso não tenha consciência, o observador torna-se estranho a ele próprio e transforma-se no objeto de observação. Nesta dupla situação, tomando consciência do que vê, toma consciência dele próprio.” (Coutinho, 2008)

O ilusório desafia a convencionalidade através do espelho. Este aparelho representa o aparente como o oculto.

Jorge Molder - O duplo como representação

A visão do duplo, entre o eu e o outro, Jorge Molder, emerge de um mundo instantâneo, visionário da autorrepresentação. Nascido na capital do nosso país, em

1947. Antes do início da sua carreira fotográfica, licencia-se em filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Em relação, ao seu interesse pelo mundo da fotografia, surge na adolescência através de um amigo da família, Luis Corte Real que lhe passou alguns conhecimentos preponderantes sobre os princípios da ótica, que segundo Jorge (2022) acompanharam toda a sua vida e obra.

Nas narrativas fotográficas, a preto e branco, Molder instiga o espetador a refletir sobre os grandes planos do seu rosto, em alguns casos até transpõem os limites da fotografia, dando-lhe um intenso carácter performativo.

O fotógrafo Jorge Molder participa na 48ª Edição da Bienal de Veneza, com a série Nox (1999), que esteve também patente no Centro Cultural de Belém como parte da Coleção Berardo, o artista parte de uma série inicial de *Polaroids*, autointitulada de *CD*, composta por vinte sete fotografias, destacar-se-ão as que retratam o sujeito, na sua abrangência e complexidade, fruto da sua tradução. Ainda, a sedução do cinema de Hollywood, contrasta entre o fundo negro e a luz que incide no próprio Molder e a duplicidade do falso, onde o que o artista mostra não é o que o espetador vê.

Sobre o espelho onde nunca se vê, pelo menos como autorretratado, a propósito da inclusão deste dispositivo ótico ou pelo menos o seu princípio, Jorge afirma em entrevista “Somos os habitantes provisórios dos nossos reflexos”, foca a transitoriedade do retratado e do fenómeno especular. No espelho e na fotografia, o sujeito não se reconhece na revelação do duplo. Para Lacan (1966), a distância do sujeito consciente e o não consciente, leva-nos a pensar segundo o conceito do fragmento e de um corpo que se revela disperso ou descontinuado, que Delfim Sardo define por “as histórias das metamorfoses de uma personagem que se confronta com os seus duplos”, visão que Molder corrobora no vídeo de apresentação da exposição Nox no Museu Coleção Berardo.

O espelho transita dentro da duplicidade, confronta o sujeito com o seu duplo.

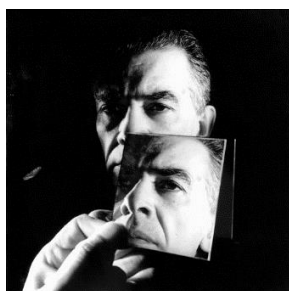


Figura 26. Nox # Untitule
Jorge Molder na Culturgest
©copyright Jorge Molder



Figura 27. Nox (18) Gelatin Silver Print
Galeria Miguel Nabinho
©copyright Jorge Molder

Parte II – ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo 4. Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada

4.1. Metodologia

Para melhor leitura e compreensão da problemática em apreço, foi adotada a abordagem metodológica de investigação-ação através de variáveis qualitativas. Entende-se a sua escolha, por ter a vantagem de admitir uma análise e interpretação mais perceptível da realidade em estudo.

4.1.1. Metodologia Investigação-ação

A utilização da abordagem metodológica investigação ação, para o desenvolvimento deste estudo teórico e/ou prático, intenta numa prática de ensino segundo a tríade estruturada: ação reflexiva através da observação, o enfase dado à observação do caráter social e a recolha de dados qualitativos.

A objetividade na recolha desses dados, fundamenta uma investigação em ciclos iterativos, que se desenvolvem ao longo de todo o processo, de forma faseada e de modo a existir uma planificação, a sua concretização, a observação dessa ação, a reflexão mediante o observado, proceder à avaliação e a reformulação com o intuito de atingir objetivos, segundo La Torre (2003), aperfeiçoar a prática educativa e/ou social para a sua melhor compreensão, interligar a investigação, a ação e a formação, criar proximidade com a realidade adequando o conhecimento, fazer dos pedagogos os agentes dessa investigação e os alunos intervenientes na sua própria aprendizagem.

Através uma ação reflexiva e continuamente observada, para que seja facilmente retificada e reestruturada, pretende-se uma maior objetividade nos resultados obtidos para benefício do estudo realizado. Segundo Constança Vasconcelos (2018), ao docente cabe melhorar as práticas de ensino para que os alunos sejam bem sucedidos; vincular teoria e prática, preencher a lacuna entre o conhecimento teórico e o contexto do mundo real; capacitar os professores como profissionais e principais intervenientes, e não apenas como implementadores do currículo, diversas vezes afastados da realidade.

Ao longo do ano letivo, no decorrer da prática supervisionada, foi estruturado um plano de recolha de dados, por procedimentos de observação de esboços, desenhos e todo o tipo de representações solicitadas aos alunos, nomeadamente as que compõem o portefólio, diário gráfico e toda a execução de trabalhos, registados num diário do investigador. Recorreu-se também, ao registo de notas de campo,

memorandos analíticos com notas pessoais e reforçados por inquéritos online, registo de imagens digitais e criação de base de dados partilhada na drive. Recorreu-se à análise de documentos, elaborados à posteriori por parte das equipas intervenientes, que se quer colaborativa em parceria com as equipas educativas, direção de turma e profissionais de outras áreas, saúde e psicologia escolar. Ao longo de todo o processo, com a realização de um relatório e acompanhamento conjunto desses com a professora cooperante.

A análise de todos os dados versa a sua triangulação, através de conteúdos visuais e análise hermenêutica, cruzando os mesmos para benefício do estudo realizado.

No que se refere à recolha de dados, estes serão apresentados através de entrevistas, devido ao seu carácter rico em detalhes. Para melhor perceção dos intervenientes, torna-se imperativo compreender as suas experiências e obstáculos em contextos particulares. As narrativas pessoais, dependem de uma análise reflexiva do professor investigador, para que as suas próprias perspetivas não influenciem a interpretação de dados. Estes instrumentos permitem que os participantes partilhem experiências, emoções e a sua própria análise dos acontecimentos, nomeadamente experiências pedagógicas relevantes para a tradução da identidade.

4.2. A Escola E.B. 2,3 Paulo da Gama

4.2.1. Contextualização sociocultural e histórica da escola

A Escola E.B. 2, 3 Paulo da Gama, situa-se na margem sul do tejo junto à baía do Seixal, na freguesia de Amora. No ano da sua fundação, em 1974, o contexto sociocultural era marcado pela eclosão de mudanças do pós-revolução e pela igualdade de oportunidades no acesso à educação e à implementação da escolaridade obrigatória.

A instituição acompanhou várias reformas do sistema educativo em Portugal, adaptando-se a todas elas e ao serviço da comunidade. No início da sua instalação, a escola só operou o 2º ciclo, na época ciclo preparatório, chegando a ser frequentada por turmas do ensino diurno e noturno, dando resposta a trabalhadores estudantes que desejavam ampliar os seus conhecimentos, para assim terem acesso à procura de empregos mais qualificados. Com o aumento de habitantes que procuravam o concelho para se estabelecer, a partir do ano letivo de 1991/1992, a escola passou a lecionar o 3.º ciclo de escolaridade. Segundo a publicação em Diário da República, a partir do ano 2004, passou a fazer parte do agrupamento, adotando a mesma designação. E deste

esta data, é composto pela Escola Básica Paulo da Gama «escola-sede», um Jardim de Infância e três Escolas Básicas, uma delas com jardim de infância integrado.

Desde que esta se instalou no território, proporcionou à comunidade acompanhamento pedagógico e cultural, permanecendo ativa tralhando para além dos seus limites físicos, através de parcerias com instituições públicas e privadas.

A sua proximidade com a baía, potencia muitas atividades de enriquecimento pedagógico e relação com a paisagem, seres vivos e comunidade. Neste local, para deleite visual e ambiental, é possível observar colónias de flamingos e outras aves migratórias a alimentarem-se, bem como apreciar o património local. Frequentemente o corpo docente, com a colaboração e aval da direção, dinamiza atividades inter e multidisciplinares, tornando a relação escola-comunidade uma realidade.

No corrente ano, a Escola Paulo da Gama comemora o cinquentenário da sua existência, inserida em uma comunidade que reconhece a importância desta instituição, pois verifica-se que existe uma grande tendência de antigos alunos colocarem neste estabelecimento os seus descendentes ou familiares. No fundo, uma escola que cria raízes afetivas e emocionais com os seus alunos, fruto de um trabalho de enorme proximidade e constante apoio, de tal modo que estes dificilmente quebram laços com a instituição. No fundo, uma escola vivida em pleno e legado de gerações com memória.

4.2.2. Enquadramento socioeconómico do meio envolvente

No final do século XX, a freguesia de Amora, devido ao seu crescimento populacional e aliado à alteração de uma paisagem rural para urbana, criou grandes polos empresariais, habitacionais e de equipamentos sociais. Ao longo dos séculos, a forte ligação ao rio e consequentemente ao mar, faz da indústria naval, uma atividade com larga representatividade instalada nas imediações da escola.

A desindustrialização e as sucessivas crises económicas, colocaram a população residente em situações de desemprego, desigualdade e carência, levando à fragilização dos alunos, famílias e toda a comunidade escolar. Em concreto, a escola procura responder com o apoio da Ação Social Escolar (ASE) e também, sempre que possível, o recurso a implementação de ações de beneficência internas e externas de recolha de roupas e cabazes alimentares. À semelhança de outras escolas e agrupamentos do país, o Agrupamento de Escolas Paulo da Gama (AEPG), aplica o programa ASE, que funciona através da implementação de medidas destinadas a assegurar a igualdade de oportunidades no acesso à educação e no sucesso escolar

dos alunos, que visam atribuição de refeições e material escolar gratuito, tentando colmatar os débeis rendimentos das famílias.

Muitas vezes, os Encarregados de Educação, recorrem a dois ou mais empregos, para fazer face às despesas diárias, o que descara o cabal acompanhamento pedagógico dos seus educandos.

A população escolar, cresceu tão freneticamente com a desmedida procura das últimas décadas de migrantes, em busca de uma vida melhor no concelho do Seixal. Salienta-se a grande diversidade cultural do concelho e da escola, composto por pessoas vindas de várias regiões de Portugal, migrantes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, de países europeus, asiáticos, sul americanos e da comunidade cigana.

Envolvida numa malha urbana muito densa, rodeada por uma grande área habitacional e comercial, o número de alunos tem vindo a crescer gradualmente, não devido ao aumento da taxa de natalidade do concelho, mas por um aumento bastante significativo da população imigrante.

No entanto, o município enfrenta desafios relacionados com a habitação social, com um grande número de pedidos e residentes em condições precárias. Além disso, a taxa de pré-escolarização é abaixo da média nacional, e a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens do Seixal acompanha um número significativo de casos relacionados à segurança e bem-estar dos alunos.

Em pleno século XXI, a preocupante vulnerabilidade da grande parte das famílias dos estudantes que residem em bairros sociais, núcleos de construção precária e ocupação ilegal, leva a comunidade escolar a recorrer à contratação de uma mediadora social, que gere situações de carência alimentar e de saúde, fazendo o seu levantamento e respetivo acompanhamento.

O retrato, passado e presente da Escola Paulo da Gama, é por si só, uma prova de superação que envolve muitos profissionais, familiares e comunidade, de tal forma que, à passagem do torniquete que compõe o portão principal da entrada, jamais ninguém fica indiferente ao forte sentimento de pertença e tratamento familiar.

4.3. Caracterização da população alvo /turma

Após uma semana de observação de aulas, das turmas atribuídas à professora Ana Teresa Oliveira, era imperativo cruzar o meu horário com o dela, apercebemo-nos que o dia da semana mais conveniente para as duas, seria quarta-feira de manhã. Neste

dia, a mancha horária da professora cooperante era ocupada somente pela turma do 9ºano F, composta por apenas 15 alunos, entre os 14 e os 17 anos, alguns juntos desde o 2ºciclo. Ao longo do ano letivo, de uma forma faseada, integraram a turma mais cinco novos elementos, equilibrando o número de rapazes e raparigas, passando a ser composta por 20 alunos. O acolhimento por parte da turma aos novos colegas, levou à sua integração promovendo o relacionamento interpessoal e académico.

A maioria dos alunos reside na freguesia de Amora, nas imediações do estabelecimento de ensino, sendo que, todos residem em freguesias do Concelho, o que facilita as deslocações e acesso rápido, casa-escola e escola-casa. Muitos encarregados de educação, contam com a sua ajuda para acompanharem os irmãos à escola e auxílio em algumas tarefas caseiras, o que condicionava a pontualidade de alguns elementos.

No contexto socioeconómico, destaco que seis desses alunos beneficiaram das medidas da ASE, devido ao levantamento das necessidades financeiras das suas famílias, foi-lhes atribuído os apoios contemplados pelas medidas.

Destaco que um dos alunos recém-chegados à escola, se posicionou no nível de proficiência linguística de iniciação, para superar esse défice, foi encaminhado para frequência da disciplina de Português Língua Não Materna.

A grande maioria dos alunos da turma, praticam atividades desportivas integrando o desporto escolar, praticando basquetebol ou participando no programa Escola Ativa. Os que não praticam na escola, fazem-no isoladamente em coletividades ou associações do concelho.

Todos os alunos manifestaram interesse na disciplina de Educação Visual, participando em todas as nossas propostas, apesar de existirem algumas dificuldades na aplicação de conhecimentos técnicos/artísticos que foram sendo ultrapassadas ao longo do ano letivo.

No ano letivo 2021/2022, foi a turma selecionada como os primeiros participantes do Agrupamento a frequentar o programa Escolas Ubuntu, escolhidos por serem potenciais líderes servidores, facto que não invalida que alguns alunos evidenciem algumas fragilidades emocionais, sociais e comportamentais. Algumas dessas dificuldades, foram detetadas na realização da dinâmica de autoconhecimento “Onde me sinto...”, que pretendia proporcionar aos alunos uma reflexão interativa, contribuindo para escrutinar traços de personalidade para melhor se conhecerem

(cf. Apêndice XII), que foram devidamente relatadas à responsável do Serviço de Psicologia e Orientação do Agrupamento.

Realço a envolvimento, capacidade de adaptação e superação dos alunos que responderam com entusiasmo a todos desafios, dentro e fora da sala de aula, demonstrando que estão a crescer em maturidade e idade. Trata-se de um grupo-turma de perfil multifacetado, composto por personalidades dispare, e algumas delas bastante impactantes desde os mais introvertidos até aos mais argumentativos.

Capítulo 5. A «Práxis» Pedagógica

O título Práxis Pedagógica, vai para além da realização de uma prática de ensino, mas apresentando-a como uma educação libertadora. Com base neste tipo de prática segundo Freire (1974), prezámos a aplicação de conhecimentos à realidade de cada um. Conforme essa filosofia freiriana, que adotamos na prática, todos os alunos são portadores de conhecimento, devem ser partilhados para que outros sejam gerados, dar espaço ao diálogo, adaptar as ações pedagógicas segundo as vivências dos participantes, cada um refletir sobre as suas ações, despoletando uma nova reflexão em uma espiral ascendente positiva, onde nunca se retorna ao estágio anterior e revelando o pensamento crítico.

Essa prática, sustentada por imprimir um horizonte de possibilidades aos alunos da turma numa primeira fase em que não me limitei a observar e registar as aulas ministradas pela professora orientadora cooperante Ana Teresa de Oliveira. No decorrer das aulas assistidas, relacionei-me e conheci os alunos, dando apoio e salvaguardando o trabalho da professora e dos alunos. Porém, acompanhei e colaborei em exposições na escola, visitas de estudo, colóquios, trabalho interdisciplinar e/ou de articulação curricular, debates, projetos escolares e outros promovidos por entidades exteriores à escola, como a Câmara Municipal e ações de formação que posteriormente foram implementadas com os alunos.

Por fim, acompanhei e colaborei na realização de tarefas inerentes à direção de turma, contactei e auxiliei os encarregados de educação, no decorrer da reunião com a diretora de turma.

Nesta fase, professora e estagiária, contemplam a relação dialogante aluno-professor, adaptando as ações pedagógicas, segundo as vivências do aluno, redefini-mos a disposição da sala de aula segundo uma estrutura circular, dividida por ilhas de trabalho, potenciámos debates e partilhas entre e com os alunos. Por fim, lançámos um desafio aos alunos, planearem e realizarem uma oficina de monotipia, sobre a nossa

supervisão, para passagem de conhecimentos aprendidos em aula, a colegas de 2ºciclo e a todos os interessados em participar na Feira de projetos do Seixal. (cf. Apêndice VI)

5.1. Construção da Unidade Didática

A Unidade Didática (UD), foi elaborada segundo algumas das metas curriculares do ensino básico, propostas para o 9ºano, que foram aplicadas durante a UD: relacionar processos de construção da imagem no âmbito da perceção visual; dominar a aquisição de informação intuitiva e de informação estruturada; reconhecer o âmbito da arte contemporânea e o papel do desenho expressivo na representação de formas.

Segundo as recomendações do Ministério da Educação, na base da aplicação das aprendizagens essenciais para a disciplina de Educação Visual, recorremos à tríade estrutural planificação /avaliação /operacionalização. De seguida, apresentamos todas as fases da Unidade intitulada de «Eu sou como sou...» - (Re) Interpretação da identidade reflexiva.

5.2. Implementação da Unidade Didática

A unidade didática «Eu sou como sou...», foi implementada segundo os domínios/organizadores das aprendizagens essenciais, estipulados para as artes visuais: apropriação e reflexão; interpretação e comunicação; experimentação e criação. Nos domínios referidos, aplicámos através da reflexão sobre as manifestações culturais; enquadramento dos autorretratos e retratos, segundo o preenchimento da sua ficha técnica; questionamento dos processos artísticos, para melhor compreensão da arte contemporânea; interrelacionar os saberes da comunicação visual, nos processos de



Figura 28. Objeto Pedagógico/Artístico

fruição dos universos culturais; representação recorrendo ao cânone do rosto contemplando o retrato físico e psicológico; perceção dos vários elementos visuais; desconstrução do retrato cubista; utilização de várias técnicas de representação, impressão e colagem; utilização da expressão plástica como uma arte narrativa; articular conceitos, referências, experiências, materiais e suporte nas suas composições plásticas e reconhecer a arte como expressão de identidades.

Para todas as propostas de trabalho plástico da UD, foi utilizado um toucador composto por um tríptico espelhado, como objeto pedagógico/artístico, replicado em quatro exemplares, garantindo assim, a sua utilização simultânea por todos os alunos e facilitando a operacionalização pelos grupos conforme a sua distribuição em sala de aula. A UD incluiu oficinas de Monotipia, String Art e uma atividade de criação de um autorretrato cubista.

O objetivo geral da UD, era explorar a noção de identidade individual e como os alunos se veem, tendo em conta as suas características sócio emocionais e promover a expressão artística, reflexão crítica e familiarizar os alunos com técnicas e artistas relacionados, com a monotipia, a string art. A unidade também procurou relacionar o estilo artístico do cubismo com a (re)interpretação da identidade, além de estimular a criatividade e a expressão individual por meio do processo artístico.



Figura 29. Logótipo da UD

A imagem criada para identificação da unidade, relaciona-se com o conceito de tríptico e com os três momentos principais desta unidade, que intitulei: "Ao Espelho" – Monotipia, "Por um fio" - String Art e "Através do espelho" – Criação do Autorretrato Cubista.

5.2.1 Planificação

Encaro a planificação como uma ferramenta essencial para o professor, pois permite que este organize e estruture de forma eficiente o seu trabalho, estabeleça metas claras e garanta a progressão adequada do ensino-aprendizagem, por um período de tempo pré-definido.

Conforme refere Libâneo (1994), a planificação é uma responsabilidade do professor, que abrange tanto a antecipação das atividades, em relação à organização e coordenação para alcançar os objetivos propostos, como também a contínua revisão e ajuste durante o processo de ensino. A planificação não se resume apenas a uma forma de programar as aulas, mas também representa um momento de pesquisa e reflexão, intrinsecamente conectado ao processo de avaliação.

As planificações estruturantes para a operacionalização da UD que me propus dinamizar, foram divididas em três fases distintas e por ordem cronológica de execução: uma como tronco comum da unidade e outra como planificação da unidade didática – “Eu sou como sou...” – (Re) interpretação da identidade reflexiva. Na construção da planificação foram elaborados dois documentos, parte 1 e parte 2

(cf. Apêndice I), que correspondem a diferentes fases deste processo, e por essa razão considero pertinente a sua coexistência. Destaco a castanho, os instrumentos de avaliação aplicados durante a sequência de aprendizagem, que foram importantes no processo de autorregulação dos intervenientes, professor/aluno, em especial as rúbricas que serviram para dar o feedback aos alunos. E por último, apresento, a título de exemplo, um plano de aula detalhado e correspondente ao dia 24 de maio de 2023. (cf. Apêndice I)

Importa fazer notar que em todas as aulas lecionadas, projetei o plano de aula e disponibilizo as respetivas apresentações em apêndice, com o intuito de permitir a participação ativa dos alunos no desenvolvimento da aula, explorando os conceitos, recursos, estratégias e oportunidades de aprendizagem.

Para garantir a relevância do objeto pedagógico/artístico, foi realizada uma cuidadosa reflexão antes da sua construção, levando em consideração a sua utilidade prática. O processo de criação envolveu várias etapas, começando pela conceção da ideia, seguida da elaboração de um esboço, e por fim, a construção propriamente dita.

O design do objeto foi planeado em três fases distintas. Em primeiro lugar, foi pensada a criação de um tríptico espelhado desmontável, composto por três partes que podem ser separadas. Em seguida, foi desenvolvido o encaixe para o espelho central, e por último, construí uma base com gaveta, projetada para armazenar materiais de apoio à unidade didática, bem como um compartimento na base para guardar os demais espelhos.

Cada módulo do objeto é composto por cinco espelhos, sendo que três deles são encaixados por dobradiças, permitindo que sejam removidos e utilizados individualmente, conforme necessário.

Dessa forma, o objeto foi cuidadosamente projetado para atender às necessidades práticas da unidade didática, garantindo a funcionalidade e a praticidade no uso dos materiais durante as atividades.

Em coordenação com a professora cooperante, foi feita uma revisão antecipada de todos os materiais, recursos tecnológicos e ferramentas digitais necessários ao bom funcionamento das atividades. Essa tarefa foi facilitada pelo acesso à «caixa escolar», que garante a disponibilidade dos materiais específicos, para a concretização de todos os processos de criação e aprendizagem.

A realização de uma planificação estruturada facilitou o desenvolvimento das diferentes fases, em particular a operacionalização.

5.2.2 Avaliação

No processo avaliativo, podemos considerar as seguintes questões, servindo de autoanálise ao que me proponha trabalhar junto dos alunos e em conjunto com a professora cooperante. Qual é o objetivo da avaliação? O que se pretende que o aluno aprenda? Quais as competências a desenvolver? E, como proceder a essa avaliação?

A avaliação tem como objetivo, medir o progresso e o desempenho dos alunos, identificar lacunas de aprendizagem, fornecer feedback e orientação, além de promover a autorreflexão e a metacognição. E como referido por Perrenoud (1999), o feedback desempenha um papel fundamental no processo de avaliação, e segundo Fernandes (2008), este processo possibilita a autorregulação, que orienta os alunos no seu processo de ensino aprendizagem.

Quanto à aprendizagem do aluno, o objetivo é que adquira conhecimentos e competências relevantes, desenvolva uma compreensão aprofundada dos temas estudados, aplique o que aprendeu em situações reais e demonstre pensamento crítico e criativo. Para Gardner (1983), as escolas não se devem preocupar apenas em transmitir conhecimentos, mas também em desenvolver as diferentes competências dos alunos.

As competências identificadas no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, para cada área curricular envolvem múltiplas valências, teóricas e práticas. De forma, a serem alicerces para uma aprendizagem contínua e significativa.

A avaliação pedagógica, considerada no Projeto “Avaliar Para Aprender” do AEPG, será elaborada no final de cada aula, através do preenchimento de uma ficha de observação de aula e do registo de rubricas e autorregulada, aula a aula, para que o aluno se proponha a superar dificuldades e reorganizar as suas ações. Reforçada no início e no final da unidade, também serão guardados momentos próprios para esse efeito através de questionários online, com acesso através da classroom da turma e questões colocadas no mentimeter, preservando o anonimato dos participantes. Na classificação final, foi preenchida a grelha de avaliação da disciplina de Educação Visual, em forma de balanço, e segundo a avaliação dos seguintes Domínios de Aprendizagem: Apropriação e Reflexão «D1», Interpretação e Comunicação «D2» e Experimentação e Criação «D3», e os respetivos fatores de ponderação para cada um deles, assim como a sua percentagem «D1» – 15%, «D2» – 15% e «D3» – 70 %.

5.2.3 Operacionalização

A operacionalização de uma unidade didática de Educação Visual, envolve várias etapas e aspetos importantes, para garantir um ambiente de aprendizagem eficaz e estimulante.

Inicialmente, é essencial planear as atividades de forma lógica e progressiva, levando em consideração os objetivos de aprendizagem. De seguida, selecionar os materiais e recursos necessários, tanto os artísticos quanto os digitais, como softwares de edição de imagem.

Durante a operacionalização, é importante orientar os alunos, explicando claramente os objetivos de cada atividade e fornecendo instruções detalhadas. Também é fundamental oferecer apoio individualizado aos alunos, acompanhando o seu progresso e fornecendo um feedback construtivo.

A disposição dos materiais e a organização por pastas ou caixas, ajudam a criar um ambiente organizado e facilitam o acesso dos alunos aos recursos necessários, incluindo materiais, como tintas, pincéis e fios, e também os recursos e ferramentas digitais. Garantir que os materiais estejam em bom estado e prontos a usar, contribui para o desenvolvimento cabal de todos os projetos.

Por fim, como foi referido no subcapítulo anterior, a avaliação do progresso dos alunos, é importante para acompanhar a sua evolução ao longo da unidade didática. Estabelecer critérios claros de avaliação e utilizar instrumentos adequados, ajudam a avaliar o trabalho artístico produzido, a participação nas atividades e a compreensão de novos conceitos.

Ao considerar todos esses aspetos durante a operacionalização, cria-se um ambiente propício para a aprendizagem, estimulando a criatividade, o desenvolvimento das competências e a autonomia dos alunos.

Nesta fase, desafiámos os alunos a contribuírem no final de cada aula, construindo os seus sumários.

Os domínios/organizadores das aprendizagens essenciais, são ferramentas que estruturam e organizam o currículo, identificando os principais conceitos, competência e conhecimentos que os alunos devem adquirir. É função dos professores a planificação das aulas, garantindo uma progressão coerente no ensino. Também facilitam a comunicação entre os envolvidos no processo educativo e fornecem clareza, sobre o que os alunos devem aprender em cada etapa do processo de ensino

aprendizagem. Os domínios/organizadores são apresentados de diferentes formas e ajudam a orientar o planeamento, a seleção de recursos e a avaliação do progresso dos alunos.

As Aprendizagens Essenciais (AE) para as Artes Visuais, estão organizadas em diferentes ciclos por meio de Domínios/Organizadores, apresentados nos subcapítulos seguintes.

5.2.3.1 Apropriação e Reflexão «D1»

Este domínio, tem como objetivo a aprendizagem dos princípios da comunicação visual e compreensão dos sistemas simbólicos das diversas linguagens artísticas. Os alunos devem ser capazes de identificar e analisar conceitos, contextos e técnicas específicas usando um vocabulário adequado.

Nesta fase concreta, foram colocados em cima de uma superfície, 26 autorretratos de artistas, para que os alunos escolhessem aquele com que mais se identificam. As razões dessa escolha foram apresentadas em grande grupo.

Parte da informação adicional das obras como; título, autor e ano, foi intencionalmente separada para posterior ligação, sendo os alunos desafiados a fazerem a correspondência com a obra selecionada. Precedido de um trabalho de pesquisa e recolha de informações online, realizada na Biblioteca Escolar. Com a finalidade do preenchimento da ficha técnica da obra no Padlet - «Museu na sala de aula» criado para esse fim.

Estas atividades visaram proporcionar aos alunos, refletir sobre as manifestações culturais do património global e enquadrar as obras de diferentes períodos históricos e movimentos artísticos.



Figura 30. Padlet «Museu na sala de aula»

5.2.3.2. Interpretação e Comunicação «D2»

O objetivo desta atividade foi desenvolver de forma sistemática, organizada e abrangente a capacidade dos alunos em compreender e interpretar o retrato cubista. Este processo foi dividido em três fases principais: observar, desconstruir e identificar.

Essas etapas permitiram aos alunos aprofundar a linguagem visual e características do cubismo.

Ao interpretar e desconstruir o retrato cubista, foram desafiados a observar detalhes, identificar elementos, compreender a representação fragmentada e as formas geométricas características desse movimento artístico.

Nesta proposta de trabalho, os alunos realizaram a interpretação e desconstrução de um retrato cubista, através de um registo individual das suas análises e desconstruções da obra.

Posteriormente, apresentaram as características identificadas em pequenos



grupos, compartilhando as suas

Figura 31. Desconstrução do Retrato Cubista

observações em contexto de grande grupo. (cf. Apêndice VIII)

Ao passarem pelas fases de observação, desconstrução e identificação, os alunos ampliaram conhecimentos sobre o cubismo, identificando as intenções do artista e apontando as suas características e processos criativos.

5.2.3.3. Experimentação e Criação «D3»

Além da experiência artística da ilustração do que o aluno vê, importa que este valorize as suas criações através de um método próprio de trabalho, que se quer reflexivo e exploratório, aplicando o carácter plástico de conceitos e temas. A criação de novas soluções imagéticas deve reinventar, ligando técnicas e meios, materiais, e dando-lhes intenção e expressão.

Nesta fase da Unidade Didática, os alunos foram convidados, a representar o seu autorretrato como uma forma de expressão pessoal e reflexão. Através de diferentes técnicas e interpretações, como a monotipia, a String Art e o autorretrato cubista, uma oportunidade de gerar um processo criativo único e personalizado.

No autorretrato reflexivo, os alunos foram desafiados a olhar para si mesmos de forma profunda e explorar as suas emoções, experiências e identidade.

Oficina de Monotipia – "Ao Espelho" – Impressão de autorretrato

A monotipia como técnica de impressão única, através da transferência de tinta sobre uma superfície lisa.

Nesta oficina (cf. Apêndice VI), os alunos exploraram a técnica da monotipia, imprimindo um autorretrato. Permitiu explorar a tinta à base de álcool, das canetas de feltro, criando impressões expressivas e surpreendentes. Estes revelaram compreender e saber aplicar esta técnica, utilizando folhas humedecidas com água colocadas sobre o desenho do seu autorretrato, criado sobre e em frente a um espelho. Explorando o autorretrato, como expressão da sua identidade e exercício de autoconhecimento.

Autorrepresentação String Art – "Por um fio"

O recurso à String Art explorada com fios de algodão de várias cores, para criar propostas de autorrepresentação, por meio de padrões e formas, deu vida aos autorrepresentações dos alunos. Será uma oportunidade de explorar a consistência do material e a sua capacidade plástica, enquanto desenvolvem a motricidade e criatividade. (cf. Apêndice VII)

A utilização de um suporte rígido, optou-se por cartão, para explorar a flexibilidade dos fios de algodão como instrumentos de desenho livre, fixando-os com cola branca diluída em água, em partes iguais. A aplicação desta técnica pouco usual, revela potencialidades não exploradas, sendo um recurso na criação de novas abordagens potenciadoras de expressividade.

Criação do Autorretrato Cubista – "Através do espelho"

O movimento cubista, torna-se inspirador para uma autocaracterização com recurso a formas geométricas e fragmentos, que marcam a representatividade do retrato. A ausência de perspetiva, mas a representação das várias observações do rosto sobrepostos, atribui força e carácter ao resultado final. Os alunos terão a oportunidade de construir uma estrutura tríptica espelhada, baseada na obra *Efígie Transitória* de Ana Vieira, fundindo assim a representação do autorretrato cubista, com a estrutura inspirada na obra da artista.

Criando continuidade entre arte moderna e contemporânea, a fusão da desconstrução do rosto segundo a técnica cubista de representação, o pretendido não seria uma reprodução *ipsis verbis*, mas explorar a capacidade dos alunos de autointerpretação, e a criação de uma visão pessoal, jogando com os diferentes desenhos do formato do rosto, frontal e de perfil, segundo uma montagem tridimensional, dando a possibilidade ao



Figura 32. Efgie Transitória Exposição Sobre In/Visibilidade

observador, dependendo do ponto de onde faz essa mesma observação, imprime dinâmica e movimento à obra. Sendo a metade da oval do rosto, substituída por um espelho acrílico, dá ao autorretrato profundidade e projeção da imagem refletida pelo espelho. A otimização da pintura foi elaborada com tintas acrílicas, podendo com facilidade proceder à mistura e sobreposição de cores, mantendo a qualidade do trabalho. Devido ao carácter versátil destas tintas, podem ser utilizadas sobre o K-line definido para a construção da estrutura. (cf. Apêndice IX)

5.3 Tratamento de dados e métodos de análise

Conforme previamente destacado, esta investigação tem por base a pesquisa qualitativa, através da análise de conteúdos e hermenêutica dos dados recolhidos. Este processo encontra-se dividido em dois momentos: A autorregulação da avaliação do aluno e a matriz das entrevistas realizadas, para sua melhor análise, examina e interpreta conteúdos visuais dos trabalhos realizados, reconhecendo-lhe significados subjacentes.

Registos de avaliação e autorregulação, através de rubricas de avaliação aplicadas ao longo da UD através de um registo semanal por cada aluno.




Agrupamento de Escolas Paulo da Gama - 171281 Paulo da Gama

RUBRICA DE AVALIAÇÃO					
DESCRITORES					
CRITÉRIOS	O meu desempenho ...				OBSERVAÇÕES
	Muito Bom (nível 5)	Bom (nível 4)	Suficiente (nível 3)	Ainda não (nível 2-1)	
PESQUISA	... apresenta evidências de ter feito uma pesquisa organizada e cuidada.	... foi concluído apresentando as evidências de ter feito a necessária pesquisa.	... apresentei algumas evidências de ter feito a necessária pesquisa.	... ainda não apresenta evidências.	
CRIATIVIDADE	... foi muito inovador, acrescentando novas ideias ou sugestões.	... foi inovador na maioria das vezes.	... tenho sido pouco inovador.	... ainda não é inovador.	
AUTONOMIA	... foi realizado com muita autonomia, durante a execução e sua atualização.	... foi realizado, quase sempre de forma autónoma.	... foi realizado com a ajuda de colegas e/ou da professora.	... ainda não revela autonomia.	
PRODUTO	... foi concluído conforme as orientações fornecidas. Está muito cuidado e limpo.	... foi concluído segundo as orientações dadas. Está cuidado.	... foi parcialmente concluído segundo as orientações fornecidas.	... ainda não se encontra concluído.	

Ao avaliar o meu desempenho:

- Promovo as aprendizagens essenciais;
- Atendo às circunstâncias individuais de cada aluno;
- Privilégio a aprendizagem autónoma e responsável;
- Integro a avaliação no processo de aprendizagem;
- Dou um feedback aos alunos da sua situação.

Tabela 1. – Descritores das rubricas de Avaliação




Agrupamento de Escolas Paulo da Gama - 171281 Paulo da Gama

Nome do aluno:	Nº	Ano:	Turma:
Eu sou como sou ... Professora Estagiária Maria Manuel Rodrigues Professora Tutora Ana Teresa Oliveira Ano letivo 2022/23			

RUBRICA DE AVALIAÇÃO - O meu desempenho ...							
CRITÉRIOS	26/04/23	03/05/23	10/05/23	17/05/23	24/05/23	31/05/23	07/06/23
PESQUISA							
CRIATIVIDADE							
AUTONOMIA							
PRODUTO							
NUMA PALAVRA ESTA AULA FOI...							
OBSERVAÇÕES							

Tabela 2. – Observação e registo semanal das rubricas de avaliação

Rubrica de avaliação - Resultados

Gráficos com o registo do desempenho de cada aluno

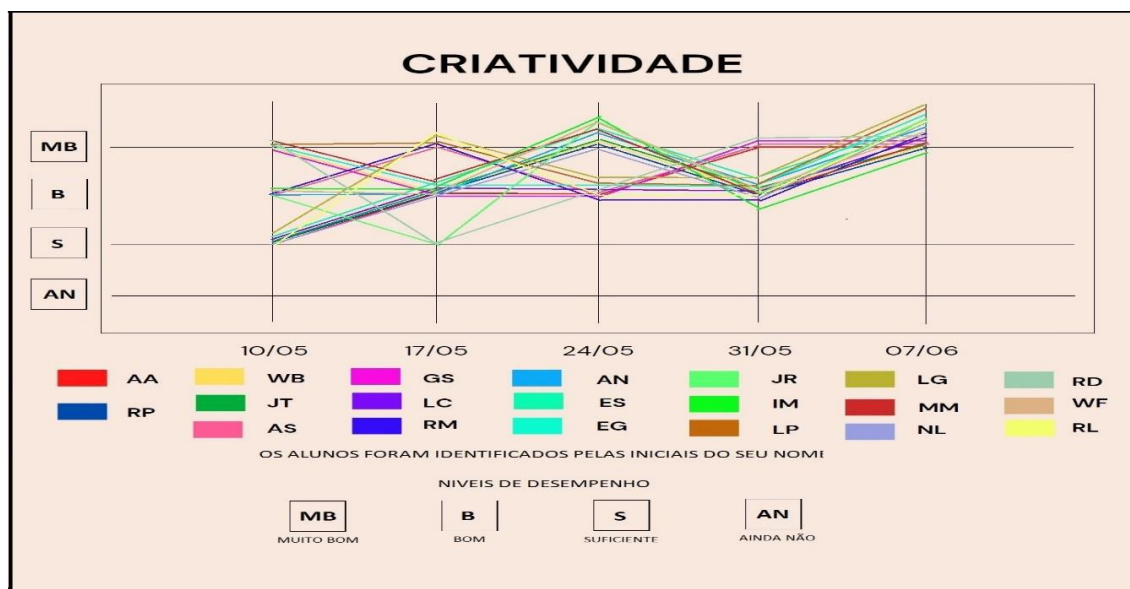


Gráfico1. – Análise da Criatividade autorregulado por cada aluno com base na tabela

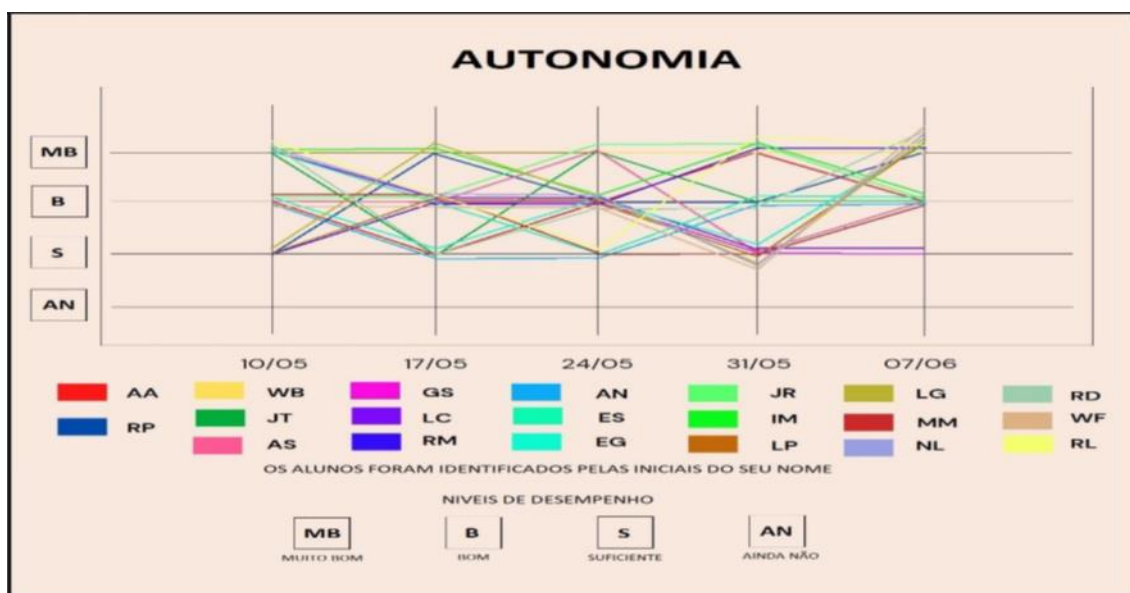


Gráfico 2. – Análise da Autonomia autorregulado por cada aluno com base na tabela



Gráfico 3. – Análise do Produto autorregulado por cada aluno com base na tabela

5.3.1 Análise de conteúdos visuais

Desta análise, destaca-se a comunicação, o processo autorregulado e acompanhamento através de trocas cíclicas entre professor/aluno/professor. Este método de autorregulação, não só permite o registo do professor, mas também o contributo do aluno com a sua visão e adaptação, um ato de constante avaliação e apropriação. Daí advém uma análise, mais abrangente dos conteúdos visuais a considerar, para tecer relações com os resultados obtidos e teorias referidas no estudo. Aspetos focados pelos alunos ao longo da realização e avaliação dos exercícios plásticos, onde conseguiram traduzir uma visão holística da sua identidade.



Figura 33. – «Numa palavra esta aula foi...» Figura 34. – Palavras que definem cada aluno na plataforma Mentimeter



Gráfico 4. – Avaliação da Unidade Didática registado na plataforma Mentimeter



Figura 35. – Momentos mais importantes da disciplina registado na plataforma Mentimeter

Registo de Autoavaliação final com autorregulação.

Qual das fases desta unidade despertou mais o teu interesse e empenho?
20 respostas

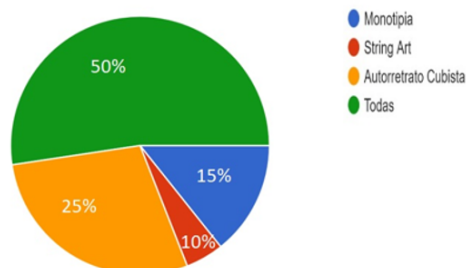


Gráfico 5. – Fases da Unidade

Adquiri, compreendi e apliquei conhecimentos técnicos.
20 respostas

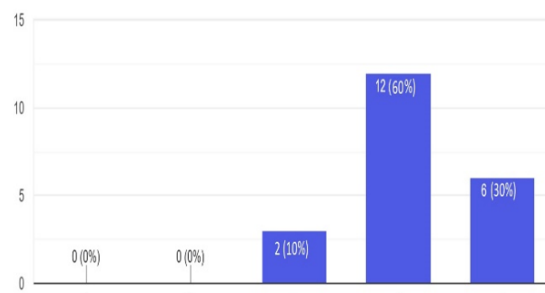


Gráfico 6. – Conhecimentos técnicos

Apliquei conhecimentos a novas realidades
20 respostas

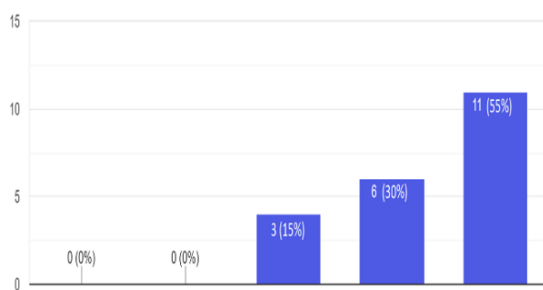


Gráfico 7. – Aplicação de conhecimentos a realidades

Revelei originalidade e criatividade
20 respostas

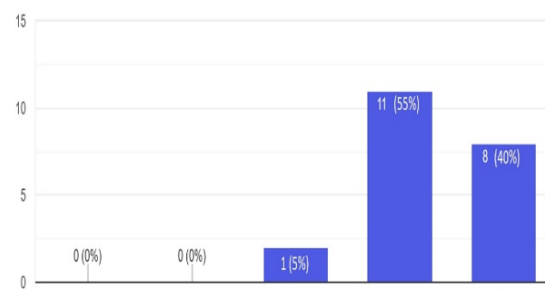


Gráfico 8. – Revelação de originalidade e novas criatividade

Demonstrei autonomia e responsabilidade na realização das atividades.
20 respostas

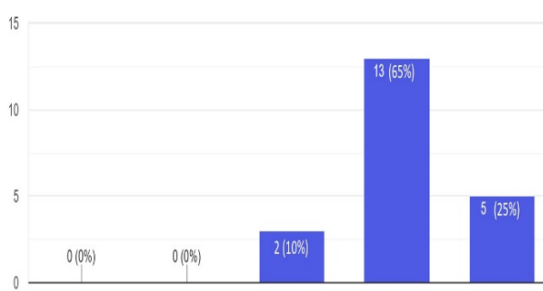


Gráfico 9. – Autonomia e responsabilidade na realização da atividade

Entrevi em prol da comunidade nomeadamente na dinamização do workshop da monotipia.
20 respostas

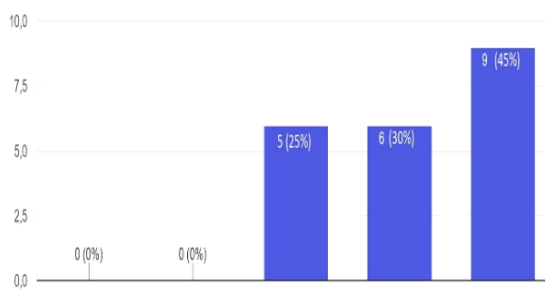


Gráfico 10. – Dinamização da oficina de monotípica

Estive empenhado(a) em aprender e aplicar esta nova técnica.
20 respostas

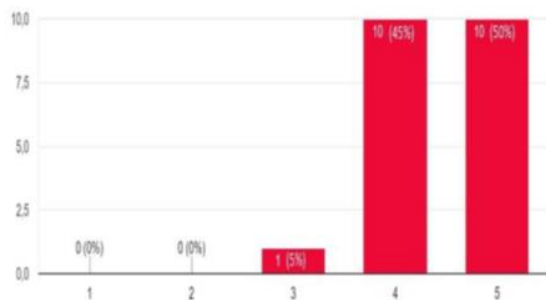


Gráfico 11. – Aprender e aplicar uma nova técnica

Desenvolvi de forma criativa explorando todas as potencialidades do fio.
20 respostas

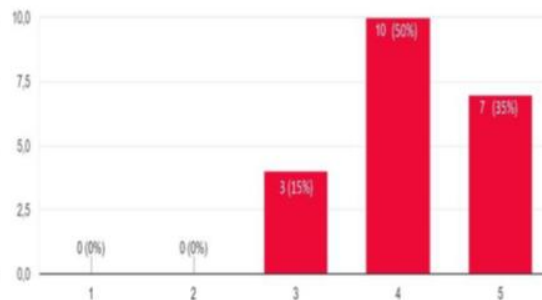


Gráfico 12. – Explorar as potencialidades do fio

Apresentei evidências de ter realizado uma pesquisa organizada e cuidada.
20 respostas

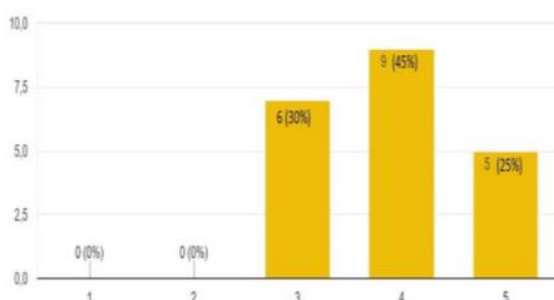


Gráfico 13. – Apresentação de evidências realizadas em pesquisa organizada

Foi inovador apresentando e desenvolvendo novas ideias.
20 respostas

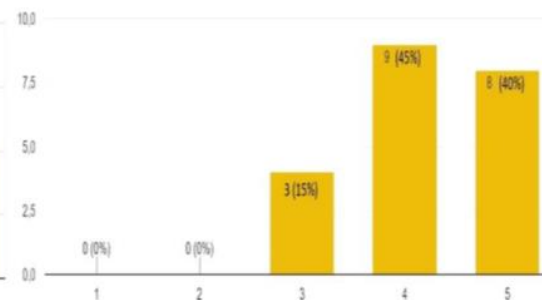


Gráfico 14. – Inovação no desenvolvimento de novas ideias

Realizei autonomamente todas as propostas.
20 respostas

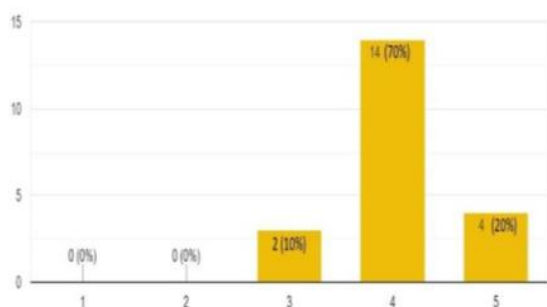


Gráfico 15. – Realização autónoma de propostas conforme orientações

O produto final foi concluído conforme as orientações fornecidas (retrato cubista) e encontra-se cuidado e limpo.
20 respostas

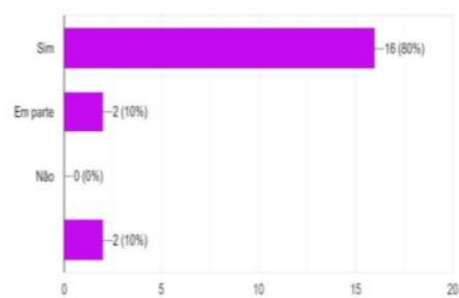


Gráfico 16. – Conclusão do produto final

Avaliação final do meu desempenho.
20 respostas

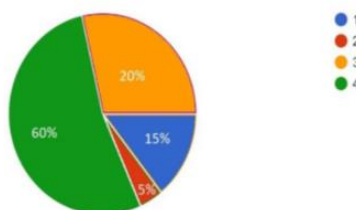
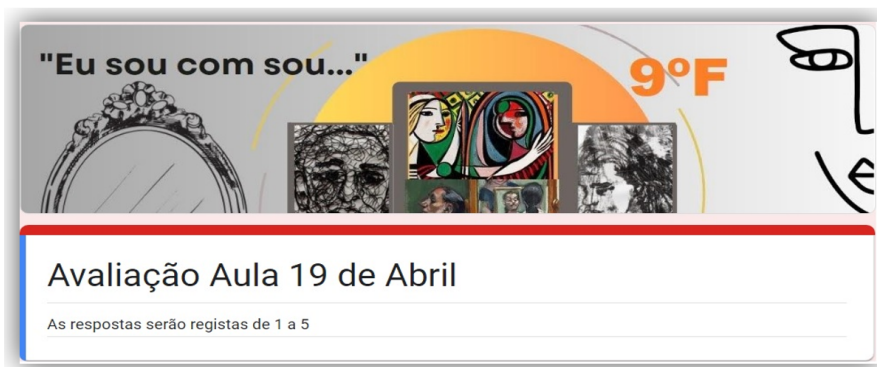


Gráfico 17. – Avaliação final



Pesquisei e completei a ficha técnica da obra

17 respostas

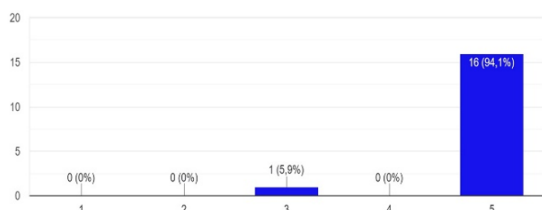


Gráfico 18. – Pesquisa da ficha técnica da obra

Respeitei as opiniões dos meus colegas

17 respostas

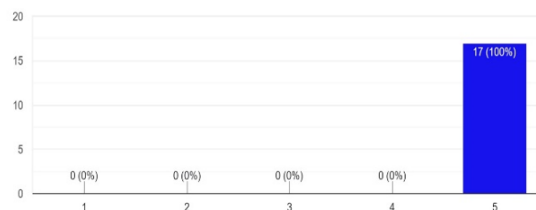


Gráfico 19. – Respeito pelas opiniões dos colegas

Respeitei a apresentação dos meus colegas

17 respostas

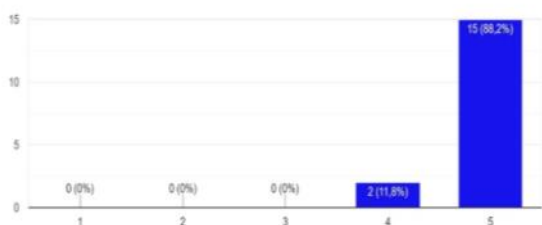


Gráfico 20. – Respeito pela apresentação dos colegas

Pesquisei de forma autónoma sem necessitar de ajuda

17 respostas

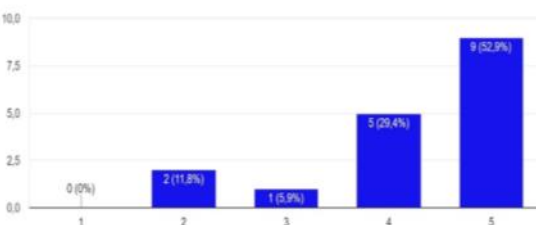


Gráfico 21. – Pesquisa autónoma

Comuniquei com clareza os resultados da minha pesquisa

17 respostas

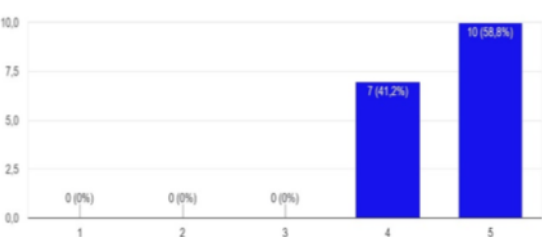


Gráfico 22. – Comunicação clara dos resultados

A professora transmitiu as tarefas a realizar de uma forma clara

17 respostas

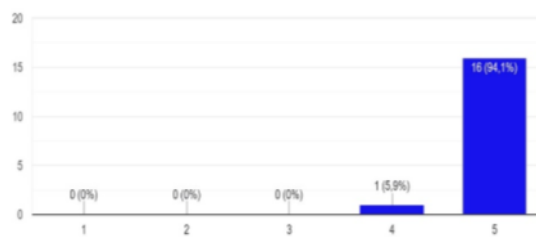


Gráfico 23. – Transmissão clara das tarefas

A professora mostrou disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas

17 respostas

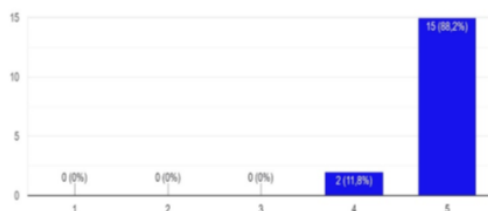


Gráfico 24. – Esclarecimento de dúvidas

5.3.2 Análise hermenêutica

A leitura e interpretação dos textos apresentados na sequência das entrevistas realizadas, fundamentados no enquadramento teórico, são destacados na apresentação de uma matriz, em cada caso, para posterior triangulação com os dados recolhidos na prática de ensino. (cf. Apêndice XI)

Matriz da Entrevista – Entrevista 1

“Explorando o Uso do Espelho como Tradutor da Identidade”

Questões	Responsável do Serviço Educativo da Casa da Cerca Mário Rainha Campos
1	Tenho trabalhado como Arte Educador fora do país, normalmente em projetos de voluntariado em países lusófonos, e praticamente sempre através e usando o desenho como modalidade expressiva, expressão criativa do ser.
2	Sou pedagogo, a minha arte é uma arte de relação com os outros.
3	Portanto, onde eu procurei sempre aprender, foi com a Arte propriamente dita, com os artistas e com a expressão criativa do ser, na resolução dos desafios que vou lançando, na análise e discussão desses mesmos resultados. A verdade é que muito daquilo que aqui se faz nasceu da observação, da escuta direta das necessidades, de procurar soluções para lá chegar e criar enunciados que concorram sinergicamente para as necessidades dos professores, para que eles façam destes espaços culturais também espaços de educação.
4	criar situações e comunidades de aprendizagem, lançando desafios. Portanto, espaços com engenhos, com arquiteturas de ocupações de espaço, com disponibilização de materiais para fazerem exercícios que concorram para aprendizagens relevantes.
5	Desafio os participantes a desenhar a primeira coisa que me dizem é que não sabem desenhar. Então, tenho procurado diversas estratégias para a sua desinibição, para capacitar todos a ultrapassar isso, independentemente da sua idade.
6	O papel do espelho objeto, é o de fazer um fluido vertical. O espelho simbólico, que é cada desenhador, que aqui funciona como uma atenção. Isto é, o desenho aqui é um tempo de atenção, simplesmente estar com os olhos nos outros, de dar atenção ao outro e de receber atenção do outro. É sobre empatia.
7	De cuidado, de serem cuidados, isto é, que estão a ser respeitados, estão a ser dignos de atenção, um clima de respeito. Eu procuro que em todas as atividades que faço, existam esses momentos de fascínio e de encantamento.
8	As obras de arte são espelhos, quando nós lemos uma obra de arte, há coisas que toda a gente vê e há coisas que nem toda a gente vê. Obviamente se eu souber fazer um exercício de auto desenhar, é a partir de um espelho.
9	O outro que o desenha é o espelho. Quem está a desenhar está no papel do espelho.
10	Os professores cedem tempo para estarmos em parceria criativa a conceber uma atividade que vá mais ao encontro das suas necessidades específicas. O que eles levam daqui é o que se chamava, no início do século passado, o cartão de visita.
11	Fascínio, ou melhor encantamento

Matriz da Entrevista – Entrevista 2

“Explorando o Uso do Espelho como Tradutor da Identidade”

Questões	Professor Doutor Arquiteto José Manuel Castanheira Professor, Arquiteto e Encenador
1	Filho e marido de professoras, fui para o professor e para o teatro por amor. Embora não tivesse a mínima ideia e perspectiva sobre isso.
2	A relação do professor com os estudantes que passa primeiro por uma questão de humanidade. Ou seja, a primeira coisa quem estão ali são dois seres humanos. Um que tem experiência e conhecimento e o outro que está à procura de respostas.
3	O professor deve ter a preocupação de proporcionar aos alunos, ferramentas e capacidades para lidar com o manancial de informação anárquico, confuso, milhões de coisas que invadem o imaginário do dia-a-dia dos jovens e que perturbam o acesso ao conhecimento, ao crescimento e a sua vida e partilhar com o jovem essa capacidade de ser capaz de ter uma atitude crítica perante tudo aquilo que lhe é oferecido diariamente.
4	Nada foi registado
5	Nada foi registado
6	Nada foi registado
7	Em geral, os alunos demonstram muita curiosidade nomeadamente em relação ao exercício da arquitetura e da cenografia. Ser professor é uma missão, para exercer essa missão, é obrigatório a partilha e proporcionar conhecimento isso faz parte da nossa condição de existência, existir, adquirir conhecimento e experiência.
8	O meu objetivo foi sempre ir para além da transmissão de conhecimentos, preservar o mais possível a diferença e a identidade de cada aluno, que deveria ser fomentada e preservada. Muitas vezes, erradamente, o professor pretende ensinar a interpretar, mas o mais importante é ensinar os alunos a saberem interpretar. A relação entre professor e aluno é uma relação de amizade. Levar os alunos para fora da escola, é absolutamente essencial.
9	Os alunos são todos diferentes. Não podemos ter a pretensão de querer que sejam iguais. A riqueza da pluralidade e diversidade.
10	A questão da tradução da identidade, está obrigatoriamente ligada ao espelho, ao uno, ao indivíduo. O que o espelho reflete não é uma experiência coletiva, é uma experiência individual.
11	“O espelho é um grande mistério e permitir-nos vermos a nós próprios”. Após de partilha de uma história pessoal deixou a frase “O que é que valerá a pena fazer realmente no pouco tempo que me resta?”
12	Lancei um trabalho pioneiro na abordagem à arquitetura através de um exercício que estimulava os jovens individualmente a abordar estas questões através da plenitude dos sentidos e em particularidade vivida na sua individualidade por cada aluno.
13	O espelho como máscara. Tanto na vida como no teatro, todos sabem que é mentira. Mas todos vão querer imaginar que é verdade. Quando isso tudo acontece, é fantástico.
14	Todo o trabalho de desenvolvimento ficcional, da imaginação, advém da pseudorrealidade, advém da experiência de vida. Tem uma identidade própria, específica.
15 e 16	Parar para pensar. Duas pessoas ao verem-se ao espelho. Um vê uma coisa e outro vê outra. Cada um formula a sua coisa. Mas a humanidade não lida com essa complexidade porque quer normalizar tudo. Proporcionar

CONCLUSÃO

Por meio da leitura e análise de dados recolhidos, esta investigação é aprofundada na sua transversalidade através da tríade: aluno/quadro teórico/entrevistas. Esta Abordagem Artístico/Pedagógica, tem o desígnio de responder às questões de partida, tal como aferir se os resultados estão ajustados aos objetivos propostos. A resposta às perguntas será sempre realizada através da triangulação entre exercícios desenvolvidos pelos alunos, o travejamento teórico e experiências relatadas pelos entrevistados.

O estudo reporta à interligação da triplicidade conceptual, associada às seguintes noções: prática artística, tradução da identidade e o universo especular, com os fenómenos especulares, próprios de Eco, tratados por aproximação semiológica ao humano e à sua interpretação objetiva e subjetiva, ao conceito freudiano do duplo e do estranho, que dele advém, a abordagem de Bourdieu ultrapassando a norma enraizada pelo *habitus* e valorizando a arte e o carácter do seu capital de prestígio.

Num primeiro vértice analítico, os exercícios plásticos aplicados pelos alunos na UD, o espelho revela-se ignição, intérprete de uma vontade implícita no momento em que perante o espelho material, foram convocados e ficaram «suspensos», absolutamente impelidos a aceitar o desafio lançado, a manifestar na objetividade, mas também na subjetividade, a expressão criativa de cada um. Este autorreconhecimento especular, aprofunda a experiência, o espírito crítico e transmite leituras e imagens. Aqui, a primeira pessoa, o sujeito, surge como protagonista de uma história pessoal, é através dele e de exercícios plásticos que traz à superfície as suas experiências, reflexões e conquistas.

O ato de coragem do aluno, de aceitar o repto de ser protagonista, ser observador e de se representar, faz com que se revise em imagens “recalcadas” e confronte o seu duplo. Nesses momentos, revela-se o enigmático, o oculto e especialmente o indesejado.

Em segundo lugar, na génese do *uno*, a identidade abriga o espelho e/ou o espelho abriga a identidade. São paradigmas indissociáveis, que provocam na sua figuração os contrastes: intimidade e distanciamento, o que somos e que pretendíamos ser; o plural e o singular, o ilusório e o concreto, a fantasia e a realidade, o universal e o particular, revogados em todas as abordagens artísticas, concretizadas pelos alunos e constado através da autorregulação, que existiu ao longo de todo o processo evolutivo dos trabalhos.

Por último, as vivências e abordagens provam que o espelho, a arte e as suas práticas, despertam mistério, causam fascínio, desinibem o ato de retratar. Nas diferentes individualidades, englobam a diversidade e a pluralidade, validam heterogeneidade, lidam com a complexidade e transformam-na em simplicidade, e essencialmente proporcionam experiências.

Considera-se que esta investigação apresenta algumas limitações: foram detetadas fragilidades de carácter espacial, temporal e na sua abrangência. Estes três fatores são preponderantes, ao criar algumas suscetibilidades nas conclusões partilhadas. À partida, verifica-se a necessidade de alargar o estudo a outras comunidades educativas, inseridas em realidades diferentes, nomeadamente em contexto rural ou em escolas beneficiadas pela localização e condição social. E ainda, existe a pertinência de alargar a durabilidade deste estudo a pelo menos três anos. Por fim, ampliar a observação ao maior número possível de alunos, alargando a investigação através do aumento das turmas observadas.

De qualquer forma, conclui-se que ao sujeito abrem-se novas possibilidades e questões. Poderá ser ambicioso traduzir a identidade, mas fica aqui demonstrado que a tradução artística aglutinada aos fenómenos especulares, será sempre uma das formas mais desafiante e estimulante de transmiti-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, H. (2005). *Dias Quase Tranquilos. Dias quase tranquilos*. Lisboa. Editorial Caminho.
- Bachelard, G (1990) *O Ar e os Sonhos – Ensaio sobre a Imaginação do Movimento*, Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Bauman, Z. (2005) *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bourdieu, P. (1989). *O Poder do Simbólico. Memória e Sociedade*. Lisboa: Difel.
- Bourdieu, P. (1992). *Réponses Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (2007). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas SP: Papyrus.
- Carlos, I. (1998). Helena Almeida em entrevista a Isabel Carlos, in Helena Almeida, Milano: Electa.
- Carroll, L. (2009). *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice do Outro Lado do Espelho*. Tradução: Margarida Vale de Gato. Relógio d'Água.
- Castro, L. Pereira, M. (1992). *Além da Sombra – Exposição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Arte Moderna.
- Coslin, P. (2002). *Psicologia do adolescente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Damisch, H. (1984). *Arte e Artista in Artes – Tonal/Atonal*. Enciclopédia Einaudi (Vol.3 de 1- 45) Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- De Seta, C. (1984). *Objecto in Artes – Tonal/Atonal*. Enciclopédia Einaudi (Vol.3 de 1- 45) Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Eco, U. (1985). *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Lisboa: Difel.
- Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Fernandes, D. (2008). Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. *Estudos em Avaliação Educacional*, 19(41), 347-372. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010368312008000300002&lng=pt&lng=pt. acedido em 16 de julho de 2023.
- Fontcuberta, J. (2011) *El beso de Judas: fotografía y verdad*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Foucault, M. (1992). *As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, P. (1974). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gardner, H. (1983). *Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas*. Basic Books.

- Jackson, R. L., Hogg, M. A. (2010). Confessional Art. Encyclopedia of Identity SAGE Publications, Inc, <http://dx.doi.org/10.4135/9781412979306>.
- Jurado, C. (2016). Maestros olvidados T3 | Carlos Jurado. Fotografía estenopéica: Ciudad de México. Canal Catorce. Sistema Público de Radiodifusão do Estado Mexicano.
- La Torre, A. (2003). La investigación-acción. Conocer y cambiar la práctica educativa. Barcelona: Editorial Graó.
- Lacan, Jacques (1966), Écrits 1, Paris, Seuil.
- Mortimer, I. (2016). Millennium: From Religion to Revolution: How Civilization Has Changed Over a Thousand Years. New York. Pegasus Books.
- Perrenoud, P. (1999) Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Porebski, M (1984). Atribuição in Artes – Tonal/Atonal. Enciclopédia Einaudi (Vol.3 de 1- 45) Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Vasconcelos, M.C. (2018). Investigação-ação, um contributo para a melhoria da prática no ensino das artes. Livro de artes. ISBN - 978-84-09-04679-9.

WEBGRAFIA

- A Minha Obra e Eu: Jorge Molder | Museu Coleção Berardo | #MCB_Online. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iYLLCwPMQyc&ab_channel=Museu_ColecaoBerardo. Acedido em 19 de dezembro de 2023.
- Artistas Unidos. Introdução à exposição In/Visibilidades de Ana Vieira. Disponível em: <https://artistasunidos.pt/invisibilidade-de-ana-vieira/>. Acedido a 2 de janeiro de 2024.
- Centre Pompidou. Roteiro de exposição de Louise Bourgeois. Disponível em: <https://mediation.centrepompidou.fr/education/ressources/ENS-bourgeois-EN/ENS-bourgeois-EN.html>. Acedido em 3 de janeiro de 2024.
- Centro de Arte Moderna Gulbenkian. (2023). Ana Vieira. Toucador. Disponível em: https://gulbenkian.pt/cam/works_cam/toucador-156588/. Acedido em 2 de janeiro de 2024.
- Direção Geral da Educação. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_ev metas curriculares 2 e 3 ciclo.pdf. Acedido a 14 de novembro de 2023
- Efeméride Fotográfica | Carlos Jurado. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=MYK-Qi_yWIA&ab_channel=IVECOFicial . Acedido em 29 de novembro de 2023.
- Entre Nós: entrevista a Helena Almeida. Universidade Aberta. Disponível em: <https://educast.fccn.pt/vod/clips/29zzhx5nx0/streaming.html?locale=pt>. Acedido em 31 de dezembro de 2023.

- Exhibition — Louise Bourgeois: The Cells. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LMXQz2AsKQk&abchannel=HausderKunst>. Acedido em 3 de janeiro de 2024.
- Jewish Museum. Disponível em <https://thejewishmuseum.org/collection/28304-untitled-self-portrait-with-camera>. Acedido 30 de novembro de 2023.
- Jorge Molder (2022) Speaks about his work. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EtzWE6YztRQ&ab_channel=GaleriaMiguelNabinho. Acedido em 3 de janeiro de 2024.
- Kusama. Y. (2019). Biografy. Disponível em <http://www.yayoi-kusama.jp>. Acedido em 4 de janeiro de 2024
- Museu Coleção Berardo, As Escolhas dos Críticos: Ana Vieira por Luísa Soares de Oliveira#MCBOnline. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2n2V_Ogimk0&ab_channel=MuseuColecaoBerardo. Acedido a 2 de janeiro de 2023
- PORTA 33. Sobre a exposição Sobre In/Visibilidade de Ana Vieira. Disponível em: https://www.porta33.com/porta33_madeira/exposicoes/content_exposicoes/ana-vieira/ana-vieira-conversa.html. Acedido a 3 de janeiro de 2024.
- RTP - Jornal da Tarde transmitido 8 Janeiro 2022. Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/cultura/morreu-a-artista-plastica-madeirense-lourdes-castro_v1375460. Acedido em 29 de dezembro 2023.
- San Francisco Museum of Modern Art “Crimes against Photography”: Man Ray and the Rayograph. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2umyxWJslJY&t=3s&ab_channel=SanFranciscoMuseumofModernArt. Acedido em 30 de dezembro de 2023.
- Solomon R. Guggenheim Museum - Teacher Resource Unit_disponível em <https://www.guggenheim.org/wp-content/uploads/2019/12/guggenheim-teaching-materials-haunted.pdf> acedido a 28 de dezembro 2023.
- Teresa Burga – Artista: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8TJTWHY_PICy&ab_channel=ARTLOAD-Vers%C3%A3oPortugu%C3%AAs. Acedido em 30 de dezembro de 2023.
- Teresa Burga, Artist Autorretrato. Estructura. Informe, 9.6.1972 (Self-portrait. Structure. Report, 9.6.1972) , 1972. Disponível em <https://hammer.ucla.edu/radical-women/art/art/autorretrato-estructura-informe-961972-self-portrait-structure-report-961972>. Acedido em 30 de dezembro de 2023

APÊNDICES

APÊNDICE I – Planificações

a) Planificação da Unidade Didática – Parte 1

PLANIFICAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA (PARTE 1)					ORIENTADORA COOPERANTE: ANA OLIVEIRA		9ºANO
"Eu sou como sou..." - (Re) Interpretação da identidade reflexiva					PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA RODRIGUES		TURMA F
Prática de Ensino Supervisionada Escola E.B. 2,3 Paulo da Gama Ano letivo 2022/23					Nº AULAS: 14		2ºSEMESTRE
TEMA(S)/CONTEÚDOS	DOMÍNIOS, CONHECIMENTOS, CAPACIDADES E ATITUDES	MATERIAIS	RECURSOS TECNOLÓGICOS FERRAMENTAS DIGITAIS	PARCEIROS	AÇÕES ESTRATÉGICAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM		Nº DE AULAS PREVISTAS 1 TEMPO (10 MIN)
					Professor	aluno	
Arte e Património Padlet - Museu na Sala de Aula	FASE 1: APROPRIAÇÃO e REFLEXÃO (D1) -15% Enquadrar os objetos artísticos de diferentes culturas e períodos históricos, tendo como referência os saberes da História da Arte (estilos, movimentos, intencionalidades e rurais).	Retratos impressos	Padlet Classroom PPTs Questionário avaliação - Formulários Google Computadores	Biblioteca Escolar	Expositor/Orientador Promove as aprendizagens essenciais; Motivador - Atende às circunstâncias individuais de cada aluno; Facilitador - Privilegia a aprendizagem autónoma e responsável; Valorizador - Integra a avaliação no processo de aprendizagem. Dá um feedback aos alunos da sua situação. (Classroom e ficha semanal por rubricas)	Participar nas atividades propostas ao longo das 6 fases.	14 tempos + workshop 3 tempos
						Respeitar os prazos propostos. Colaborar com a sua equipa na pesquisa e produção de trabalhos de forma autónoma. Interpretar, comunicar ideias e ser criativo. Dinamizar com os alunos do 5ºano o Workshop de monotopia. Com o objetivo de cada aluno realizar pelo menos uma impressão do seu autorretrato. Avaliar-se através de questionário e mentimeter todas as aprendizagens e conteúdos adquiridos ao longo da unidade.	
Visão/percepção Desconstrução do Autorretrato Cubista	FASE 2: INTERPRETAÇÃO e COMUNICAÇÃO (D2)- 15% Relacionar o modo como os processos de criação interferem na(s) intencionalidade(s) dos objetos artísticos. Interrogar os processos artísticos para a compreensão da arte contemporânea.	Papel Vegetal Retratos impressos Materiais riscadores Cartão Cola	PPTs Classroom Projetor Computador				
Forma Estrutura Luz-Cor "Ao Espelho" Monotopia "Por um fio" String Art Autorretrato Cubista Workshop Monotopia Feira de Projetos CMS	FASE 3: EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO (D3)- 70% Manifestar expressividade nos seus trabalhos, selecionando, de forma intencional, conceitos, temáticas, materiais, suportes e técnicas. Organizar exposições em diferentes formatos - físicos e/ou digitais - individuais ou de grupo, selecionando trabalhos tendo por base os processos de análise, síntese e comparação, que conjugam as noções de composição e de harmonia, de acordo com o objetivo escolhido/proposto	Espechos/ Esponja Canetas de feltro Tabuleiros /Água Pincéis/ Cola Branca / Cartolinas Fios de algodão Fita Cola/ Pincéis Tessitura / Paleta K-Line / Paleta X-ato / Folhas A4 Tintas acrílicas Papel absorvente Toucadador (composto por um tríptico espelhado)	Vídeos Museus Virtuais PPTs Escola Virtual Classroom Mentimeter Questionário avaliação - Formulários Google Computador Projetor	Camara Municipal do Seixal			

b) Planificação da unidade didática – Parte2

PLANIFICAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA (PARTE 2)					ORIENTADORA COOPERANTE: ANA OLIVEIRA	9ºANO
"Eu sou como sou..." - (Re) Interpretação da identidade reflexiva					PROFESSORA ESTAGIÁRIA: MARIA RODRIGUES	TURMA F
Prática de Ensino Supervisionada Escola E.B. 2,3 Paulo da Gama Ano letivo 2022/23					Nº DE AULAS PREVISTAS: 14	2ºSEMESTRE
CONTEÚDOS	DOMÍNIOS APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	DESCRIPTOR DO PERFIL DO ALUNO	RECURSOS DIDÁTICOS		ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES	
			MATERIAS	TECNOLOGIA FERRAMENTAS DIGITAIS		
Arte e Património Arte contemporânea/ Retrato na arte	FASE 1: APROPRIAÇÃO e REFLEXÃO (D1) Refletir sobre as manifestações culturais do património local e global (obras e artefactos de arte - pintura, escultura, desenho, assemblage, colagem, fotografia, instalação, land art, banda desenhada, design, arquitetura, artesanato, multimédia e linguagens cinematográficas). Enquadrar os objetos artísticos de diferentes culturas e períodos históricos, tendo como referência os saberes da História da Arte (estilos, movimentos, intencionalidades e ruturas).	Critico/Analítico (A, B, C, D, G) Indagador/ Investigador (C, D, F, H, I) Autoavaliador (transversal às áreas)	Retratos impressos	Padlet Classroom PPTs Questionário avaliação – Formulários Google Computadores Projetor	PROPOSTA DE TRABALHO (P1) (2 aulas de 50min) Análise e escolha de um retrato. Reflexão e a explanação das razões da sua escolha. Trabalho de pesquisa e recolha de informação online. Preenchimento da ficha técnica de obra no Padlet criado para o efeito. Greija de observação de aula Avaliação do desempenho do aluno (rubrica com atribuição de feedback) Preenchimento do questionário 1	
Visão/percepção	FASE 2: INTERPRETAÇÃO e COMUNICAÇÃO (D2) Relacionar o modo como os processos de criação interferem na(s) intencionalidade(s) dos objetos artísticos. Interrogar os processos artísticos para a compreensão da arte contemporânea. Compreender a importância da interrelação dos saberes da comunicação visual (espaço, volume, cor, luz, forma, movimento, estrutura, ritmo, entre outros) nos processos de fruição dos universos culturais.	Comunicador (A, B, D, E, H) Conhecedor/ sabedor / culto/ informado (A, B, G, I, J)	Papel Vegetal Retratos impressos Materiais riscadores Cartão Cola	PPTs Classroom Computadores Projetor	PROPOSTA DE TRABALHO (P2) (2 aulas de 50min) Interpretação e desconstrução de um retrato cubista. Registos individuais da desconstrução. Apresentação das suas características em pequeno e em grande grupo. Greija de observação de aula Avaliação do desempenho do aluno (rubrica com atribuição de feedback)	

CONTEÚDOS	DOMÍNIOS APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	DESCRIPTOR DO PERFIL DO ALUNO	RECURSOS DIDÁTICOS		ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES	
			MATERIAS	TECNOLOGIA FERRAMENTAS DIGITAIS		
Forma Estrutura Luz-Cor	FASE 3: EXPERIMENTAÇÃO e CRIAÇÃO (D3) Manifestar expressividade nos seus trabalhos, selecionando, de forma intencional, conceitos, temáticas, materiais, suportes e técnicas. Entender o desenho como um meio para a representação expressiva de formas. Utilizar técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade. Utilizar a expressão plástica como uma arte narrativa. Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento. Organizar exposições em diferentes formatos – físicos e/ou digitais – individuais ou de grupo, selecionando trabalhos tendo por base os processos de análise, síntese e comparação, que conjugam as noções de composição e de harmonia, de acordo com o objetivo escolhido/proposto. Utilizar e representar as proporções do rosto humano. Articular conceitos (espaço, volume, cor, luz, movimento, estrutura, forma, ritmo), referências, experiências, materiais e suportes nas suas composições plásticas.	Responsável/ autónomo (C, D, E, F, G, I, J) Criativo (A, C, D, J) Participativo / colaborador (B, C, D, E, F) Cuidador de si e do outro (B, E, F, G) Autoavaliador (transversal às áreas)	Toucadour (composto por um triptico espelhado) Espelhos Folhas A4 Esponja Canetas feltro Tabuleiros Água Papel absorvente Pincéis Cola Branca Cartolinas Fios de algodão Fita Cola Póscas Tesoura K-Line Paleta X-ato Tintas acrílicas	Videos Museus Virtuals PPTs Escola Virtual Classroom Mentimeter Questionário avaliação – Formulários Google	PROPOSTA DE TRABALHO (P3) (2 aulas de 50min) Definição do conceito de triptico (propostas). Compreensão e aplicação da técnica de monotipia. Greija de observação de aula Avaliação do desempenho do aluno (rubrica com atribuição de feedback) PROPOSTA DE TRABALHO (P4) (2 aulas de 50min) Compreensão e aplicação da técnica de String Art. Greija de observação de aula Avaliação do desempenho do aluno (rubrica com atribuição de feedback) PROPOSTA DE TRABALHO (P5) (6 aulas de 50min) Compreensão e aplicação da técnica de pintura com acrílico. Construção de uma estrutura tríplice espelhada baseada na obra "Efigie Transitória" de Ana Vieira Fusão entre a representação do autorretrato cubista e a estrutura baseada na obra da artista. Greija de observação de aula Avaliação do desempenho do aluno (rubrica com atribuição de feedback) Preenchimento do questionário 2 Avaliação sumativa PROPOSTA DE TRABALHO (P6) Workshop (150 min) Exposição de trabalhos realizados em aula. Visita de Estudos à feira de projetos. Dinamização e organização de workshop de monotipia	

c) Plano de aula de dia 24 de maio de 2023

Agrupamento de Escolas Paulo da Gama Escola Básica 2/3 Paulo da Gama		 Ano Letivo 2022/2023
"Através do Espelho" – Autorretrato Cubista		
PLANO DE AULA DE EDUCAÇÃO VISUAL – 9.º ano		
Sumário: Representação do rosto Representação do autorretrato cubista através de estrutura tríptica espelhada. Técnica de pintura com acrílico. Visualização de alguns retratos cubistas.		Data: 24/05/23 Duração: 100 minutos Sala: AEV Ano/turma: 9ºF
Desenvolvimento da aula (Estratégias/atividades)		Recursos
Verificação de presenças Contextualização e orientação para o desenvolvimento da aula. Projeção sobre cubismo - Enquadramento histórico - Análise e possíveis interpretações - Análise da interação dos elementos visuais Participação solicitada/espontânea dos alunos Início do desenvolvimento do exercício proposto Escrita do sumário conjuntamente com os alunos Autorregulação por rubricas		Kit Tecnológico (computador e router) Projetor multimédia K-line Lápis X-ato Tinta acrílica Diluidor de tinta acrílica Pincéis Paleta
FUNDAMENTAÇÃO PEDAGÓGICA		
AUTORRETRATO CUBISTA A dinâmica de aula será sustentada pela: • Análise e interpretação de imagens projetadas (PPT) • participação solicitada/espontânea dos alunos • A visualização de retratos cubistas, tem como finalidade identificar as características do retrato cubistas fazendo oposição à representação fiel ao cânone do rosto. • Outra finalidade será ampliar a perceção da interação dos vários elementos visuais (a estrutura, a cor, os contrastes cromáticos das superfícies texturadas, os valores claro/escuro, os valores da linha, o movimento, a proporcionalidade, etc.), nas diferentes composições. • Compreender que a representação do rosto engloba o retrato físico e psicológico. RETRATO CUBISTA • Relembrar os alunos que o Cubismo estabelece relação com os conteúdos e as competências relativas às Projeções Ortogonais. Ao relembrar que o mesmo objeto assume "contornos" diferentes consoante o posicionamento do observador e do objeto em relação aos planos de projeção, a aprender que na pintura cubista a representação de um objeto reúne várias projeções parciais num único plano bidimensional. • Por último, reforçar que o Cubismo foi um movimento artístico que superou a visão fixa e estática do observador, negando a representação em perspetiva clássica e fixa do universo visível.		
PROGRAMA CURRICULAR 3.º CICLO		
Conteúdos programáticos		Resultados pretendidos
VISÃO/PERCEÇÃO		Interpretação e desconstrução de um retrato cubista. Registos individuais da desconstrução.
FORMA/ESTRUTURA		Representar a proporção do rosto (cânone)
LUZ-COR		Compreensão e aplicação da técnica de pintura com acrílico. Aplicar a síntese aditiva e a síntese subtrativa.
Avaliação		
Registos de observação Fichas de autorregulação		

APÊNDICE II – Planos de Aula



"Eu sou como sou..."

90°F

PLANO DE AULA de 18 de Abril de 2023

Observação de 26 autorretratos
Escolha de um autorretrato
Questiona o porquê da tua escolha
Tertúlia "A escolha"
Partilha em turma a(s) razões da escolha:
... emoções
... expressões
... Core(s) ...
Análise e ligação encontrando a ficha técnica a que corresponde à obra

Padlet
"Museu na Sala de Aula"
Preencher a Ficha Técnica da Obra
"NUM MINUTO ..."
Perguntas e respostas rápidas sobre as obras
50 Min
AValiação
Preenchimento de Formulário (Google Forms)

Obrigada pela atenção dispensada!
Maria Manuel Rodrigues



"Eu sou como sou..."

PLANO DE AULA de 26 de Abril de 2023

Atividade | "Ao Espelho"
Realização de Experiências
Registo fotográfico das impressões
AVALIAÇÃO
Preenchimento das Rubricas (individual)
15min
BOM DIA !
Agrupamento de Escolas Paulo da Gama
Maria Manuel Rodrigues



"Eu sou como sou..."

PLANO DE AULA de 10 de maio de 2023

Atividade | "Por um fio"
Autorretrato através da colagem de fios
Registo fotográfico do autorretrato
AVALIAÇÃO
Preenchimento das Rubricas (individual)
10 min
BOM TRABALHO !
Agrupamento de Escolas Paulo da Gama
Maria Manuel Rodrigues



"Eu sou como sou..."

PLANO DE AULA de 17 de maio de 2023

Interpretação e Desconstrução de um retrato cubista
Apresentação das suas características em grande grupo
O que sabes sobre o Cubismo?
Disponibilização do vídeo sobre a origem e as fases do Cubismo no classroom
Atividade
Autorretrato Cubista
Registo fotográfico do processo construtivo
AVALIAÇÃO
Preenchimento das Rubricas (individual)
BOM TRABALHO !
Agrupamento de Escolas Paulo da Gama
Maria Manuel Rodrigues



"Eu sou como sou..."

PLANO DE AULA de 24 de maio de 2023

Atividade
Autorretrato Cubista
Registo fotográfico do processo construtivo
AVALIAÇÃO
Preenchimento das Rubricas (individual)
Técnica de pintura com acrílico.
BOM TRABALHO !
Agrupamento de Escolas Paulo da Gama
Maria Manuel Rodrigues



"Eu sou como sou..."

PLANO DE AULA de 31 de maio de 2023

Atividade
Autorretrato Cubista
Registo fotográfico do processo construtivo
Construção estrutura tríplice espelhada. (K-Line e espelho acrílico)
AVALIAÇÃO
Preenchimento das Rubricas (individual)
BOM TRABALHO !
Agrupamento de Escolas Paulo da Gama
Maria Manuel Rodrigues



"Eu sou como sou..."

PLANO DE AULA de 7 de junho de 2023

Atividade
Autorretrato Cubista
Registo fotográfico trabalho
AVALIAÇÃO
Avaliação da Unidade Didática
preenchimento mentimeter
autoavaliação final da unidade/ano letivo
preenchimento questionário autoavaliação final- Classroom
Preenchimento das Rubricas (individual)
OBRIGADA !
Agrupamento de Escolas Paulo da Gama
Maria Manuel Rodrigues

APÊNDICE III – Padlet “Museu na sala de aula” «D1»

Padlet

Maria Rodrigues + 18 • 2M

Museu na sala de aula

Efetuada uma pesquisa na web. Cada aluno deverá completar a ficha técnica da obra que selecionou

Andy Warhol

Gênero: Retrato
Técnica: Serigrafia
Dimensões: 72 x 72cm
Correspondência artística: Pop Art
Sensações/ Emoções que a obra transmite: Transmite a ideia de Pop Art em si

Curiosidades: Foi empresário de uma banda Rock
Nome aluno(a): Rafaela L. Leite

Carlos Botelho

Gênero: Auto-retrato
Técnica: Óleo sobre cartão
Dimensões: 25x19cm
Correspondência artística: Modernismo
Sensações/ Emoções que a obra transmite: Achei a obra engraçada

Curiosidades: Carlos Botelho
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensões: 20 1/2 x 13 1/2

Curiosidades: Carlos Botelho
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensões: 20 1/2 x 13 1/2

General: Auto-retrato
Técnica: óleo sobre tela
Dimensões: 20 1/2 x 13 1/2 inches

Truism Johnson retratado DATA 1912 e morreu em 1912 (gênero auto-retrato, daí vem o nome Auto-retrato)

The man Johnson collection of African American Art

Gênero: auto-retrato
Técnica: óleo sobre tela
Dimensões: 20 1/2 x 13 1/2

Curiosidades: Quando o artista foi pintado, ele estava com 7 anos
Nome Aluno(a): ruben nunes

genero autorretrato
Técnica: óleo sobre tela

Jan de Goyen pintado em 1677, gênero autorretrato do artista 1673-1655

Salvador Dalí

Gênero: Retrato
Técnica: óleo sobre tela
Dimensões: 41 x 32,5 cm
Correspondência artística: Pós-impressionismo
Sensações/ Emoções que a obra transmite: Cansa

Curiosidades: Salvador Dalí
Gênero: Retrato
Técnica: óleo sobre tela
Dimensões: 41 x 32,5 cm
Correspondência artística: modernismo
Sensações/ Emoções que a obra transmite: equilíbrio

Curiosidades: ruben nunes

Vincent Van Gogh

Gênero: Self-portrait
Técnica: Óleo sobre o papel
Dimensões: 41 x 32,5 cm
Correspondência artística: Pós-impressionismo
Sensações/ Emoções que a obra transmite: Cansa

Curiosidades: Vincent Van Gogh foi um pintor pós-impressionista neerlandês.
Nome aluno: Leuciana Pinto
Gênero: 5
Título: ano: 1887

Cristiano Cruz

Gênero: autorretrato
Técnica: pintura sobre cartão
Dimensões: 19x14 cm
Correspondência artística: 1914 data da criação, Modernismo (época de vários movimentos)
Sensações/ Emoções que a obra transmite: reflexões pois neste autorretrato ele parece estar tentando a refletir sobre a vida

Curiosidades: O artista portu para a **América Latina** e realizou antes de partir para o Brasil

Nome do aluno: João VPP

Maaila Cornelia Fischer

Gênero: Retrato
Técnica: Litografia
Dimensões: 25x35,5
Correspondência artística: surrealismo
Sensações/ Emoções que a obra transmite: detalhes, muito trabalho, dar nas mãos, muito tempo investido, muitas ideias por ver e muito saber.

Curiosidades: artista era holandesa
Nome aluno(a): Wilma Carvalho
Título: Hunt With Reflecting Spheres
Ano: 1935

Guiseppi Archibaldo

Gênero: Auto-retrato
Técnica: Óleo no papel
Dimensões: 25x16,5cm
Correspondência artística: Modernismo
Sensações/ Emoções que a obra transmite: tristeza

Curiosidades: é o último artista de época que foi um tipo de artista de época para o surrealismo
Nome aluno(a): Cleonice

Aurélia de Souza

Título: ano
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo
Dimensões: 25x16,5cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite

Curiosidades: Nome aluno(a):

Ficha Técnica do Autorretrato de Vick Muniz

Título: ano
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo
Dimensões: 25x16,5cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite

Curiosidades: Nome aluno(a):

Paul Gauguin

Título: ano
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo
Dimensões: 25x16,5cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite

Curiosidades: Nome aluno(a):

Frida Kahlo

Gênero: Autorretrato com cor de azul e verde e fundo azul
Técnica: Dimensões: 46,3x46,3cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite: Cansa

Curiosidades: Nome aluno(a): Frida Kahlo

Paul Gauguin

Título: ano
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo
Dimensões: 25x16,5cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite

Curiosidades: Nome aluno(a):

Frida Kahlo

Gênero: Autorretrato com cor de azul e verde e fundo azul
Técnica: Dimensões: 46,3x46,3cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite: Cansa

Curiosidades: Nome aluno(a): Frida Kahlo

Ana Huthery

Título: ano
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo
Dimensões: 25x16,5cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite

Curiosidades: Nome aluno(a):

Luiz Castro

Título: Luiz Castro Ano: 1955
Gênero: Auto Retrato
Técnica: Óleo
Dimensões: 50x50x5cm
Correspondência artística: A artista começa com a pintura figurativa, porém influenciada pelo surrealismo, sendo rapidamente para a abstração lírica. A partir de 1961, com objetos na tela, antes de abandonar completamente a pintura pela montagem de objetos heterogêneos de colagem. Faz várias séries de colagem, além de colagem que põe em jogo, Sensações/ Emoções que a obra transmite: Fato sobre um sentimento de amor, pois ela vem a expressão das coisas.

Curiosidades: Luiz Castro viveu em Paris durante 25 anos
Nome aluno(a): Rafaela Delgado

Lynette Yiadom-Boakye

Gênero: Retrato
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensões: 35 1/8 x 21 7/8 cm
Correspondência artística: arte contemporânea (impressionismo)
Sensações/ Emoções que a obra transmite: A obra transmite uma sensação profunda e vívida tornando a obra mais interessante e reflexiva

Curiosidades: A artista nasceu no Gana
Nome aluno(a): Agneta André

Pablo Picasso

Gênero: Autor-retrato
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensões: 16x13cm
Correspondência artística: Modernismo
Sensações/ Emoções que a obra transmite: tristeza

Curiosidades: Pablo Picasso
Gênero: Autor-retrato
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensões: 16x13cm
Correspondência artística: Modernismo
Sensações/ Emoções que a obra transmite: tristeza

Curiosidades: Nome aluno(a):

Joan Miró

Gênero: Autorretrato
Técnica: Óleo e lápis sobre bone
Dimensões: 144 x 97 cm
Correspondência artística: Joan Miró, foi um pintor, gravador, escultor e ceramista espanhol. Cria sua própria linguagem artística e retrata a natureza da forma como feita a natureza, prático ou uma criação.

Sensações/ Emoções que a obra transmite: A obra me transmite um tipo de mundo de sonhos e fantasia, porque de três de um simples desenho tem uma pessoa. As reflexões que nem todos os artistas são capazes de fazer, devemos ter cuidado em quem confiamos.

Curiosidades: Não tenho
Nome aluno(a): Isadora Meneses

Tarsila Amaral

Título: ano
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo
Dimensões: 25x16,5cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite

Curiosidades: Nome aluno(a):

Abel Morin

Título: ano
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo
Dimensões: 25x16,5cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite

Curiosidades: Nome aluno(a):

Henry Taylor

Gênero: autorretrato
Técnica: Óleo sobre madeira
Dimensões: 11.43 X 40.98 X 2.54 cm
Correspondência artística: modernismo
Sensações/ Emoções que a obra transmite: representação da natureza

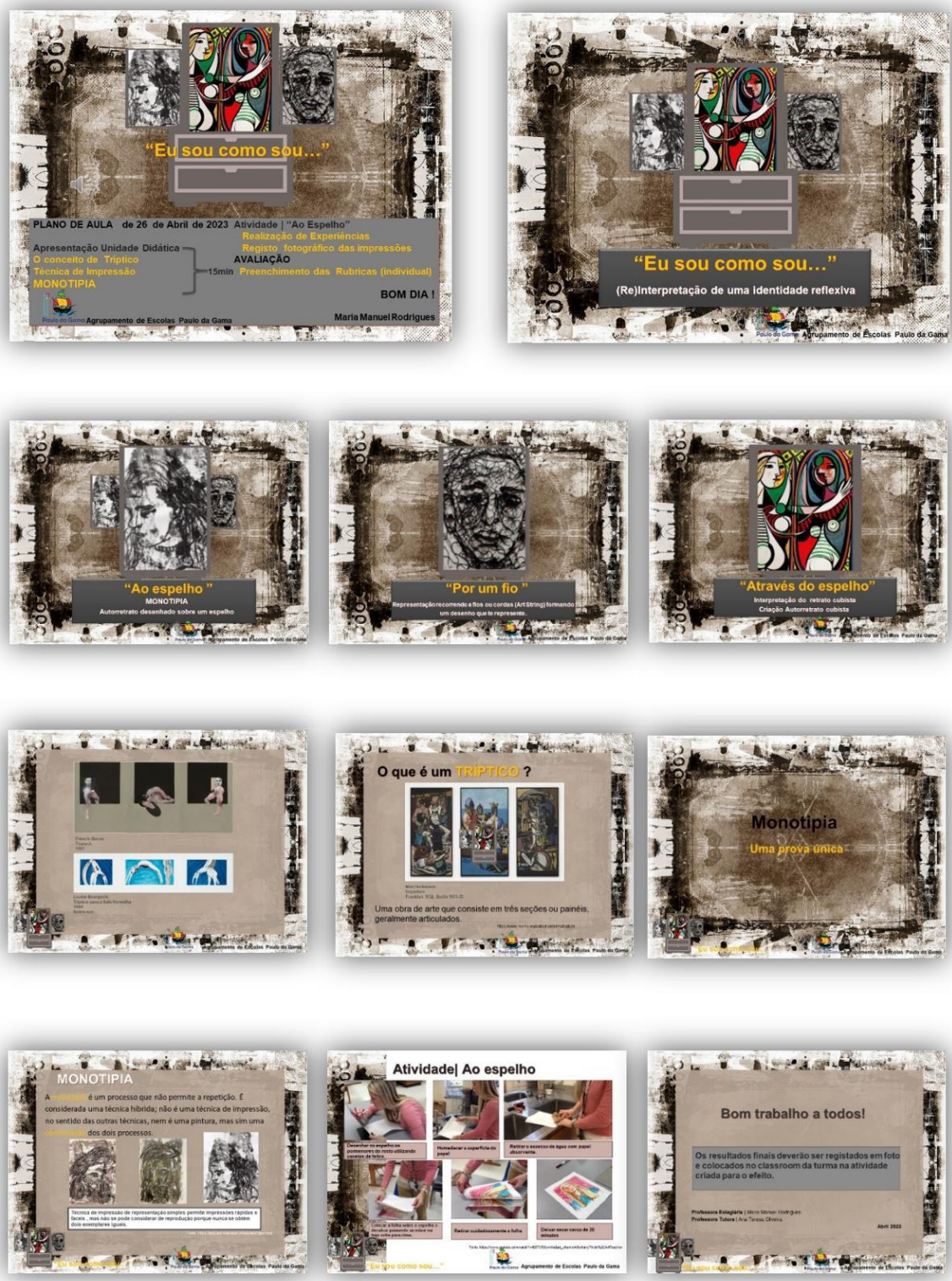
Curiosidades: Ele é muito conhecido por suas pinturas abstratas, criadas de modo ritual e instintivo. As melhores representações de Taylor, no entanto, são retratos. O pintor de Los Angeles, de 44 anos, foi apertado regular em seu próprio trabalho.
Nome aluno(a): Nuno Lopes

Henri Magritte

Título: ano
Gênero: Retrato
Técnica: Óleo
Dimensões: 25x16,5cm
Correspondência artística: Sensações/ Emoções que a obra transmite

Curiosidades: Nome aluno(a):

APÊNDICE IV – Apresentação da Unidade didática «Eu sou como sou...» e Oficina de Monotipia «Ao Espelho»



APÊNDICE V – Oficina de monotipia «Ao Espelho»





Resultados finais dos alunos do 9ºano turma F«D3»

APÊNDICE VI Participação na Feira de Projetos promovida pela CMS

Workshop de Monotipia dinamizado pelos alunos do 9ºano F





APÊNDICE VII – Oficina de String Art «D3»

A ARTE NUM FIO

Breve viagem pelos estilos artísticos

String in Art





Eva Hesse (Alemanha) *Untitled (Rope Piece)*, 1970.
Movimento artístico: Pós-minimalismo.



Verônica de Mendonça
A artista brasileira, nascida em 1964, desenvolveu uma obra de arte em fio de nylon de dimensões variáveis. Sua linguagem é de linhas e pontos, com o fio de nylon sendo o principal elemento de construção. O trabalho é considerado uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



Artista não identificado
Obras de arte feitas com fio de nylon e tecido, com dimensões variáveis. A obra é considerada uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



Christoph Schuster (Alemanha)
Schuster, nascido em 1964, desenvolveu uma obra de arte em fio de nylon e tecido, com dimensões variáveis. A obra é considerada uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



Olivia, Margarida Alves, Concurso da 1ª Bienal Municipal de Vila Rica 2013, série "Pirâmides" (material: fio de nylon de 20 cm de diâmetro)



Alencar (Brasil)
Obras de arte feitas com fio de nylon e tecido, com dimensões variáveis. A obra é considerada uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



Parangar (Brasil)
Obras de arte feitas com fio de nylon e tecido, com dimensões variáveis. A obra é considerada uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



Verônica de Mendonça
A artista brasileira, nascida em 1964, desenvolveu uma obra de arte em fio de nylon de dimensões variáveis. Sua linguagem é de linhas e pontos, com o fio de nylon sendo o principal elemento de construção. O trabalho é considerado uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



Alencar (Brasil)
Obras de arte feitas com fio de nylon e tecido, com dimensões variáveis. A obra é considerada uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



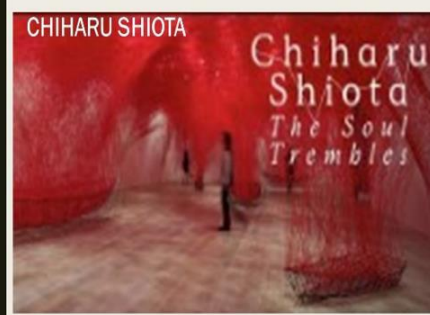
Verônica de Mendonça
A artista brasileira, nascida em 1964, desenvolveu uma obra de arte em fio de nylon de dimensões variáveis. Sua linguagem é de linhas e pontos, com o fio de nylon sendo o principal elemento de construção. O trabalho é considerado uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



Verônica de Mendonça
A artista brasileira, nascida em 1964, desenvolveu uma obra de arte em fio de nylon de dimensões variáveis. Sua linguagem é de linhas e pontos, com o fio de nylon sendo o principal elemento de construção. O trabalho é considerado uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



Verônica de Mendonça
A artista brasileira, nascida em 1964, desenvolveu uma obra de arte em fio de nylon de dimensões variáveis. Sua linguagem é de linhas e pontos, com o fio de nylon sendo o principal elemento de construção. O trabalho é considerado uma forma de arte contemporânea por sua liberdade em termos de materiais.
Movimento: Arte Contemporânea



CHIHARU SHIOTA
Chiharu Shiota
The Soul Trembles

Fontes:

NIT - Notícias on line - <https://www.nit.pt/fora-de-casa/na-cidade/a-portuguesa-que-transformou-um-mural-da-sua-infancia-em-arte-de-fio>

Wikiart - Enciclopédia das Artes Visuais - <https://www.wikiart.org/pt>

Notícias Público - <https://www.publico.pt/2014/10/29/p3/noticia/ela-criou-a-oliva-sete-piramides-de-algodao-1821521>

String in art - <https://www.youtube.com/watch?v=By52AF0mW>

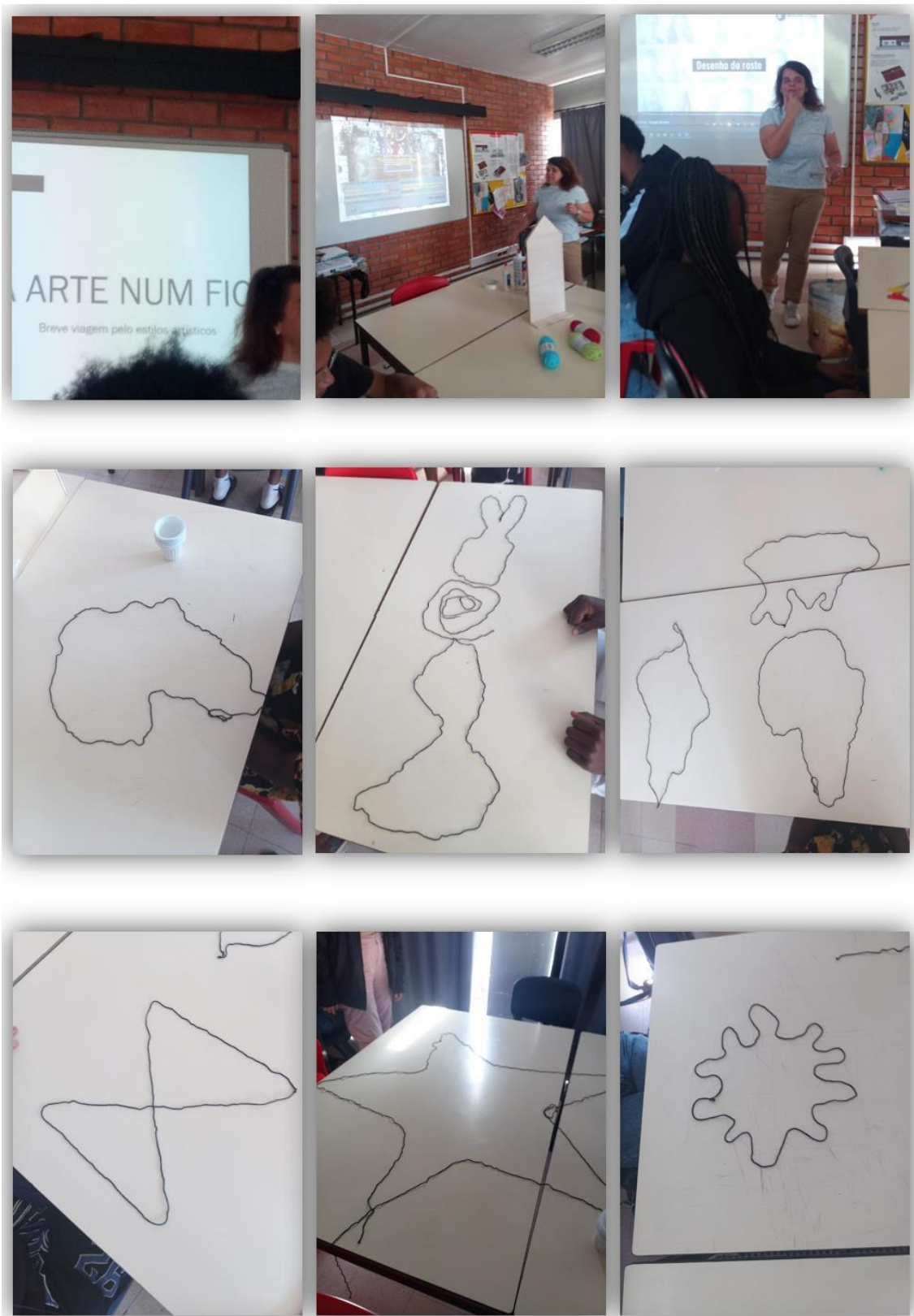
She changes - <https://www.echelman.com/project/she-changes>

Chiharu Shiota - <https://www.youtube.com/watch?v=e0YKX8Pb1nQ>

Coleção Fundação de Serralves, Museu de Arte Contemporânea, Porto

Centro de Arte Moderna Gulbenkian - <https://gulbenkian.pt/cam/artists/ana-vieira/>

Ode To Joy (Hino à Alegria) - <https://www.youtube.com/watch?v=PI0pAH2dcEY>



“Desenhar com um fio”. - Dinâmica desenvolvida em grupo por união de fios.



Autorrepresentação dos alunos utilizando a técnica da String Art

APÊNDICE VIII – Interpretação e Desconstrução do retrato cubista

Realizada em pequenos grupos de 5 alunos «D2»

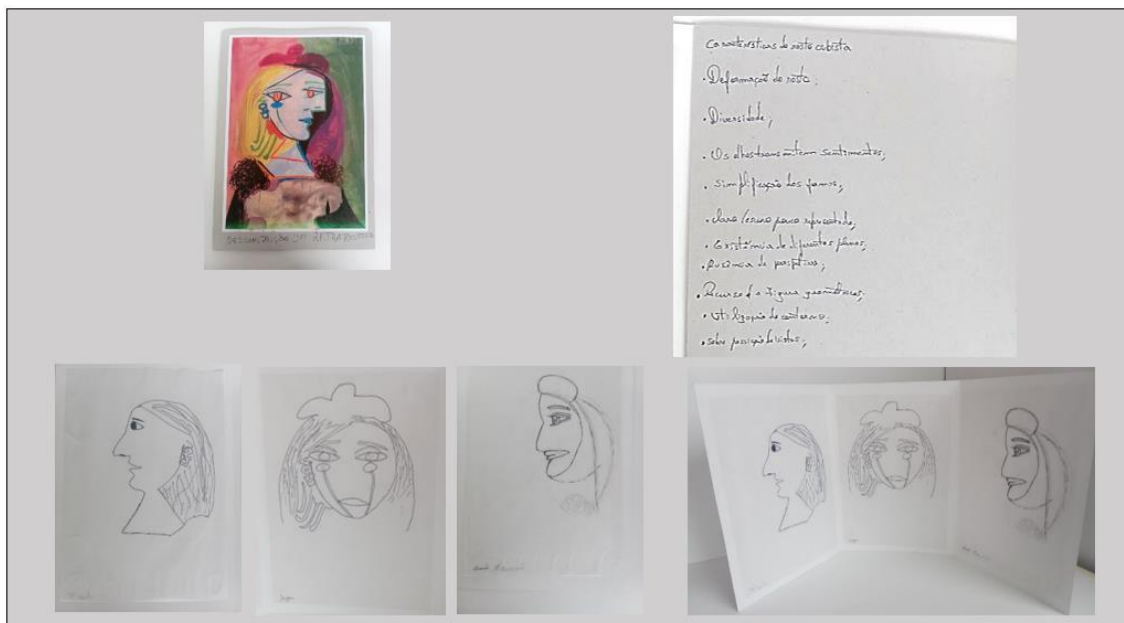


Trabalho realizado pelo grupo1 pelos alunos AA, RP, WB, JT E AS.



Trabalho realizado pelo grupo 2 pelos alunos GS, LC, RM, AN e ES.

Maria Manuel Cavaqueira Carrascal Rodrigues
«Per Speculum» explorando a tradução artística da identidade



Trabalho realizado pelo grupo3 pelos alunos EG, JR, IM, LP e LG.

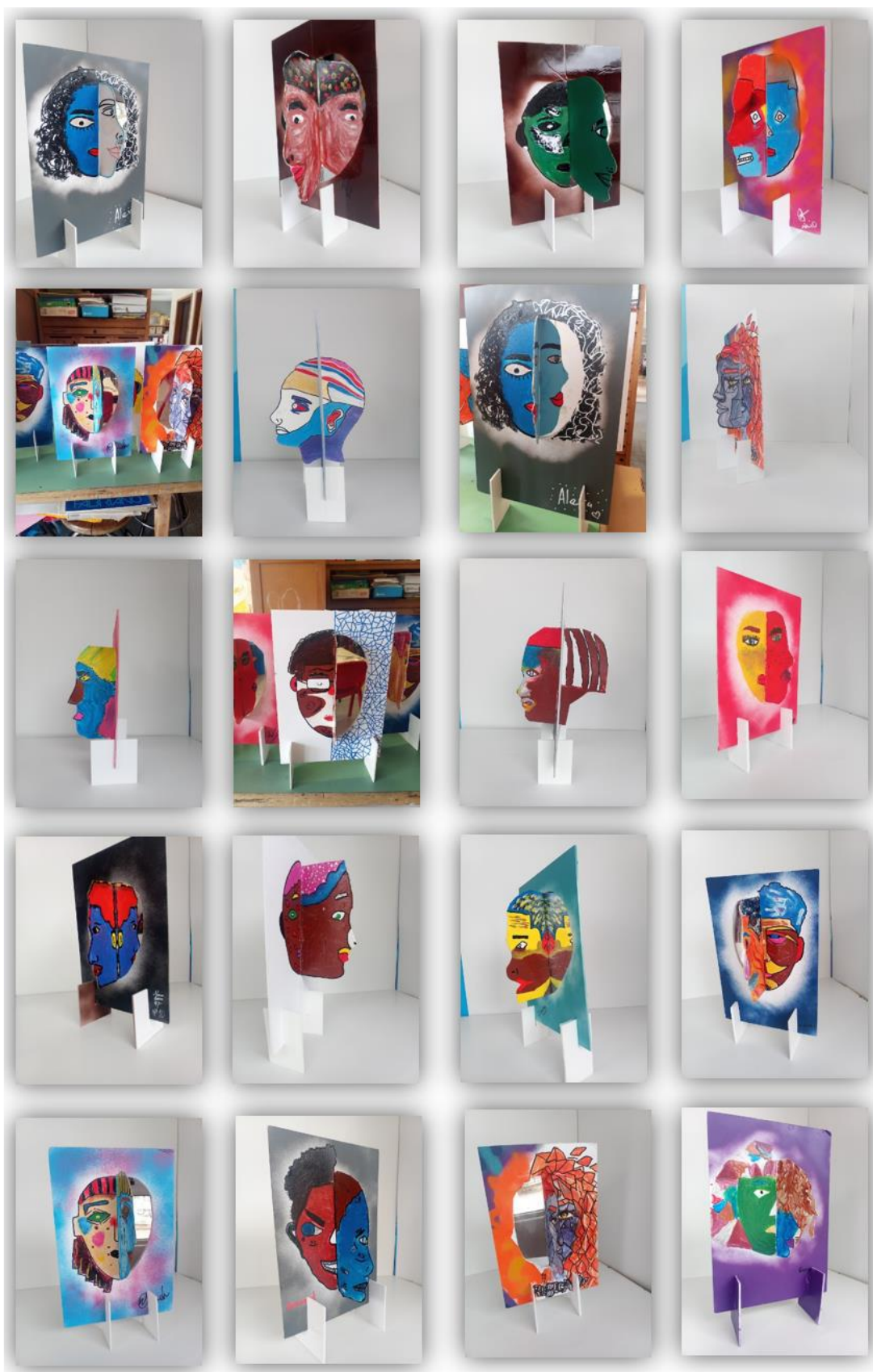


Trabalho realizado pelo grupo 4 pelos alunos MM, NL, RD, WF e RL.

APÊNDICE IX – Autorretrato Cubista – «D3»



Fases de execução do projeto Autorretrato cubista



Produto final – Revisitação da Obra *Efígie Transitória* de Ana Vieira

APÊNDICE X-Exposição virtual dos trabalhos da UD no site do AEPG

terça-feira, 18 julho 2023 Notícias FAQ Ligações Mapa do Site

INÍCIO ALUNOS PESSOAL ENC. EDUCAÇÃO SERVIÇOS CONTACTOS LOGIN

 Paulo da Gama

VÍDEOS AUTORRETRATO - EDUCAÇÃO VISUAL

Estão convidados a visualizar os vídeos (AUTOR)RETRATO, Para lá do Rosto, com trabalhos dos alunos do 9.º E e 9.º G, bem como o vídeo EU SOU COMO SOU, dos alunos do 9.º F, todos realizados em Educação Visual, em 2022/23. Na apresentação é possível observar a vida subjetiva dos retratados, com as suas diferenças de humor e expressão. Além do desenho e composição, a cor é um elemento essencial para se compreender o mundo interior dos autores.

Vídeo2-EU SOU COMO SOU-9F

"Eu sou como sou..."



(Re) Interpretação da identidade reflexiva

"O espelho reflete a realidade, mas o que eu pinto reflete a minha realidade interior."



Pablo Picasso

NOTÍCIAS SOBRE

[JI Quinta Conde P.](#)
[EB/JI Fogueteiro](#)
[EBI de Paivas](#)
[EBI O.ta Conde P.](#)
[EB2.3 Paulo Gama](#)
[Desporto Escolar](#)

"Ao Espelho" MONOTIPIA

Técnica de impressão de representação simples que permite impressões rápidas e fáceis, mas não se pode considerar de reprodução porque nunca se obtêm dois exemplares iguais.

Fonte: Escola Virtual



"POR UM FIO" STRING ART

Técnica, em que os fios passam por pontos pré-definidos numa superfície, para criar desenhos e padrões onde esses se entrelaçam e se cruzam.



"ATRAVÉS DO ESPELHO" AUTORRETRATO CUBISTA

Deformação do rosto;
Diversidade de cores;
Os olhos transmitem sentimentos;
Simplificação das formas;
Claro/escuro pouco representado;
Existência de diferentes planos;
Ausência de perspetiva;
Recurso a figuras geométricas;
Utilização do contorno;
Sobreposição de vistas.

Fonte: Características identificadas pelos alunos



Trabalho realizado pelos alunos do 9.ºF na disciplina de Educação Visual

 Paulo da Gama

Unidade Didática da responsabilidade da professora estagiária
Maria Manuel Rodrigues,
supervisionada por: Ana Teresa Oliveira.
2022/23

APÊNDICE XI- Entrevistas

Guião da entrevista ²³ com o Arte Educador Mário Campos

Explorando o Uso do Espelho como Tradutor da Identidade

Realizada na Casa da Cerca, Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Almada, no dia 15 de dezembro de 2023 após a assistência da atividade “do retrato ao autorretrato com Câmaras de desenhar”

Pergunta 1: Agradeço desde já a sua colaboração, pela forma pronta como respondeu ao desafio concordando colaborar para a minha pesquisa académica, que aborda a utilização do espelho como tradutor da identidade na educação artística. Poderia partilhar a sua experiência como arte educador? E para melhor contextualização, qual o papel que desempenha atualmente no Departamento?

Pergunta 2: Qual a sua formação? O que o cativou em optar pela escolha desta área?

Pergunta 3: Como arte educador, o que pretende retirar da relação de ensino aprendizagem?

Pergunta 4: O que se introduz como alimento dessa relação?

Pergunta 5: No que concerne, à atividade “do retrato ao autorretrato com Câmaras de desenhar”. Que questões procurou responder com a sua criação?

Pergunta 6: Pode descrever como é composta a “Câmara de desenhar”?

Pergunta 7: De forma inclui o espelho na sua prática pedagógica?

Pergunta 8: Como vê a relação entre o uso do espelho nas artes plásticas e o desenvolvimento da autoaceitação nos participantes?

Entrevistadora: Muito obrigado por partilhar as suas experiências pedagógicas e profissionais. A sua entrevista será um precioso contributo fundamental para o meu trabalho de investigação e para as formular as conclusões que advêm desta pesquisa

Pergunta móvel: Poderia partilhar uma atividade em que usou o espelho que tenha sido particularmente impactante para os alunos?

Pergunta móvel: O recurso ao uso do espelho pode desencadear maior interesse dos participantes na atividade? De que forma?

²³ As perguntas foram adaptadas no decorrer da entrevista.

Entrevista com o Arte Educador e responsável pelo serviço educativo da Casa da Cerca - Mário Rainha Campos

Explorando o Uso do Espelho como Tradutor da Identidade

Realizada na Casa da Cerca, Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Almada, no dia 15 de dezembro de 2023 após a participação da atividade “do retrato ao autorretrato com Câmaras de desenhar”

Agradeço a colaboração neste estudo e pelo convite para participar na atividade «câmara de desenhar». Aproveito para dar os parabéns, pela criação e implementação da mesma.

1. Poderia partilhar algumas das suas experiências como Arte-Educador?

- Trabalho como Arte Educador desde 2002, a altura em que terminei a licenciatura em Psicologia Educacional, trabalhei como Arte-Educador em muitos lugares, até integrar em 2011 a equipa da Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea. Durante as férias, tenho trabalhado como Arte Educador fora do país, normalmente em projetos de voluntariado em países lusófonos, e praticamente sempre através e usando o desenho como modalidade expressiva, expressão criativa do ser.

2. Consegue fazer alguma ligação entre o desenho e a psicologia?

- Sinto-me muito mais artista do que psicólogo, sinto-me muito mais professor do que psicólogo, e não sou professor, sou pedagogo, a minha arte é uma arte de relação com os outros.

3. Tem alguma formação específica pedagógica em Artes? Tem realizado algumas formações nesse sentido?

- Em relação às artes recebi formação na Gulbenkian, no Centro de Arte Infantil. E em cursos de formação de formadores. Estudei Desenho e Fotografia. Portanto, onde eu procurei sempre aprender, foi com a Arte propriamente dita, com os artistas e com a expressão criativa do ser, na resolução dos desafios que vou lançando, na análise e discussão desses mesmos resultados. A verdade é que muito daquilo que aqui se faz nasceu da observação, da escuta direta das necessidades, de procurar soluções para lá chegar e criar enunciados que concorram sinergicamente para as necessidades dos professores, para que eles façam destes espaços culturais também espaços educativos.

4. O que é que o levou a escolher esta área pedagógica, especificamente o ensino aprendizagem?

- Foi muito natural. Eu sou filho e neto de professores. Embora não seja professor, crio situações de aprendizagem mesmo que não esteja num lugar de ensino. Aquilo que procuro fazer é criar situações e comunidades de aprendizagem, lançando desafios. Portanto, espaços com engenhos, com arquiteturas de ocupações de espaço, com disponibilização de materiais para fazerem exercícios que concorram para aprendizagens relevantes, sem estar propriamente a ensinar ou a direcionar exclusivamente para uma resposta única.

5. Porquê a Câmara de Desenhar?

- A Câmara de Desenhar resulta de um problema, a Casa da Cerca há 30 anos, que se afirma como uma Casa do Desenho. Como técnico do Serviço Educativo, quando procuro fazer atividades, procuro que elas envolvam sempre o desenho. Cada vez que desafio os participantes a desenhar a primeira coisa que me dizem é que não sabem desenhar. Então, tenho procurado diversas estratégias para a sua desinibição, para capacitar todos a ultrapassar isso, independentemente da sua idade.

Em relação a esta ferramenta específica, como arte educador, como sempre tive um fascínio enorme por este engenho e como nunca tinha visto nenhum, precisei de fazer um. Em toda a investigação acabámos por chegar, à câmara de desenhar. Isto foi uma descoberta que fiz com um fotógrafo chamado Nuno de Albuquerque Gaspar, fotógrafo almadense, que na altura estava a fazer mestrado e veio cá fazer um estágio. Em 2012, através desta parceria criativa nasceram estas câmaras.

6. E o espelho? Qual é o papel do espelho aqui na câmara de desenhar?

- O papel do espelho, é o de fazer um fluido vertical. Esta câmara, tem um espelho a 45 graus, que faz com que a imagem dê uma cambalhota. Portanto, a imagem que aparece aqui em cima, retroprojetada, é simétrica da realidade, mas ainda assim aparece com a cabeça para cima e pernas para baixo.

O espelho simbólico, que é cada desenhador, que aqui funciona como uma atenção. Isto é, o desenho aqui é um tempo de atenção, simplesmente estar com os olhos nos outros, de dar atenção ao outro e de receber atenção do outro. É sobre empatia.

7. Que tipo de sensações quer criar?

- De cuidado, de serem cuidados, isto é, que estão a ser respeitados, estão a ser dignos de atenção, um clima de respeito. Eu procuro que em todas as atividades que faço, existam esses momentos de fascínio e de encantamento.

8. E o espelho, acha que consegue refletir esse fascínio?

- As obras de arte são espelhos, quando nós vemos uma obra de arte, há coisas que toda a gente vê e há coisas que nem toda a gente vê, sobretudo quando se começa a projetar, na leitura que fazem de uma obra, isso é um espelho, e esse espelho interessa muito mais daquele que se usa a 45 graus na câmara de desenhar. Obviamente se eu souber fazer um exercício de auto desenhar, é a partir de um espelho. Acho muito mais rico, estarem-se a desenhar através dos olhos dos colegas, que lhes dão a atenção.

9. Ou seja, neste caso, o outro é o espelho?

- O outro que o desenha é o espelho. Quem está a desenhar está no papel do espelho. Portanto, nós somos quem pensamos que somos, somos quem o outro pensa que nós somos, somos até o que pensamos que os outros pensam que nós somos, porém somos críticos para escolher, se concordamos ou não. Eu dou-te, eu fico dentro do teu desenho, com toda a atenção, com todo o meu cuidado, dou-te. Só tens que agradecer, basta não passares por cima e já não estás a perpetuar aquilo que eu vi em ti. Se tu não te vês assim, tu podes redesenhar a teu gosto e podes usar aquilo que eu te dei simplesmente como uma referência de proporções, de localizações específicas, de elementos visuais do teu aspeto. Posso tentar desenhar com linhas, posso tirar pontos, se não concordas tira só pontos de referência para fazeres o nariz como o entenderes, ou como pensas que um dia um cirurgião plástico o redefinissem.

10. Quais os resultados desta atividade? De que forma são importantes?

- É muito frequente os professores saírem de cá com os desenhos e fazerem uma exposição nalgum espaço da escola. Também é frequente levarem os desenhos vegetais e usarem para fazer novas transferências e fazerem murais coletivos. O que eles levam daqui é o que se chamava, no início do século passado, o cartão de visita. São uns retratos pequeninos. Podem oferecer alguém um retrato seu, ou usar como marcador de visita. Muitas vezes, o desenho aqui é simplesmente o início de um processo que depois continua em contexto coletivo. Normalmente os professores, entram em contato comigo e negociam o que é que querem fazer. Fico absolutamente feliz quando os professores me cedem tempo para estarmos em parceria criativa a conceber uma atividade que vá mais ao encontro das suas necessidades específicas.

11. Numa única palavra defina a relação entre a atividade e o ensino aprendizagem.

- Fascínio, ou melhor encantamento.

- Agradeço a amabilidade e disponibilidade.

Guião da entrevista²⁴ com ao Professor Arquiteto e Cenógrafo do Teatro Municipal de Almada José Manuel Castanheira

Explorando o Uso do Espelho como Tradutor da Identidade

«Per Speculum» explorando a tradução artística da identidade

Realizada no Teatro Municipal Joaquim Benite, no dia 9 de janeiro de 2024

Agradeço desde já a sua colaboração, pela forma pronta como respondeu ao desafio concordando colaborar nesta pesquisa académica, que explora a utilização do espelho como tradutor artístico da identidade.

Pergunta 1: Poderia partilhar a sua experiência pedagógica e artística?

Pergunta 2: Neste momento, encontra-se ligado de alguma forma ao Ensino ou formação?

Pergunta 3: Como professor, o que pretende retirar da relação de ensino aprendizagem?

Pergunta 4: O que se pode introduzir como alimento dessa relação?

Pergunta 5: Na sua prática pedagógica alguma vez explorou o conceito de identidade?

Pergunta 6: De que forma e com que intuito explorou a imagem especular na sua prática de ensino?

Pergunta 7: Considera essa inclusão, uma possibilidade viável para tradução da identidade? Porquê?

Pergunta 8: Poderia partilhar uma experiência ou mais em que usou o espelho na sua prática letiva ou nas suas criações?

Pergunta 9: Numa única palavra pode definir a relação entre a tradução da identidade e o ensino aprendizagem em artes visuais.

Entrevistadora: Muito obrigado por partilhar as suas experiências pedagógicas e profissionais. A sua entrevista será um precioso contributo fundamental para o meu trabalho de investigação e para as formular as conclusões que advém desta pesquisa

²⁴ As perguntas foram adaptadas no decorrer da entrevista.

Entrevista ao Professor Doutor José Manuel Castanheira

Arquiteto e cenógrafo do Teatro Municipal de Almada e Ex-Professor da Escola Superior de Belas Artes e da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa onde foi professor de Arquitetura, Projeto de Arquitetura, Cenografia e Arquitetura Efémera.

1. O que o levou a escolher a docência como profissão?

- Eu nasci numa aldeia, a 15 quilómetros de Castelo Branco, onde vivi os meus primeiros 12 anos de vida, num ambiente profundamente rural. A minha mãe era professora primária por isso, uma grande parte da minha vida foi na escola. Aí, aprendi a gostar de ser professor, embora na altura não tivesse a mínima ideia e perspetiva sobre isso. Curiosamente há 50 anos conheci a minha mulher, na condição de professora. Aliás, foi ela depois que me levou para o teatro. E, portanto, eu fui para o teatro e para professor por amor.

2. Que tipo de relação o professor manteve ou tentou manter como os alunos?

- A relação do professor com os estudantes que passa primeiro por uma questão de humanidade. Ou seja, a primeira coisa quem estão ali são dois seres humanos. Um que tem experiência e conhecimento e o outro que está à procura de respostas. Como na vida, é preciso contrariar a extrema rigidez e frieza com que hoje tudo se passa entre os seres humanos, que parece que não sequer têm de se conhecer e que são todos traduzidos em números. O professor é uma das peças fundamentais para tentar contrariar a terrível globalização.

3. Como professor, o que pretende retirar da relação de ensino aprendizagem?

- O professor deve ter a preocupação de proporcionar aos alunos, ferramentas e capacidades para lidar com o manancial de informação anárquico, confuso, milhões de coisas que invadem o imaginário do dia-a-dia dos jovens e que perturbam o acesso ao conhecimento, ao crescimento e a sua vida. Hoje existe a necessidade absoluta e o professor deveria ter essa preocupação, porque devido à sua experiência, não só de vida, como de acesso ao de conhecimento e, portanto, partilhar com o jovem essa capacidade de ser capaz de ter uma atitude crítica perante tudo aquilo que lhe é oferecido diariamente.

4. Onde e durante quanto tempo lecionou?

- Na Escola Superior de Belas Artes, e depois passei para a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Lecionei durante 40 anos. Também em outras universidades fora de Portugal. Desde a América, à Argentina, ao Brasil, a Cuba, ao México, a França,

a Inglaterra, à República Checa, Itália, Espanha e Grécia. Na totalidade, fui professor em 16 países.

5. Quais foram as Unidades Curriculares que lecionou?

- Eu dei aulas de Arquitetura, Projeto de Arquitetura, Cenografia e Arquitetura Efêmera.

6. Teve alguma experiência letiva no Ensino Básico e Secundário?

- Somente como convidado, dei aulas esporádicas e conferências. Mas, foi sempre uma visão diferente, do que exercer como profissional. Um convidado é tratado segundo um estatuto especial.

7. Nessas conferências, os alunos colocavam-lhe muitas questões? Que tipo de questões?

- Sim, com muita frequência. Apesar de, o tipo de questões que se colocam difere de escola para escola. E, portanto, isso é fruto de diferentes tipos de abordagens. Eu ia com alguma frequência, ao Instituto Politécnico de Castelo Branco, à Escola Superior de Artes Aplicadas. aliás eu sou um dos fundadores da ESARTE²⁵. Em geral, os alunos demonstram muita curiosidade nomeadamente em relação ao exercício da arquitetura e da cenografia.

Ser professor é uma missão, para exercer essa missão, é obrigatório a partilha e proporcionar conhecimento isso faz parte da nossa condição de existência, existir, adquirir conhecimento e experiência.

8. Como professor, o que é que o professor pretendeu retirar desta experiência de ensino-aprendizagem?

O meu objetivo foi sempre ir para além da transmissão de conhecimentos, preservar o mais possível a diferença e a identidade de cada aluno, que deveria ser fomentada e preservada. Muitas vezes, erradamente, o professor pretende ensinar a interpretar, mas o mais importante é ensinar os alunos a saberem interpretar.

O professor é um amigo, sem menosprezar o rigor e a disciplina. Sem dúvida que é uma relação de amizade. A propósito, levar os alunos para fora da escola, é absolutamente essencial. É fundamental que os professores habitem o espaço da cidade com os alunos. No início da minha carreira docente consegui criar um projeto pedagógico chamado “A Escola Em Viagem”, que resultou em duas experiências, uma em Portugal e outra em Espanha. A ideia era criar uma escola que não estava fixada num sítio. Uma

²⁵ Escola Superior de Artes Aplicadas

escola permanentemente móvel. E assim fizemos. Por duas vezes. Essa escola funcionava num comboio. Aprendia-se e desenvolvia-se trabalhos em viagem. Depois parávamos em cidades e ficávamos três ou quatro dias. O resultado final desta experiência verificou-se que a relação entre estudantes e professores saiu fortalecida, e a visão do mundo também.

9. Como lidou com os mais vários tipos de identidades?

Quando se está à frente de uma turma de 25 alunos, a primeira coisa que se tem de perceber é que não estão ali 25 alunos. Está ali um, mais um e mais um... São todos diferentes. E não podemos ter a pretensão de querer que eles sejam todos iguais. Mas sim a pretensão de que eles sejam, felizmente, todos muito diferentes. É riqueza da pluralidade e a diversidade. E cada um deles há de interpretar as coisas à sua maneira.

10. Como proposta de tradução da identidade, poderíamos sugerir, hoje vamos falar de mim?

A questão da tradução da identidade, está obrigatoriamente ligada ao espelho, ao uno, ao indivíduo. E, portanto, cada um tem um espelho à sua frente. E agora, para que lado é que ele está e o que é que ele reflete não é uma experiência coletiva, é uma experiência individual.

O espelho é um grande mistério, quando o primeiro ser se debruçou sobre o lago e viu a sua imagem refletida nas águas. Teve a primeira inquietação. O que é o espelho? Para que é que serve o espelho? Nos anos 90, tive a sorte de conhecer um dos maiores encenadores do teatro mundial, um senhor polaco chamado Jerzy Grotowski, um dia no final de uma conferência, em Itália, mais propriamente em Volterra, falámos e ele disse-me: “Vou dar-te um conselho. Todos os dias de manhã, quando te levantas, vais à casa de banho e a primeira coisa que deves fazer é olhar para o espelho. Coisa que pouca gente faz. As senhoras talvez façam mais, por razões óbvias. Os homens, se calhar, a maior parte nem fazem, outros farão, não sei. Mas muito pouca gente tem esse hábito. Olhas para o espelho. vê-te a ti próprio e perguntas. O que é que valerá a pena fazer realmente no pouco tempo que me resta? Só isso.” Uma grande banalidade, mas uma grande banalidade dita por um grande senhor, deixa de ser banalidade. Esta banalidade dita por Grotowski fica para o resto da vida.

O espelho tem uma utilidade extraordinária. Isto estava a ser dito por um encenador. Um dos maiores vultos do teatro de sempre. E ele estava-me a querer dizer duas coisas. Talvez a mais importante, é que nós temos que olhar para nós próprios. Coisa que o teatro, pretende fazer. Que é permitir-nos vermos a nós próprios. O que é que

nós andamos cá a fazer? Para que é que serve tudo isto? Tentar encontrar respostas para o mistério da vida.

11. Na sua prática pedagógica, teve alguma oportunidade de explorar a identidade?

- Sim, várias vezes. Estou-me a recordar, logo nos meus primeiros anos, eu fui convidado para criar uma turma piloto em arquitetura uma espécie de trabalho pioneiro na abordagem à arquitetura através de um exercício que estimulava os jovens a abordar estas questões através da plenitude dos sentidos.

Então, aquilo que se fez foi, na turma, escolher um jovem que morasse não muito longe, mas também não muito perto da escola, da faculdade. Um jovem que morava em Alcântara e que, portanto, todos os dias atravessava aquela parte da cidade até chegar ao Chiado. Na altura era no Chiado. E aquilo que nós tivemos que estudar foi essa experiência de acordar para o mundo, despertar, na cama, preparar-se e sair de casa e fazer a viagem até à escola. Com a ideia de tentar dissecar ao milímetro a riqueza brutal, quase infinita, de sensações que se desenvolvem desde o despertar até à chegada à escola. Mas, para facilitar essa aprendizagem, ficcionalmente, foi, e aqui de forma ditatorial do professor, foi proibido usar a visão.

E, portanto, toda a experiência que nós tivemos com o professor, foi proibido usar a visão. Verdade. E, portanto, toda a autópsia era feita através de todos os outros sentidos, exceto a visão. E porquê? Porque, como nós sabemos, nós estamos cada vez mais viciados na ditadura da visão, esquecendo tudo o resto. E, portanto, isso foi uma forma de obrigar, entre aspas, a ir pelos outros caminhos todos e tal. E, portanto, cada aluno, que era em grupos, explorou todos os outros caminhos, portanto, gravação de sons, cheiros, texturas de materiais, no tato, daqui, e dacolá, enfim. Depois, inclusivamente, a exploração do imaginário através daquilo que era proporcionado ao longo de tudo, para aí fora. E depois foi a reconstituição. Primeiro foi o inventariar tudo isso e depois foi a reconstituição. Na aula, portanto, uma representação a partir dos elementos repetidos. O resultado foi absolutamente extraordinário.

Vinte e tal, ou trinta anos depois, aparecem os grandes teóricos a escrever livros que agora são estudados sobre os olhos da pele. Mas, isto é para lhe contar um exemplo de como, de facto, aqui exploramos, até ao osso, em particular da vivida na sua individualidade por cada aluno.

- O ator antes de entrar em palco, vê-se ao espelho, e a partir daí incorpora aquela identidade. Faz-se passar por, como uma máscara. O espelho terá alguma influência para ele possa assumir essa identidade?

- Uma coisa que, para mim, é decisiva no teatro. É a inteligência do espectador. Para mim, é das primeiras coisas que me preocupam sempre. Preservar a inteligência do espectador, partir do princípio, absolutamente inabalável, de que todos os espectadores são portadores de uma extraordinária inteligência. nenhum espectador sabe, ou acredita, que o ator X, de repente, é o personagem Y. Toda a gente sabe que é mentira. todos sabem que é mentira. Mas todos vão querer imaginar que é verdade. Quando isso tudo acontece, é fantástico.

- A arte, os exercícios que a arte potencia, podem traduzir identidades? Se a arte, ou as práticas artísticas, podem traduzir a identidade?

- Sim, claro. A prática, sim. Seguramente aquilo que eu faço é diferente, tem uma identidade.... Tem uma identidade própria, específica, que cada um terá a sua.

Através das múltiplas experiências, que são sempre indissociáveis da própria experiência de vida, que obviamente é diferente de indivíduo para indivíduo.

Todo o trabalho de desenvolvimento ficcional, da imaginação, advém da pseudorealidade, portanto, quer dizer, advém da experiência de vida. Se não for assim, não é arte, porque será a tentativa de copiar aquilo que os outros fazem.

- O espelho faz-nos parar para pensar?

- Parar para pensar. Porque é uma das coisas que ninguém faz hoje em dia. Ninguém para para pensar. Duas pessoas ao verem-se ao espelho. Um vê uma coisa e outro vê outra. Cada um formula sua coisa. Mas a humanidade não lida com essa complexidade porque quer normalizar tudo.

- Numa única palavra pode relacionar o ensino aprendizagem e a tradução da identidade?

- Numa palavra. Proporcionar.

Declaração de Consentimento de Captação de Som e Imagem

Eu, _____, declaro
para os devidos efeitos autorizar por minha livre, específica e informada vontade, a
captação, tratamento e respetiva difusão da imagem própria e os dados pessoais
inerentemente a esta associados para recolha de dados para tratamento no âmbito do
Mestrado em Ensino das Artes Visuais da Universidade Lusófona de Lisboa , tendo
como finalidade o estudo desenvolvido por Maria Manuel Cavaqueira Carrascal
Rodrigues , apenas para os fins anteriormente indicados e durante o período de tempo
estritamente necessário à prossecução dessas mesmas finalidades.

Almada, _____ de _____ de 2023

Assinatura

APÊNDICE XII- Dinâmica de autoconhecimento "Onde me sinto..."

Localização na sala de aula	Sentimento/Emoção ou mensagem
Vidro Partido	"Iritada"
Chão	"Fatigued (cansada)"
Lua desenhada no quadro	"No mundo da Lua"
Garrafa	"Raiva"
Cacifo (colado ao contrário)	"Porque sou de fácil acesso, mas se for preciso sou uma das pessoas mais presa"
Pilha	"Pouca Energia"
Cacifo	"Muito privado. Só se abre com a chave certa"
Quadro (colado ao contrário)	"Porque as pessoas podem escrever coisas em mim, sabendo que vou apagar e que fica entre nós. E também, porque escondo as minhas emoções, mas no fundo olho para o mundo com um sorriso."
Fundo do Cacifo	"Eu vou-me por num lugar frio (escuro)"
Tranca do cacifo	"Fechada"
Quadro	"Alegria"
Porta de saída (exterior)	"Liberdade"
Expositor (sob a palavra respeito)	"Estou aqui porque sou respeitado por todos"
Parede	"Preso no amor"
Lavatório	"Como a água – Pacífica, a água trata, a água é vital (assim como todos) mas a água também destrói, sufoca, afoga e mata. Não que eu me mate, mas sou exatamente que nem a água, porque ela é flexível e agradável. Quando profunda e rasa depende de onde está"
Porta do armário	"Abre e fecha"
Atrás do armário	"Sozinho"
Professoras	
Cortina	"Proteção"
Interruptor	"ON e OFF – De muito ativa ao recolhimento"

Descrição da Dinâmica "Onde me sinto..."

Realizada com a turma de 9ºano F, na aula de Educação Visual do dia 25 de janeiro de 2023, com intuito de proporcionar aos alunos uma reflexão interativa contribuindo escrutinar traços de personalidade dos alunos para melhor se conhecerem.

Materiais utilizados: Marcadores, Papel e Fita Cola de Papel

Participantes: 17 alunos (num total de 19 presentes) + Professora Cooperante e Professora Estagiária